

Os jardins residenciais de Roberto Burle Marx em Fortaleza

Entre descontinuidades e conexões

Fernanda Cláudia Lacerda Rocha



Fernanda Rocha pretende, com este trabalho, contribuir para o exercício projetual do arquiteto e urbanista por meio da sistematização de abordagens de um conjunto de jardins residenciais de Roberto Burle Marx, na cidade de Fortaleza.

A autora parte da elaboração de um panorama da formação do arquiteto e urbanista no Brasil e contextualiza a atuação do paisagista Roberto Burle Marx no país, que se constitui um diferencial nessa seara, em âmbito mundial.

Ao identificar a lacuna existente nos estudos da obra de Burle Marx, no que se refere ao enfoque específico de seus jardins residenciais, particularmente aqueles de caráter urbano, Fernanda ressalta que se sobressai, de modo significativo, o conjunto dos projetos do paisagista em Fortaleza, visto que se implantaram na cidade cinco de seus jardins privados, três unifamiliares e dois multifamiliares, com características diferenciadas em relação ao contexto urbano e sociocultural. Tais jardins se constituem importante fonte de pesquisa e estudo para o paisagismo e para a arquitetura e urbanismo no contexto de Fortaleza, onde, a partir da chegada do paisagista, pelas mãos do arquiteto Acácio Gil Borsoi, inaugura-se o tratamento dos jardins modernos na cidade, e se estabelece uma trajetória orientada por diferentes momentos de sua urbanização.

**Os jardins
residenciais de
Roberto Burle Marx
em Fortaleza**

Os jardins residenciais de Roberto Burle Marx em Fortaleza

Entre descontinuidades
e conexões

Fernanda Cláudia Lacerda Rocha



APRESENTAÇÃO

A Coleção Estante Ceará é um passeio sobre a cidade de Fortaleza. Um trajeto que percorre espaço e tempo diferentes, lugares concretos e simbólicos, que abrigam corpos, natureza, esperança, luta, resistência, memória, cultura, religiosidade, arte, trabalho.

Nesse passeio, abraçados à cidade, saímos pelo bairro da Aldeota, acompanhando seu processo de expansão, que adquire uma centralidade e uma absorção de funções antes não experienciadas no espaço urbano de Fortaleza. Adentramos a Comunidade Católica Shalom (CCSh), um dos mais expressivos cenários da espiritualidade nos dias atuais; perdemo-nos em jardins incríveis projetados pelo mestre Burle Marx; ficamos sensibilizados com o apagamento do Riacho Pajeú e, ao mesmo tempo, redescobrimos um outro Pajeú, por meio de suas cicatrizes e do campo simbólico da arte. Uma arte que também se expressa nos muros da cidade, seja por meio de inscrições de anônimos reveladas a desconhecidos, seja pelas mãos de cinco artistas urbanos já conhecidos do fortalezense. Deslumbramo-nos, ainda, com o Titanzinho e com a força de sua comunidade; rememoramos uma cidade irreverente que dançava com os roqueiros do Perfume Azul, nos anos 1970, e chegamos ao bairro Bela Vista, via percurso da linha 304, com mulheres trabalhadoras, num trajeto diário que nos conta suas histórias de luta e resistência.

Essa Fortaleza, que se transmuta a cada dia e é ainda lembrada em fotografias que nos trazem uma memória da praça Clóvis Beviláqua, no centro da cidade, traspassa o tempo, expressando-se pela vivência de rotinas de produção audiovisual, apropriadas pela juventude do CUCA — no programa Conexões Periféricas. Processo emancipatório, a educação confirma-se em papel preponderante, a ser encarada como instrumento valioso, tal a encontramos na discussão sobre mediação de leituras, que se utiliza das bibliotecas comunitárias como um de seus suportes, e traz à tona responsabilidades diversas, muitas vezes submergidas no trabalho cotidiano de educadores e linguistas.

Confidenciamos aqui que fomos surpreendidos. A intenção era de montarmos um quebra-cabeça e fazermos um painel da cidade, mesmo em temporalidades descontínuas. Não contávamos com tamanha pluralidade de abordagens e olhares que nos desviaram de uma previsibilidade de rota.

São doze livros editados e impressos compondo a Coleção Estante Ceará. Trabalhos inscritos por meio de um edital público, que passaram por uma seleção minuciosa e crivo de seis professores doutores. Ao todo, foram setenta e cinco inscrições de trabalhos, anteriormente aprovados em suas respectivas

áreas acadêmicas. Ou em Mestrado, ou em Doutorado. Somos gratos por essas inscrições e confiança.

Agradecemos ainda, e novamente, agora aos autores ora publicados. Aos professores da banca julgadora, aos nossos parceiros e corpo técnico.

Cada livro apresenta um texto embasado em pesquisas que contemplam recortes temporais diversos e são referenciadas por um limite de tempo específico. Para torná-los mais acessíveis e informais, foram realizadas adaptações. Escrever, reescrever e derramar-se para o mundo, afinal, não é o que fazem os autores e os livros?

A Fundação Waldemar Alcântara, com a Coleção Estante Ceará, aqui apresentada, derramou-se então sobre Fortaleza e renova com o público o sabor de encontrar-se com a cidade onde habita.

Dora Freitas e Silvia Furtado

Editoras

A meus pais, Gláucia Alves Lacerda (*in memoriam*)
e Fernando de Oliveira Rocha, e, por intermédio deles,
à minha ancestralidade, que honro e ofereço amor,
gratidão e reconhecimento.

AGRADECIMENTOS

Esta publicação apresenta o cerne do conteúdo da dissertação, defendida em janeiro de 2015, no Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Arquitetura e Urbanismo, em um MINTER, mestrado interinstitucional ofertado pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, UPM, e Universidade de Fortaleza, Unifor, com apoio do CNPq e da FUNCAP.

Sou grata ao meu orientador, Prof. Dr. Abílio Guerra, e às inúmeras pessoas que conviveram com Roberto Burle Marx e/ou vivenciaram de perto os espaços aqui apresentados, que também me deram suporte em seu desenvolvimento: Isa e Luce Macedo, Denise Pontes, Pio Rodrigues Neto, Stela Rolim, Haruyoshi e Isabela Ono, José Tabacow, Guilherme Mazza Dourado, Ricardo Marinho, Delberg Ponce de Leon, Fausto Nilo, Francisco Hissa, José Hissa, Luis Fiuza, Mariza Barreira, Melissa e Roberto Macedo.

Tantas outras pessoas, direta ou indiretamente, das mais variadas formas contribuíram para a consecução deste trabalho até este momento, as quais destaco por seus nomes e apresento-lhes minha gratidão: Aline Figueiroa, Ana Rita Carneiro, Joelmir Silva, Maria Cecília B. Gorski, Ana Paula Marques, Ana Carolina Alves, Guilherme Pinto de Almeida, Cecília Ewbank, Dodora Guimarães, Dreide Araújo, Jarbas Oliveira, Sérgio Castro, Sílvia Furtado, Daniela Alcântara, Napoleão Ferreira Neto, Flora Mendes, Edilson Aragão, Euler Muniz, Nícia Bormann, Neudson Braga, Pedro Boaventura, Ricardo Bezerra, Vera Feijão, Wladimir Capelo, Christine e Xisto Medeiros, Adriano Bastos, Amanda da Costa, Anne Castro, Beatriz de Azevedo, Daphny da Silva, Davi Gomes, Gabriela Guedes, Ingrid Souza, Ítalo Pereira, Karolyne Lima, Lora Filizola, Marina Marques, Luciana Sampaio, Lucianna Dotto, Marcello Bomfim Jr., Matheus Moreira e Thiago Maranhão.

Por fim, agradeço à Fundação Waldemar Alcântara, que oportunizou a seleção e a publicação em livro deste trabalho, contribuindo com a disseminação do conhecimento acerca do tema e de importantes aspectos da cidade de Fortaleza, CE.

SUMÁRIO

Introdução – 12

Capítulo 1 **O paisagismo na formação do arquiteto e urbanista – 24**

Capítulo 2 **Os mais recentes jardins residenciais de Burle Marx em Fortaleza – 40**

2.1 Edifícios Coast e Sea Tower – 51

2.2 Edifício Portal da Enseada – 64

2.3 Residência Stela Rolim e Pio Rodrigues Neto – 83

2.4 Residência Denise e José Carlos Pontes – 95

Capítulo 3 **O marco inaugural do paisagismo de Burle Marx em Fortaleza – 106**

3.1 A residência Luce e Benedito Dias Macedo – 112

3.2 Mudança de uso: Sede do Grupo J. Macedo – 137

Considerações finais – 146

Notas – 151

Referências – 154

Introdução

No âmbito da arquitetura e do paisagismo, Hugo Segawa (2009, p. 13) considera ser a contribuição de Roberto Burle Marx “a mais transcendental do Brasil para a cultura mundial do século XX”. Diferentes passagens dos relatos de Lucio Costa (1995) o situam junto ao grupo de arquitetos que, inicialmente capitaneados pelo próprio Lúcio, dedicam-se a estruturar o que hoje se conhece por arquitetura moderna no país. Em 1953, Mário Pedrosa destacava a notável e pioneira contribuição que o então jovem artista trazia à nova arquitetura, por meio da arte do jardim e, embora a designasse complementar à primeira, assume como ponto de partida a integração entre o jardim e a arquitetura, com uma preocupação unânime em não distinguir entre espaços interiores e exteriores, entre os “arquitetos sérios” (PEDROSA, 1981, p. 263). Essa integração, que Guilherme Mazza indica na reiteração do próprio Pedrosa em 1958, mostra o jardim não “mais como um componente secundário ou submisso”, e sim assumindo “papel central na qualificação dos espaços construídos e na afirmação do próprio espírito do lugar”, consolidando “um dos princípios distintivos da modernidade brasileira: a associação entre paisagismo e arquitetura” (2009, p. 213-214).

O reconhecimento do papel de Roberto Burle Marx no paisagismo é reforçado por uma vasta gama de autores brasileiros e estrangeiros, exemplificados, sem a pretensão de se esgotar todo o elenco de nomes, por Hugo Motta (1986), Giulio Rizzo (1992), Conrad Hamerman (1995), Lisbeth Gonçalves (1997), Jacques Leenhardt (2000), Martha Montero e Ann Wright (2001), Vera Siqueira (2001), Abílio Guerra (2002), José Tabacow (2004), Ana Rosa Oliveira, (2007), Guilherme Mazza (2009), Lauro Cavalcanti e Farès el-Dahdah (2009), e Ana Rita Carneiro (2010), que, frente à abrangência da obra do paisagista, compõem um amplo e diversificado panorama de sua produção, colocando em pauta significativos aspectos de sua obra, em diferentes momentos e contextos socioculturais.

Diante dessa diversidade, no entanto, verifica-se uma lacuna no tema específico dos jardins residenciais do paisagista, principalmente naqueles de caráter e dimensões urbanas, o que oportuniza e reforça a relevância do estudo aqui proposto, relacionado aos jardins residenciais de Burle Marx, projetados e implantados em Fortaleza entre as décadas de 1960 e 1990, tanto para acrescentar mais uma abordagem a essa produção, a partir de um determinado recorte espaço temporal, quanto para, daí, trazer à tona questões significativas sobre o paisagismo na formação do arquiteto e urbanista, sejam estas de abrangência local e/ou de dimensão nacional.

Partindo da perspectiva regional, a pesquisa sobre os jardins de Burle Marx no Nordeste (CARNEIRO; SILVA; SILVA, 2013) mostra que em oito dos nove Estados da região — já que não há registros da passagem do paisagista por Sergipe

— ele elaborou aproximadamente 124 projetos, dos quais 95 foram realizados. Nesse rol, encontram-se 21 projetos para residências ou edifícios residenciais, dos quais apenas a Residência Cornélio Brennand (Sítio São João da Várzea) em Pernambuco, não tem caráter urbano, estando assim distribuídos: um em Alagoas, cinco na Bahia, cinco no Ceará, um na Paraíba e nove em Pernambuco.

Os cinco jardins residenciais realizados em Fortaleza, objetos deste estudo, foram assim projetados por ordem cronológica: residência Luce e Benedito Macedo, em 1968; residência Denise e José Carlos Pontes, em 1980; Edifício Portal da Enseada, em 1985; residência Stela Rolim e Pio Rodrigues, em 1988; e o conjunto de Edifícios Coast e Sea Tower, em 1993.

Tais projetos são analisados a partir das propostas de Roberto Burle Marx e do período de implantação de cada um deles, utilizando-se como fonte de pesquisa o acervo do Escritório Burle Marx & Cia. Ltda., com exceção da proposta relativa à residência Stela Rolim e Pio Rodrigues, cujos arquivos foram gentilmente cedidos pelos respectivos proprietários.

A abordagem desses jardins em cronologia invertida é uma estratégia metodológica que se pauta na diversidade de possibilidades, observadas na condução da produção do conhecimento, em convergência com o pensamento de Sposito (2004) e em contraponto ao pensamento lógico-positivista. Considerando-se o privilégio da singularidade presente em cada um dos jardins estudados, sobrevém a riqueza de princípios adotados por Burle Marx, que se apresentam de forma crescente, naqueles projetos mais recentes até sua proposta inaugural do jardim moderno em Fortaleza, justificando-se, assim, a opção de organização adotada, em busca da compreensão de uma maior gama desses princípios e de sua valorização na formação e prática projetual do arquiteto e urbanista.

No sentido da conexão dessa produção com a formação do arquiteto e urbanista, abrem-se parênteses para um breve relato sobre o enorme potencial de questões e estudos que esta obra é capaz de suscitar no universo do ensino e da pesquisa. Nesse viés, destacam-se os jardins do Theatro José de Alencar, TJA, por duas vezes objeto de intervenção do paisagista, e os jardins da Residência Luce e Benedito Macedo, marco inaugural de sua trajetória na cidade, igualmente objeto de intervenção posterior do arquiteto autor do projeto, Acácio Gil Borsóí, e do paisagista, adequando-a a novo uso e que se constituíram respectivamente, em 2006 e 2007, objetos de estudo e proposição por parte dos alunos da disciplina de Paisagismo¹, no curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Fortaleza (Unifor). Tais estudos oportunizaram investigação pormenorizada e, à guisa de desdobramentos, a criação do projeto de pesquisa Laboratório da Paisagem², integrando o Grupo de Pesquisa Espaços Livres e Ambiente Construído e a linha de pesquisa

Natureza, Cidade e Transformação da Paisagem Urbana, do Centro de Ciências Tecnológicas, CCT, dessa Instituição de Ensino Superior, IES.

As atividades do Laboratório da Paisagem, diretamente vinculadas aos estudos dos jardins de Burle Marx, em agosto de 2007, vieram a público a partir da realização de evento integrante da Programação Cultural do TJA, em que se realizaram, conjuntamente, a Conferência “Roberto Burle Marx (1909-1994): os jardins do Recife”, ministrada pela Professora Ana Rita Sá Carneiro, Coordenadora do Laboratório da Paisagem da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com mediação dos arquitetos Francisco Veloso, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), e Nícia Bormann, paisagista e ex-estagiária de Burle Marx; visita guiada pelos Professores: Fernanda Rocha, da Universidade de Fortaleza (Unifor), e Ricardo Bezerra, do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Ceará (DAU-UFC), aos Jardins do Theatro e, a abertura da mostra, também organizada pelo Laboratório, “Viver o Verde da Cidade, Viver o Verde na Cidade: vida e obra de Burle Marx a partir do jardim do TJA”, que ficou em exibição na Galeria Ramos Cotoco (anexo do TJA) durante todo o mês, marcando o aniversário de nascimento do paisagista (4 de agosto de 1909).

Considerando-se que um dos subprojetos de pesquisa do Laboratório trata especificamente dos jardins de Burle Marx em Fortaleza, cabe destacar, ainda como parte de suas realizações, a organização e promoção de eventos relacionados à discussão sobre a paisagem, tais como os Colóquios sobre a Paisagem, em oito edições, no ano de 2009; quatro no ano de 2010; e mais uma em 2013. Em 2009, a edição *Roberto Burle Marx, 100 anos de arte*, com Ricardo Marinho, responsável pela implantação dos jardins de Burle Marx em Fortaleza, marcou os 100 anos de aniversário do artista. E, em 2010, outra edição, dessa vez com José Tabacow, ex-sócio de Burle Marx, abordando o tema *Roberto Burle Marx: a valorização da flora Brasileira*.

Em parceria com o LEAU-UFC, lança-se, em 2009, a partir do XXV Simpósio Nacional de História, promovido pela Associação Nacional dos Professores Universitários de História (ANPUH), o opúsculo *Roberto Burle Marx e o Theatro José de Alencar*, reeditado em edição revista e ampliada em 2012, dessa vez com recursos do Prêmio Literário para Autores Cearenses, na categoria Otacílio de Azevedo, de reedição, promovido pela Secretaria da Cultura (SECULT), do Governo do Estado do Ceará, com o título *Roberto Burle Marx e o Theatro José de Alencar. Um projeto em dois tempos*.

Em 2013, a divulgação das pesquisas realizadas conjuntamente sobre o tema contou com a publicação do livro *Jardins de Burle Marx no Nordeste do Brasil*, organizado por pesquisadores da UFPE, destinando capítulo para sete

Estados entre os nove que configuram o Nordeste brasileiro. No caso do Ceará, tratou-se dos *Jardins de Burle Marx para o Theatro José de Alencar em Fortaleza*.

Nesse mesmo ano, o projeto *Natural-Natural: Paisagem e Artifício*, concebido e coordenado pela Artista Plástica Ana Maria Tavares, também Professora do Departamento de Artes Plásticas da Escola de Comunicação e Artes, da Universidade de São Paulo, ECA-USP, debruçando-se sobre Fortaleza e a produção local de Burle Marx, constitui-se a partir de quatro laboratórios. Os *LAB-01 e LAB-02: Reconstruções de Paisagem* enfocaram os Jardins de Burle Marx do Theatro José de Alencar e da Sede do BNB, no Passaré, buscando em conjunto com artesãs e *designers* locais, “a investigação de técnicas, processos e materiais para a produção de obras de arte”. O *LAB-03: Pesquisa – Entre a História e a Atualidade do Lugar* buscou referências e compreensão do contexto no qual se inserem as obras de arte produzidas pelo grupo e expostas no Museu de Arte Contemporânea, MAC, do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, CDMAC, e, posteriormente, no Centro Cultural Banco do Nordeste, CCBNB, em Juazeiro do Norte. O *LAB-04: Diálogos da Modernidade: entre Ciência, Política e Estética*, concebido como um Seminário Internacional, com o intuito de “promover uma perspectiva crítica sobre a interação da arte e da arquitetura com a ciência e o social” (TAVARES, 2013, p. 19), realizou-se no CCBNB em Fortaleza. Integralmente disponível em mídia eletrônica³, o evento contou com a participação de palestrantes nacionais e internacionais e mediadores⁴, dentre eles a autora deste trabalho, que prestou consultoria e orientou visita técnica para as artesãs em outros momentos do projeto. A apresentação *Burle Marx em Fortaleza: auspícios de modernidade?* buscou resgatar uma visão crítica do percurso do paisagista em Fortaleza, incorporando discussões fomentadas no âmbito do Minter UPM/Unifor, especialmente por intermédio da disciplina “O edifício e a cidade: produção, planejamento e projeto”, ministrada em conjunto pelos Professores Nadia Somekh e Abílio Guerra.

Em outubro de 2014, o Seminário de Documentação e Conservação do Movimento Moderno Norte/Nordeste, 5º Docomomo N/Ne, realizado pelo Docomomo Brasil, em parceria com o DAU-UFC, promoveu, para sua divulgação, ciclos de palestras com o tema *Arquitetura modernista no Ceará*, das quais o Laboratório da Paisagem Unifor foi convidado a participar, apresentando como resultado das pesquisas a palestra *Burle Marx em Fortaleza*.

Nos dois anos de duração do mestrado, grupos de alunos integrantes do Laboratório da Paisagem e participantes do Programa de Aluno Voluntário de Iniciação Científica (PAVIC) da Unifor, apresentaram artigos relacionados ao tema foco desta Dissertação, nos Encontros de Iniciação à Pesquisa⁵ (EIP).

Todo esse esforço se dá na perspectiva da apropriação de uma produção paisagística inegavelmente significativa, objetivando ao enriquecimento do fazer arquitetônico e urbanístico, em que a essência do pensamento transdisciplinar, presente na obra de Roberto Burle Marx, vem contribuir para a elaboração de questões relativas à paisagem de Fortaleza; ao paisagismo aqui praticado, em suas diferentes escalas e abordagens, em busca de reorientação; e, à sua inserção como corpo disciplinar na formação do arquiteto e urbanista. Nesse sentido, as descontinuidades e as conexões presentes na trajetória do paisagista em Fortaleza, especificamente aqui retratadas por seus jardins residenciais, podem fornecer pistas de um passado ainda presente e, mais que isso, apontar caminhos ou “princípios”, utilizando-se a expressão adotada por Burle Marx para intervenções sobre a paisagem da cidade.

Em que pese à condição polissêmica e polifônica da paisagem, em seus múltiplos significados e vozes, e embora não se trate, neste estudo, de uma discussão teórica sobre o tema, faz-se necessário esclarecer o porquê de sua consideração para esse fim, como conceito operativo para as práticas do arquiteto e urbanista, segundo a abordagem de Euler Sandeville (2005, p. 13), que a entende em sua concretude e complexidade “como resultante da ação histórica dos homens em interação com a natureza, ou seja, como conformação em câmbio de processos naturais e humanos em um sítio (lugar, região)”, implicando “em sínteses diversas”, “as quais envolvem a inteligência e a organização do espaço em escalas diversas.” Sob este arcabouço conceitual, tomam-se, então, os jardins residenciais de Burle Marx em Fortaleza, síntese de um processo de inteligência do paisagista na organização do espaço livre residencial, em que se buscam compreender os princípios de sua atuação em paisagismo, como subsídios para as práticas do arquiteto e urbanista.

A partir dessas elocuições, faz-se necessário ressaltar, que o paisagismo é, à luz desse enfoque, considerado como atividade de estudo, produção e tratamento de espaços livres, podendo abranger desde a concepção projetual e a implantação de jardins de diferentes portes, praças, parques e espaços livres em geral, até o planejamento paisagístico local e regional, em conformidade com o pensamento de Sílvio Macedo (1999). Destaca-se, ainda, que, para além da discussão acerca das atribuições profissionais de arquitetos e urbanistas, de engenheiros agrônomos ou florestais, de botânicos, e de quaisquer outros, à parte do escopo deste estudo, a importância de que se reveste a essência do paisagismo diz respeito a uma ação intencional sobre a paisagem, comprometida com valores ecológicos, éticos, estéticos e socioculturais, profundamente vinculada ao seu contexto, a despeito da formação de quem a realiza. Daí a opção, no desenvolvimento deste estudo, pela adoção do termo paisagismo,

em detrimento da designação arquitetura paisagística, visto tratar-se, esta última, atualmente, de uma atribuição exclusiva do profissional arquiteto e urbanista, o que não corresponde à formação acadêmica em Belas Artes de Roberto Burle Marx e, ainda, no dizer de Sun Alex (2008, p. 65), ser “um anglicismo que, em vez de ampliar, reduz o escopo tanto da arquitetura como da paisagem e obscurece a discussão sobre o desenvolvimento da *landscape architecture* no desenho e na paisagem das cidades”.

Retomando-se as ideias de Roberto Burle Marx, foco e gênese do estudo proposto, imprescindível é destacar que sua atividade de paisagista era exercida de modo amplo e complexo, embora a resultante disto fosse por ele, Burle Marx, denominada jardim⁶. Suas considerações acerca do jardim o explicitavam “como sinônimo de adequação do meio ecológico para atender às exigências naturais da civilização” (MARX, 1954, p. 23). Mesmo ao intervir em escalas ampliadas, como praças, jardins de caráter científico e/ou grandes parques, exemplificados pelo paisagista nas Praças Euclides da Cunha e Casa Forte, ambas em Recife; no Parque Zoobotânico, em Brasília; e nos Parques del Este, na Venezuela, e do Flamengo, no Rio de Janeiro, desde o início de sua carreira, Burle Marx denominava-os jardins, planejando-os e realizando-os como tal, conforme reitera ao longo de sua carreira, em prática e discurso exposto em conferências (TABACOW, 2004). Esse posicionamento, diverso da busca de uma precisão conceitual, reflete a “atitude filosófica assumida”, comparada ao “comportamento do homem neolítico: aquela de alterar a natureza topográfica, para ajustar a existência humana, individual e coletiva, utilitária e prazerosa”, que, respondendo por “uma razão de percurso histórico e por uma consideração do meio natural”, sem pretensões de originalidade ou descoberta, assume a modernidade ali presente, ao mesmo tempo em que “jamais perde de vista a razão da própria tradição, que são válidas e solicitadas” (MARX, 1954, p. 23-24). Desse modo, seus jardins, para além de uma classificação tipológica, assumem o caráter de espaços integradores, como pressuposto de sua concepção e como possibilidade de realização em sua existência.

Sobre o tema dos jardins residenciais, em conferência de 1968 (TABACOW, 2004, p. 97), Burle Marx destaca sua importância para a época, predizendo algo que ainda hoje não se concretizou de fato: a valorização do jardim público em detrimento do particular. Entretanto, afirma que o jardim particular “deveria ser uma decorrência de problemas urbanísticos bem solucionados e não apenas uma resultante do objetivo de lucros imediatos, que deixam de lado todo um conceito equilibrado de como viver em uma comunidade”. Também apresenta como diagnóstico da condição dos jardins de sua época, não muito diversa do momento atual, a redução de dimensões e sua transformação “em

agrupamentos de plantas que não chegam a preencher suas funções". Elenca requisitos fundamentais a esses jardins, presentes desde as casas coloniais, tais como a promoção da sensação de bem-estar, a emoção por cores e formas e, em consonância com os modos de viver de sua época, inspirado por preceitos modernistas, atualiza o uso que se fazia das árvores naqueles jardins transformando-os "num todo homogêneo", passando a utilizá-las como elemento compositivo relacionado à definição e ordenação de funções, em uma clara delimitação espacial.

Referente aos aspectos de concepção desses jardins, reforça a consideração "da flora existente e da configuração do terreno, assim como das condições climáticas" (MARX, 1968, p. 99). Defende a necessidade de se atentar para os problemas ecológicos, e a importância da utilização das plantas autóctones como elemento de valorização e salvaguarda da flora brasileira, embora esclareça que não se furta ao uso de plantas exóticas, por compreender os jardins como uma associação de microclimas, que comportam plantas de procedências e hábitos diversos. Esse enfoque na atuação do paisagista se deu a partir de 1943, fruto da colaboração com o botânico Henrique Lahmeyer de Mello Barreto, quando, no Parque do Barreiro, em Araxá, Minas Gerais, ocorre o rompimento "com a sintaxe anterior da fase pernambucana", por meio da pesquisa em larga escala dos "traçados curvos na organização do todo paisagístico", e do papel assumido pelas associações de plantas, "não apenas como um problema estéticocultural, mas também científico", segundo afirma Mazza Dourado (2009, p. 288-289).

As conexões com pessoas e ideias integradoras também são perpassadas por descontinuidades que o próprio Roberto relata, no convívio que desfrutou com Mello Barreto durante a realização de trabalhos e o compartilhamento de "ideais paisagísticos e ecológicos", quando incompreensões e/ou reações negativas fizeram com que projetos por eles desenvolvidos naquele momento fossem majoritariamente "deformados, truncados, realizados parcialmente" ou ainda: não se implantassem (MARX, 1975, p. 120).

Além de Mello Barreto, outros botânicos, biólogos e agrônomos foram elos constantes em sua trajetória. Aos botânicos, Burle Marx debita seu aprendizado e percepção ao "percorrer nosso território aberto às belezas, que a cada passo se oferecem aos que querem vê-las" (MARX, 1975, p. 119). Cita os botânicos: Brade, com quem realizou viagens pela Serra do Mar, e Adolpho Ducke⁷, amigo que admirava pelo poder de observação e pela facilidade com que se orientava, sendo capaz, segundo ele, de indicar a localização exata de espécies em áreas onde houvesse estado. Dado o interesse de ambos pela Botânica e por expedições, e as colocações de Burle Marx a respeito desse botânico, relatadas por

Ana Rosa Oliveira (1992), é possível que Ducke tenha lhe falado sobre suas próprias explorações botânicas, feitas no Ceará, a primeira em 1905, quando conheceu Fortaleza e a Serra de Baturité; e, posteriormente, em 1908, quando, de retorno a Fortaleza, foi também a Baturité, Guaramiranga, Maranguape, Canindé e Quixadá (DUCKE, 1910). Em 1945, novamente regressa a Fortaleza e a Quixadá, tendo então visitado o Crato e a Serra do Araripe (EGLER, 1963). Essa conjectura se baseia em relatos de José Tabacow, dando conta de visita feita por ele e Burle Marx à Serra de Baturité, quando da execução do projeto da residência Luce e Benedito Macedo, onde teriam coletado em um humilde jardim residencial uma alamanda (*Allamanda purpurea*), levada para o Sítio em Guaratiba e ali localizada nas proximidades do jardim saxícola, segundo destaca o próprio Roberto (MARX, 1975). Isto, somado aos relatos de Ricardo Marinho e Ricardo Bezerra, que indicam ter sido a região de Quixadá também visitada por Burle Marx, na companhia de ambos, juntamente com Haruyoshi Ono e mais duas mulheres, uma delas identificada, em relato pessoal de José Tabacow, como a Arquiteta Fátima Gomes, com quem ele pessoal e gentilmente checkou a informação, e a outra, provavelmente uma bióloga, que faziam a coleta e tratamento de material botânico.

As conexões e descontinuidades até aqui preliminarmente indicadas são mais precisamente tratadas sob dois enfoques, o da formação do arquiteto e urbanista, tomando-se como referencial o paisagismo como corpo disciplinar integrante dessa formação, e uma de suas inúmeras possibilidades de atuação profissional, inclusive o da atuação de Roberto Burle Marx nos jardins residenciais em Fortaleza, em busca de elucidação das seguintes questões:

Considerando-se o contexto sociocultural de Fortaleza, como surgem os jardins de Roberto Burle Marx na cidade?

Que leituras se podem extrair das análises desses jardins, sob a perspectiva da prática projetual do arquiteto e urbanista?

No contexto da atual formação do arquiteto e urbanista, qual(is) a(s) contribuição(ões) de Roberto Burle Marx, por meio dos jardins residenciais por ele executados em Fortaleza?

Então, a partir destes questionamentos, organiza-se a estrutura do presente trabalho nos três capítulos apresentados em sequência:

O capítulo 1 aborda "O paisagismo na formação do arquiteto e urbanista", em busca de situar esse campo de conhecimento no percurso da formação generalista desse profissional, cujo escopo vai se alterando a partir de questões de fundo e da definição dos próprios limites e possibilidades da profissão e de suas relações com profissões afins, até a entrada em cena do pressuposto ambiental, como enfoque integrador, em diferentes âmbitos e escalas. Cor-

relaciona-o à integração de saberes e fazeres do arquiteto e urbanista e deles com outros campos disciplinares, nos quais a atuação de Roberto Burle Marx comparece, intermediada por diversas conexões e discontinuidades.

Nos capítulos seguintes, como forma de arejar o objeto de estudo propriamente dito e perscrutá-lo em sua essência, inicia-se o percurso pelos jardins residenciais de Burle Marx na cidade. Organizados em função de suas especificidades em relação aos projetos arquitetônicos que lhes deram origem e respectivos autores, de seus atributos locacionais e/ou programáticos, consideram-se inicialmente os edifícios residenciais multifamiliares e, por fim, as residências unifamiliares, pelas razões anteriormente explicitadas.

O capítulo 2 expõe “Os mais recentes jardins residenciais de Burle Marx em Fortaleza”, tanto da perspectiva de novas formas de morar em edifícios multifamiliares, como o conjunto Coast e Sea Tower e o Edifício Portal da Enseada, quanto da perspectiva do “futuro” das residências unifamiliares, com referência às casas de Stela Rolim e Pio Rodrigues Neto e de Denise e José Carlos Pontes, construídas em diferentes momentos, nas imediações da Praia do Futuro, com projetos de arquitetos e urbanistas cearenses. A primeira residência é de autoria de Luiz Fiuza, e a segunda projetada por Delberg Ponce de Leon e Fausto Nilo, todos arquitetos formados pela UFC. Assim como as citadas residências, os edifícios foram empreendidos em distintos momentos de verticalização da orla, no bairro do Meireles, por diferentes construtoras, sendo ambos da safra do escritório Nasser Hissa Arquitetos Associados, coordenado pelos irmãos cearenses, formados na Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, José e Francisco Nasser Hissa.

Como narrativa final, o capítulo 3 apresenta “O marco inaugural do paisagismo de Burle Marx em Fortaleza”, com a residência Luce e Benedito Macedo, que faz do paisagista o responsável pela “inserção do paisagismo moderno em Fortaleza”, conforme afirmam “sem reservas” os arquitetos Beatriz Diógenes e Ricardo Paiva (2007, p. 4).

O capítulo aborda também sua posterior transformação em sede do Grupo J. Macedo, ainda que essa nova definição programática fuja ao escopo dos jardins residenciais recortados da produção local do paisagista, em função de ter sido igualmente objeto de intervenção conjunta de Burle Marx com o arquiteto e grande amigo Acácio Gil Borsóí, a que se incorporou o trabalho de arquitetura de interiores de Janete Costa e, fundamentalmente, por evidenciar as discontinuidades e conexões ali presentes, seja sob a perspectiva da obra propriamente dita, como singular exemplo materializado da arquitetura e urbanismo modernos, seja sob a perspectiva de suas relações com o contexto sociocultural local.

Cumprindo-se o propósito inicialmente delineado, indicam-se algumas considerações que possam contribuir para a discussão do paisagismo no âmbito da prática e da formação atual do arquiteto e urbanista, em contexto nacional, por meio de um recorte específico da obra do Paisagista Roberto Burle Marx, no caso, um conjunto de jardins residenciais em Fortaleza. Em âmbito local, espera-se sintetizar uma trajetória de intervenções em espaços livres privados, vinculados aos respectivos espaços construídos, considerando-se o contexto espaço-temporal no qual estão inseridos, e suas condicionantes, compreendidos como elementos constituintes de uma paisagem urbana, e também eles próprios paisagens organizadas em escala reduzida, em que se enfatizam aspectos sensíveis de sua concepção, igualmente reflexos das relações socioculturais e econômicas, que, no mundo contemporâneo, revestem-se do duplo desafio de pensar o local e o particular sem perder de vista o global e o coletivo e vice-versa. Simultaneamente a essa meta alcançada, objetiva-se a um rebatimento efetivo deste estudo na prática docente, na medida em que as discussões aqui levantadas sirvam de mote ao ensino e à pesquisa, fomentando o aprendizado em diferentes dimensões, com rebatimentos no fazer teórico-prático de estudantes e profissionais, atuais e futuros, envolvidos em um contínuo processo de formação, estimulando-se a curiosidade, a crítica e o amor ao belo e à natureza, consoante os princípios difundidos por Roberto Burle Marx.

Capítulo 1

O paisagismo na formação do arquiteto e urbanista

Não pode haver campo mais vasto para a vossa curiosidade e a vossa investigação, não pode haver domínio mais atraente e sedutor para a vossa sensibilidade [a arquitetura e urbanismo]. Tendes nas mãos agora, e no espírito, um mundo de materiais e leis matemáticas e estéticas que ides utilizar na vida, que ides experimentar como profissionais. Porque é no *Erlebnis*, isto é na experiência vivida, que residem todas as vontades, todas as tendências e liberdades contidas, determinadas no âmbito das possibilidades físicas (CARDOZO, 1957, p. 635).

A vastidão desse campo do conhecimento, identificado por Joaquim Cardozo em seu discurso como paraninfo da turma de novos arquitetos da UFPE, em 1957, é manifesta desde os tratados clássicos, seja do arquiteto romano Marco Vitrúvio Polião, denominado *De Architectura Libri Decem*, do século I a.C., traduzido para o Espanhol em 1583 e para o Português em 1999, como *Da arquitetura*; seja do arquiteto italiano Leon Battista Alberti, intitulado *De Re Aedificatoria*, do século XV, ainda que as habilitações daqueles que a praticavam fossem em muito menor número que as atuais, como defende Júlio Katinsky (1997).

Os primórdios desse campo do saber, no Brasil, remontam, de acordo com Ester Gutierrez (2013), ao período Colonial e à instituição de aulas de fortificações, no Rio de Janeiro, em Salvador e São Luís, no século XVII, e no século XVIII, em Recife. No Império, o curso de arquitetura vinculava-se à Imperial Escola de Belas Artes, no Rio de Janeiro do século XIX e, nesse mesmo século, mas já no período Republicano, era aberta a Escola Politécnica de São Paulo, tendo sido aprovado em seguida o curso de engenheiro-arquiteto, funcionando paralelamente aos Liceus de Artes e Ofícios.

Esta autora também destaca, em 1928, o surgimento do curso de Arquitetura da Academia de Belas Artes, em São Paulo; e, em 1930, a criação da Escola de Belas Artes e da Escola de Arquitetura em Minas Gerais, sendo este curso, sediado em Belo Horizonte, o primeiro para a formação específica em Arquitetura e Urbanismo.

Na perspectiva da organização profissional, a mais antiga entidade de arquitetos brasileira, atualmente denomina-se Instituto de Arquitetos do Brasil, IAB, fundada em 1921, no Rio de Janeiro, como Associação Brasileira de Architectos, reunindo engenheiros arquitetos e civis.

Desse contexto depreende-se que a formação do arquiteto no Brasil, assim como sua atuação profissional, iniciam-se essencialmente focadas sobre a edificação, suas técnicas construtivas e soluções estilísticas, estando os limites das profissões de arquitetos e engenheiros ainda bastante difusos,

ocasionando, nos anos 1920, o descontentamento entre profissionais e estudantes dos cursos de arquitetura em escolas de belas artes e de engenharia, resultando na luta por sua autonomia.

Na perspectiva da formação do arquiteto, alargam-se os horizontes de sua atuação sobre a cidade, cujos processos de transformação então se acentuavam, quando se inseriu a disciplina de urbanismo, além de outras alterações significativas, na reforma proposta por Lúcio Costa, durante o curto período em que dirigiu a Escola Nacional de Belas Artes, ENBA, no Rio de Janeiro, entre 1930 e 1931, visando, segundo ele, a uma “transformação radical” no curso de arquitetura, com vistas a “aparelhar a escola de um ensino técnico-científico”. Cabe destacar que, segundo Ana Rosa de Oliveira (2001), Roberto Burle Marx vivenciou, na qualidade de aluno de pintura, esse descontinuado período de mudanças da ENBA, em que Leo Putz⁸ exerceu influência sobre sua pintura e o despertou para “o valor pictórico da vegetação”, conforme aponta Paulo Herkenhoff (2006, p. 60), princípio este que vai se depurando em seus jardins ao longo do tempo. A partir do fechamento da escola à modernidade, a atualização do ensino se processou e ampliou para ele e para os arquitetos daquela geração nos estúdios de arquitetura, convertendo-os “simultaneamente em alunos e professores”, por meio da convivência de ideias sobre a modernidade contrapostas às orientações acadêmicas daquele momento, ainda de acordo com Ana Rosa, que também aponta Lúcio Costa como elemento de conexão entre o paisagista e “a primeira geração de arquitetos modernos no Brasil”.

Conexões e descontinuidades estão presentes no contexto sociocultural e político brasileiro da formação dos arquitetos, e no percurso profissional de Burle Marx no Rio de Janeiro, onde se titulou em artes plásticas, iniciando sua atuação em paisagismo, pelas mãos do próprio Lúcio, na Casa Schwartz, construída com Gregori Warchavchik, na Copacabana de 1932, hoje não mais existente (COSTA, 1995). Paulo Herkenhoff afirma ter sido a visão desse jardim determinante para que o então Governador de Pernambuco, Carlos Lima Cavalcanti, possibilitasse a transferência do jovem Roberto para Recife, fazendo com que ali “o paisagismo moderno brasileiro implantasse os primeiros projetos públicos significativos” (2006, p. 60).

Então, aos 25 anos, Burle Marx assume a Chefia do Setor de Parques e Jardins, vinculado ao Arquiteto Luis Nunes, na Diretoria de Arquitetura e Construção – DAC, do Estado de Pernambuco (1934/35), segundo Geraldo Santana, “a primeira instituição governamental criada no Brasil com essa finalidade” (2004, p. 52). Entre 1936/37, tendo passado por reorganização e ampliação, foi denominada Diretoria de Arquitetura e Urbanismo (DAU) e até sua extinção pelo golpe militar que implantou o Estado Novo e depôs o gover-

nador, configurou-se como local de convívio interdisciplinar entre arquitetos, engenheiros e urbanistas, ou mesmo entre estudantes e profissionais de outras formações, dos quais se destacam, além de Burle Marx e Luiz Nunes⁹, Antônio Baltar, Ayrton Carvalho, Fernando Saturnino de Brito, Hélio Feijó, João Correia Lima, Joaquim Cardozo e José Norberto Silva.

O exercício das profissões de engenheiro, de arquiteto e de agrimensor foi regulamentado por Getúlio Vargas, em 1933, enquanto que, entre as décadas de 1930 e 1950, a arquitetura e o urbanismo do Brasil se projetavam em meio à melhor produção mundial. Ester Gutierrez (2013) afirma que, em 1944, alunos da Escola Nacional de Belas Artes da Universidade do Brasil iniciavam campanha com vistas à criação da Faculdade Nacional de Arquitetura. Entretanto, somente em 1962, após efervescente movimento estudantil e realização de diversos encontros nacionais de arquitetura e urbanismo, reunindo estudantes, professores e profissionais, chegou-se, em encontro sediado em São Paulo, à formulação de um currículo mínimo, aprovado em seguida pelo Conselho Federal de Educação, coincidindo com o início do curso-tronco da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília.

Relativo ao exercício da arquitetura, Warchavchik, em 1958, tendo em conta que ela “significa a organização do espaço para as atividades humanas”, identificava a carência “de uma organização mais alta e mais generalizada, a estabelecer as nossas diretrizes de arquitetos” em contraste à postura assumida de terem ficado “no particular da arquitetura, dos projetos dos edifícios, raras vezes num conjunto, em que já as condicionantes urbanísticas aparecem” (p. 180). E, se ali o papel da disciplina urbanística é reivindicado, especialmente em função do crescimento das cidades de então, ainda se configura uma trajetória a ser percorrida com relação ao campo disciplinar do paisagismo, que vai se consolidando em diversas frentes e formas de atuação.

Colaborando com essas elocuições, relatos de arquitetos formados entre 1959 e 1971, pela Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, posteriormente transformada em Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro – FAU-UFRJ, assinalam que o estudo do paisagismo ali comparecia de modo pouco significativo. Neudson Braga, um dos fundadores da Escola de Arquitetura da Universidade Federal do Ceará, hoje Curso de Arquitetura e Urbanismo (CAU/UFC), do qual foi diretor, tendo participado, em 1976, da Comissão de Ensino de Arquitetura e Urbanismo (CEAU), afirma, que, quando estudante, as questões de paisagismo se inseriam nas disciplinas denominadas arquitetura decorativa e urbanismo. José Tabacow, ex-sócio de Roberto Burle Marx, que trabalhou no projeto da residência Luce e Benedito Macedo, lembra que houve uma única disciplina de

paisagismo no quinto ano, na qual o paisagismo aparecia vinculado ao projeto de uma pequena residência, pouco aprofundado, com relação à prática que desenvolvia no escritório de Burle Marx, onde foi estagiário juntamente com Haruyoshi Ono, naquela ocasião. José recorda ainda, que, segundo a avaliação dos professores da época, isso não os diferenciava dos demais colegas. José Hissa, formado na turma de Haruyoshi Ono e José Tabacow, em 1968, afirma não ter lembrança de uma disciplina específica de paisagismo, mas faz referência ao aterro do Flamengo, Parque Eduardo Gomes, como um projeto que valeria por essa disciplina, caso quisessem acompanhá-lo. Francisco Hissa, por sua vez, formado em 1971, juntamente com o irmão José Hissa autores dos projetos dos edifícios residenciais estudados, afirma que a formação daquela época, na FAU UFRJ, não zelava muito pelo tema do paisagismo, tendo pouca ou nenhuma memória de suas disciplinas de projeto. Para ele as disciplinas técnicas e as de materiais foram mais significativas.

Catharina Lima registra, com outros autores (1994), a inauguração da disciplina de paisagismo no curso de arquitetura e urbanismo, como estudo sistematizado, em 1954, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAU-USP, pelo Prof. Roberto Coelho Cardozo, norte-americano de origem portuguesa, com experiência de atuação em arquitetura paisagística junto a profissionais californianos. Como resultante desse processo, houve a formação de profissionais de marcante atuação na seara do paisagismo, como Miranda Martinelli Magnoli e Rosa Grena Kliass. Com a saída de Cardozo, em 1972, Miranda assumiu, junto com outros professores, a disciplina e, em conjunto com equipes de outros grupos de disciplinas do Departamento de Projeto, reestruturou sua metodologia, seus conteúdos e principalmente a atuação da disciplina na formação reflexiva e especulativa do arquiteto, integrando-a a outros campos do conhecimento, como a Geografia. O relato de Saide Kahtouni (2006, p. 87) destaca que, na década de 1980, os orientandos da Professora Miranda eram sistematicamente inscritos nas aulas do Professor Milton Santos, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, FFLCH-USP.

Outra importante conexão na construção do pensamento aqui apresentado é a criação da Companhia Energética de São Paulo (CESP), em 1960, sob a influência da Tennessee Valey Authority (TVA), no que se refere ao planejamento integrado e ao múltiplo uso de bacias hidrográficas. Essa experiência da construção de centrais hidrelétricas, unida à iniciativa estatal, à universidade, à indústria e a empresas, inclusive de projetos, oportunizou a elaboração de trabalhos interdisciplinares, como destaca Mônica Vianna (2012), para os quais colaboraram, entre outros, o arquiteto Fernando Magalhães Chacel, paisagista cuja trajetória também se relaciona com Roberto Burle Marx, de quem foi esta-

giário, e o geógrafo Aziz Ab'Saber. Para Saide Kathouny (2006), essa experiência não só oportunizou a colaboração entre a Arquitetura e a Geografia para além da própria implantação de barragens como intervenção sobre a paisagem, mas também atuou como forma de abordagem integrada de conhecimentos de diversas áreas e como registro de um momento tecno-científico.

Em 1966, foi promulgada a lei que regulamentou o exercício das profissões de engenheiro, arquiteto e engenheiro agrônomo, já em meio a uma inversão do processo de autonomia, após o golpe militar de 1964, instituindo um conselho multiprofissional, o sistema CONFEA (Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia), com os Conselhos Regionais de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (CREA), frustrando as expectativas da criação de um conselho exclusivo para a categoria, o que somente se efetivou em dezembro de 2010, a partir da criação do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil (CAU-BR) e dos Conselhos de Arquitetura e Urbanismo dos Estados e do Distrito Federal (CAU-UF).

Em 1973, a Unesco, entidade da Organização das Nações Unidas voltada para a educação, a ciência e a cultura, por meio da União Internacional de Arquitetos (UIA), financiou pesquisa sobre as condições de ensino e exercício profissional da arquitetura na Ásia, América Latina e Europa (ABEA, 1974).

No Brasil, foram incumbidas do referido estudo as Faculdades de Arquitetura e Urbanismo de Brasília e de São Paulo, originando um relatório posteriormente publicado no livro *Sobre o ensino de arquitetura no Brasil*. Naquele mesmo ano, foi criada, via portaria ministerial, a Comissão de Especialistas no Ensino de Arquitetura e Urbanismo, a CEAU, no Departamento de Assuntos Universitários do Ministério da Educação e Cultura (MEC). Sua "principal função era proceder ao levantamento das condições de funcionamento das escolas e colaborar com o Ministério na fixação de diretrizes nesse campo" (GUTIERREZ, 2013, p. 26).

O Professor Neudson Braga, participante da CEAU representando a UFC, destaca o papel do Coordenador Miguel Pereira, representante do IAB, no que tange às dificuldades da época com relação às descontinuidades relacionadas a perdas de arquivos, falta de sede, e à inexistência de informações sobre os cursos de Arquitetura, que o MEC desconhecia em quantidade e qualidade, no Brasil de então. Conta ele que, após o levantamento desses cursos, iniciou-se o trabalho acerca dos currículos, sublinhando o empenho da Professora Marlene Allan de Souza Fernandes, na coordenação da parte curricular, resultando em publicação, uma das áreas levantadas a de paisagismo. Embora não lembrasse do rebatimento específico dessas discussões na Escola de Arquitetura de Fortaleza, relata que não havia interesse, na época, no desenvolvimento da

atividade na cidade, tendo sido a implantação da disciplina um anseio pessoal da Arquiteta Nícia Bormann¹⁰, em convergência com a orientação da CEAU, posteriormente assumida pelo Professor Ricardo Bezerra¹¹.

Ressalta-se que a arquiteta em questão formou-se pela Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, em 1964, tendo sido igualmente estagiária do escritório de Burle Marx, entre 1961 e 1962. Em depoimento, ela destaca a importância desse momento em seu aprendizado relativo ao projeto, no que se refere à percepção do terreno, da topografia, e do que se evita em arranjos de plantas. Isso somado à experiência no trato das questões compositivas de desenho, cor e textura, vinculadas ao início de seu percurso lecionando disciplinas de comunicação visual na UFC, em 1965, aos cursos de formação na área, promovidos pela Abap, além de disciplinas cursadas na própria UFC, em Agronomia, Botânica, Geologia, Geomorfologia e Ecologia, forneceram-lhe uma compreensão integrada de intervenção na paisagem. A arquiteta lembra também a importância da vivência adquirida em um viveiro de plantas onde trabalhou, possibilitando o conhecimento na organização das plantas e na prática de plantio. Retomando a disciplina de paisagismo que organizou e implantou na UFC, defendeu sua colocação logo no início do curso, como introdução à paisagem, para que a formação do arquiteto, independentemente de sua atuação em paisagismo, superasse a visão do edifício isolado da paisagem.

Neudson Braga cita ainda o nome do arquiteto Haroldo Barroso (Francisco Haroldo Barroso Beltrão, Fig. 1.1), formado em sua turma no Rio de Janeiro, que, tendo trabalhado com Burle Marx no período anterior à entrada de José Tabacow e Haruyoshi Ono, é autor do projeto original dos jardins da Escola de Arquitetura em Fortaleza e da Casa de José de Alencar, fato praticamente esquecido no meio local.

Sobre esses jardins, é necessário destacar as dimensões reduzidas que apresentavam com relação aos dias atuais. De acordo com relato de Nícia Bormann, a contribuição do arquiteto resultou em interessante arranjo, com desenho simples e domínio da escala do local, considerando as árvores ali existentes.

Arquiteto premiado, Barroso foi importante colaborador de Burle Marx. Desenvolveu atividades no campo das artes plásticas, especialmente como escultor, com obras no Palácio do Planalto em Brasília (Fig. 1.2) e outra próxima ao estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro. Esse monumento composto por módulos de concreto pré-moldado (Fig. 1.3) foi retirado do local, em 2013, para execução de obras, não tendo sido recolocado, a despeito dos esforços da família em reinstalá-lo.

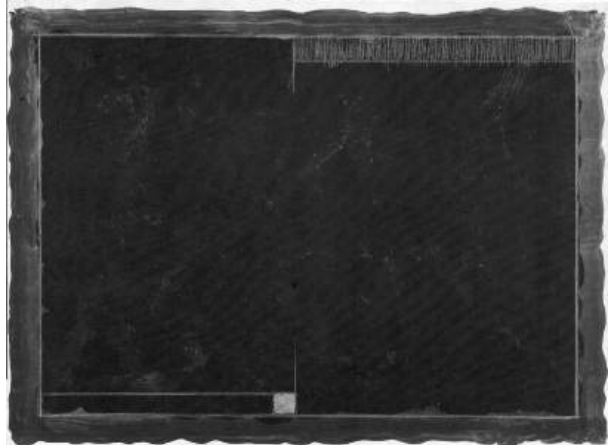
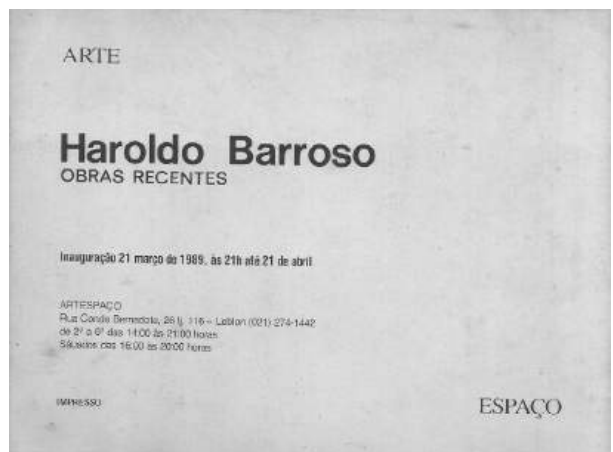
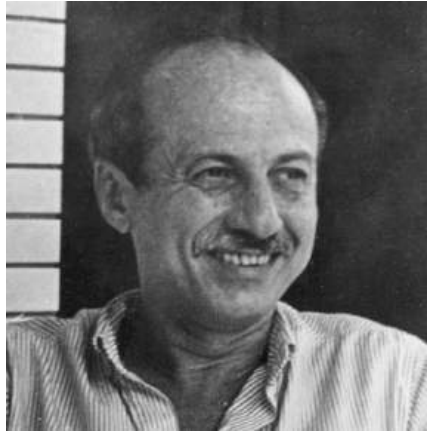


Figura 1.1: Arquiteto Haroldo Barroso.

Fonte: Acervo pessoal Dr. Paulo Roberto P. Beltrão, 2023.

Figura 1.2: Convite exposição de obras recentes, em 1989, no Rio de Janeiro.

Fonte: <http://haroldobarroso.blogspot.com.br>

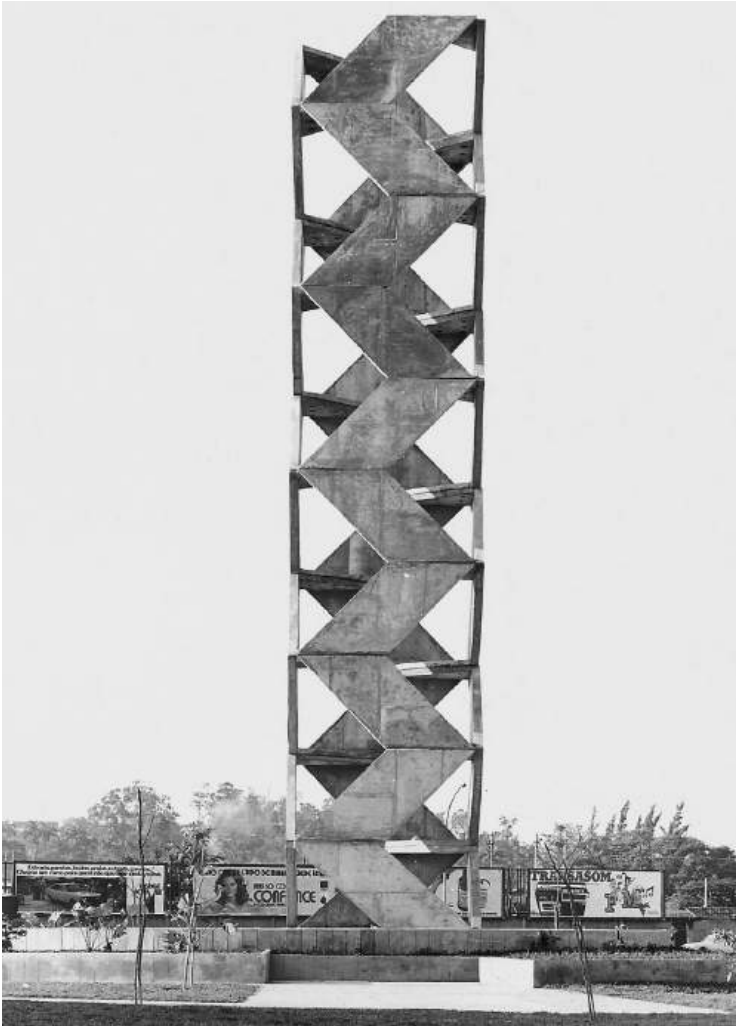


Figura 1.3: Monumento à Mocidade, à Cultura e ao Esporte, de Haroldo Barroso, 1974, no Maracanã, RJ.

Fonte: Acervo pessoal Dr. Paulo Roberto P. Beltrão, 2023.

Também em 1973, deu-se a fundação da Associação Brasileira de Escolas de Arquitetura e Urbanismo, reestruturada em 1985, como Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura e Urbanismo (ABEA), reunindo sócios individuais e institucionais, interessados no aprimoramento do ensino e no aperfeiçoamento de métodos, e docentes, no apoio à pesquisa e à promoção de intercâmbio, chegando a ordenar e adequar currículos e programas.

Foi em encontro nacional promovido pela ABEA em 1975 que se colocou a necessidade do Curso de Atualização de Docentes de Paisagismo, evento seguido do Encontro de Proteção ao Meio Ambiente. No ano seguinte, o I Encontro Regional de Escolas de Arquitetura, promovido pela ABEA, na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), tratou do ensino de alguns campos considerados importantes para a formação do arquiteto, em termos de graduação e pós-graduação, entre eles o paisagismo.

Naquele encontro foi apresentado à CEAU um documento produzido por Fernando Chacel e Aziz Ab'Saber, intitulado "Modelo de Curso de Planejamento Paisagístico", que, de acordo com a apresentação do Professor Edson Machado de Souza, foi motivado por sugestão da Secretaria Especial do Meio Ambiente (SEMA)¹² e tinha como objetivo auxiliar as Escolas de Arquitetura "a participarem do esforço nacional para preservação de nosso patrimônio natural e cultural" (1976, p. 5). Ali, Miguel Pereira destaca "que a ideia da preservação do meio ambiente ganha todos os escalões da vida nacional de maneira quase obsessiva"; sugere a possibilidade de que o modelo apresentado seja considerado na reorganização e adaptação das escolas de arquitetura às suas "próprias condições e possibilidades", na compreensão de "que o Paisagismo já não pode mais ser abordado no nível da simples jardinagem, devendo ganhar a escala de dimensões mais amplas, vinculadas à paisagem natural e cultural, no contexto do urbano e do rural" (1976, p. 7).

Esse documento considera como premissas as peculiaridades e necessidades brasileiras no tocante aos diversos "tipos de herança que constituem a conjuntura geográfica, histórica e cultural do país", a complexidade do embasamento cultural requerido ao profissional do paisagismo, tornando-o "um homem de síntese, um generalista". Assume a Arquitetura Paisagística como campo profissional, a exemplo do contexto de outros países, embora apresente duas possibilidades para sua implantação. A primeira como área de concentração opcional nos currículos de Arquitetura, a partir de trabalhos integrados ao longo de seis a oito semestres letivos. A segunda, pela a estruturação de um curso específico de Planejamento Paisagístico, com duração de quatro a cinco anos, "preferencialmente integrado nas Faculdades de Arquitetura" (CHACEL; AB'SÁBER, 1976, p. 11-13).

Considerando a necessidade da formação profissional dos arquitetos no trato das intervenções sobre a paisagem, e reconhecendo a qualidade da produção anteriormente referida, o Boletim 1/76, da ABEA, destaca como aspecto polêmico daquele documento a possibilidade de desdobramento da estrutura curricular em nova categoria profissional, recomendando: 1) a realização de seminários sobre o tema em cada escola de arquitetura, tomando como subsídio o documento apresentado; 2) a inclusão do paisagismo como disciplina ou conjunto de disciplinas, observando-se as peculiaridades regionais; 3) a orientação no sentido de que sua inclusão deva objetivar a formação de profissionais de projeto, no âmbito das atribuições dos arquitetos, levando em conta a unicidade da formação profissional do Arquiteto (1976, p. 2). Essa inclusão de fato se implanta no Brasil, com a edição de portaria do MEC, em 1994, atualmente instituída pela Resolução n. 2, de 17 de junho de 2010, como Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo.

Igualmente, em 1976, foi criada a Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas (ABAP) (Fig. 1.4), contando com a adesão de arquitetos e urbanistas do eixo Rio de Janeiro/São Paulo, e outros importantes nomes do cenário ambiental e paisagístico nacional, entre os quais se destacam Roberto Burle Marx¹³ e o biólogo e ambientalista Luiz Emydio de Mello Filho. A ABAP foi inicialmente liderada pelos arquitetos Rosa Grena Kliass e Fernando Magalhães Chacel, após a associação de Rosa Kliass à International Federation of Landscape Architecture (IFLA), da qual Fernando Chacel e Luiz Emydio já eram filiados (KLIASS, 2006). Na primeira década de sua criação, a ABAP e o IAB assumiram papel fundamental na formação e capacitação profissional, por meio da oferta de cursos, visando à ampliação de conhecimentos específicos e interdisciplinares na área, dos quais participaram, em diferentes momentos, vários professores de paisagismo de diversas instituições de ensino brasileiras.

No Brasil, a Arquitetura Paisagística não existe como formação específica em nível de graduação (embora exista uma graduação em Paisagismo vinculada à Escola de Belas Artes – EBA-UFRJ¹⁴), tal como ocorre em alguns países, estando essa atividade, vinculada ao exercício profissional dos Arquitetos e Urbanistas, definida pela legislação como sendo atribuição específica deles. Consolidaram-se, entretanto, programas precursores de pós-graduação na FAU-USP e FAU-UFRJ, constituindo-se importantes grupos de pesquisa na área e disseminando-se por todo o país (FARAH; SCLHEE; TARDIN, 2010).

Nesse contexto, a partir de 1994, inicia-se a realização do Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura e Urbanismo do Brasil (ENEPEA), cuja primeira edição acontece na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU-UFRJ), como resultado



Figura 1.4: Fundação Abap com Rosa Kliass, Burle Marx, Paulo Nogueira Neto, Mauro de Moraes Vitor e Hermes Moreira de Souza.
Fonte: Acervo da Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas - ABAP.

do Colóquio sobre Ensino de Arquitetura Paisagística no Brasil, promovido pelo Grupo de Disciplinas Paisagem e Ambiente da FAU-USP e ABAP, em dezembro do ano anterior. Esses encontros se constituem importantes fóruns de debates na área, orientando o processo de formação de profissionais em níveis de graduação e pós-graduação e promovendo questionamentos sobre o ensino e a prática do paisagismo (ROCHA, 2009).

Após a criação do Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU), em 2010, retomam-se as discussões, principalmente por parte de outras categorias profissionais, reivindicando-se a criação de uma profissão específica para o Paisagismo. Na perspectiva da formação profissional do arquiteto e urbanista, verifica-se a inserção de questões relativas à paisagem, explicitadas nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN's), formuladas pela CEAU, hoje nomeada pela Secretaria de Educação Superior, a SESu, do MEC (PAVESI, 2007). O artigo segundo estabelece os princípios norteadores das ações pedagógicas, com o objetivo de desenvolver condutas e atitudes pautadas na responsabilidade técnica e social, ressaltando-se aqui o inciso IV, que orienta "a valorização e a preservação da arquitetura, do urbanismo e da paisagem como patrimônio e responsabilidade coletiva." No artigo quinto, inciso II, fica estabelecido, entre as competências e habilidades reveladas pela formação, que o curso de Arquitetura e Urbanismo deverá possibilitar "a compreensão das questões que informam as ações de preservação da paisagem e de avaliação dos impactos no meio ambiente, com vistas ao equilíbrio ecológico e ao desenvolvimento sustentável" (MEC, 2010).

Desse modo, proporciona-se ao paisagismo a condição de um dos campos disciplinares da formação profissional do arquiteto e urbanista, em equilíbrio com a arquitetura e com o urbanismo, intrinsecamente interrelacionados e interdependentes, conforme representa o diagrama a seguir (Fig. 1.5), segundo o qual, da convergência desses três campos disciplinares, emergem formas de atuação profissional e/ou temas de estudo, cuja abrangência é constante e dialeticamente permeada pelas vivências e contextos e sobre os quais aportam a teoria e a história, o projeto e o planejamento urbano e regional, entre outros (ROCHA; ALDIGUERI; AGDA, 2014).

Ampliando-se a visão sobre as questões profissionais, é possível vinculá-las ao contexto de discussões ambientais globais, entre as quais Alessandra Magrini (2001) identifica quatro eventos que marcaram, de forma direta, a trajetória da Política Ambiental no mundo: a promulgação da Política Ambiental Americana, em 1969 (*National Environmental Policy Act* – NEPA); a realização da Conferência das Nações Unidas em Estocolmo, em 1972; o trabalho realizado pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, que resultou na publicação do relatório "Nosso Futuro Comum", em 1987; e,



Figura 1.5: Diagrama representativo da formação do arquiteto e urbanista.
Fonte: Fernanda Rocha, 2014.

finalmente, a realização da Conferência das Nações Unidas no Rio de Janeiro, em 1992, balizando a periodização em que se inserem os marcos indicados da formação do arquiteto e urbanista.

Compreendendo-se o paisagismo como um *corpus* disciplinar indiscutível e paradoxalmente interdisciplinar, na medida em que a atuação sobre a paisagem, em toda a sua abrangência e complexidade, esteja intrínseca e essencialmente relacionada ao saber fazer do arquiteto e urbanista, situando sua atuação além da implantação de objetos construídos, independentes de aspectos qualitativos e de escala de atuação (infraestruturas, edifícios, praças, jardins, mobiliário etc.), é que comparece a relevância desse amplo percurso de conexões e descontinuidades até aqui elencadas.

Nessa perspectiva, buscou-se condensar o panorama do estabelecimento da arquitetura e urbanismo no Brasil, entendida como arte-ciência-técnica, que produz o “habitar humano”, na perspectiva de Heidegger (*apud* NORBERG-SCHULZ, 2008, p. 462-474), em consonância com o ensino e a formação na área, pondo-se em relevo o paisagismo como um de seus campos disciplinares, no qual o enfoque sobre a paisagem se dá de modo mais sistemático, sendo a paisagem, tomada aqui, no campo da arquitetura e urbanismo, como noção “de espaço vivenciado, da sensibilidade das pessoas com seu entorno”, conforme explicitado por Euler Sandeville Jr. (2005, p. 49).

Essa abrangência e amplitude, todavia, não prescinde de foco e enquadramento, motivo pelo qual se faz relevante a visão particular do paisagismo de Roberto Burle Marx, em que ecoam a experimentação da síntese entre o geral e o particular e, inversamente, entre o particular e o geral.

A atuação do paisagista exemplifica o exercício profissional de quem projeta a paisagem e nela preserva, de modo coerente e significativo, sua enorme riqueza e complexidade, assumindo a indissociabilidade da vivência e da percepção (inclusive visual) que traz implícita a questão estética e a compatibilização dos projetos aos pressupostos ambientais, em determinada época e contexto, tornados ainda mais urgentes frente aos desafios da contemporaneidade.

Ana Rosa Oliveira (2001) defende que o processo de formação e produção de Roberto Burle Marx não se faz “como em um passe de mágica”, residindo apenas na genialidade. Antes, vê-se tal processo enredado em uma “trama”, na qual, segundo a própria fala de Burle Marx, “vamos nos influenciando pelo que nos circunda”... “e eu não tenho medo de influências”, dizia o paisagista. E, a seu modo, destaca algumas descontinuidades e conexões em um contexto mais amplo do que aquele específico, no caso dos seus jardins residenciais, em Fortaleza, nos quais igualmente se farão presentes conexões e descontinuidades aqui reconstruídas.

Capítulo 2

**Os mais recentes
jardins residenciais de
Burle Marx em Fortaleza**

Nada disso pode ser observado por quem move seus pés ou suas rodas sobre o pavimento da cidade. E, inversamente, daqui debaixo tem-se a impressão de que a verdadeira crosta terrestre é esta, desigual mas compacta, mesmo quando sulcada de fraturas não se sabe de que profundidade, gretas ou poços ou crateras, cujas bordas em perspectiva aparecem agregadas como as escamas de uma pinha, e não nos ocorre ao menos perguntar o que escondem em seu fundo, porque a vista já é tanta e tão rica e variada na superfície que basta e quase chega a saturar a mente de informações e significados (CALVINO, 1994, p. 52).

A epígrafe de Calvino expõe a visão dos pássaros por meio do pensamento de seu personagem Palomar, semelhante àquela dos jardins dos edifícios ou das residências aqui destacados (Fig. 2.1), aos quais apenas seus moradores têm acesso. Essa proposta analítica os traz a público, propiciando que se verifique o que ali está escondido, em busca de arejá-los enquanto objeto de estudo, perscrutando-os em sua essência, para deles se extrair o que Roberto Burle Marx denomina de princípios de composição, a fim de subsidiar a prática projetual em paisagismo.

Sendo Fortaleza a capital do Estado do Ceará, com área de 314,930 km², e população estimada, para 2021, de 2.703.391 habitantes, sua densidade demográfica é de 7.786,44 hab/km². Ocupa, no cenário brasileiro, o quinto lugar entre as capitais mais populosas, depois de São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Brasília, o nono no PIB e o 467º em IDH, segundo dados do IBGE. Essa reduzida dimensão territorial “encerra um complexo mosaico de sistemas ambientais que [lhes] conferem diferentes paisagens fortemente sujeitas às alterações desencadeadas pelas atividades socioeconômicas”, conforme indica o geógrafo Marcos Nogueira de Souza em conjunto com outros autores (2009, p. 34). Esses autores ainda destacam, nos aspectos hidroclimáticos: a) os índices pluviométricos superiores a 1.200 mm/ano, como desdobramento de uma maior disponibilidade hídrica na cidade, diferenciando-a sem excluí-la das demais regiões semiáridas do Ceará; b) temperaturas constantes ao longo do ano, em função de intensa radiação solar associada à proximidade do equador. Com relação aos solos e seu estreito relacionamento com demais componentes ambientais, tais como relevo e unidade fitoecológica, reputam os autores a Fortaleza uma compartimentação geomorfológica subdividida em depressão sertaneja, tabuleiros pré-litorâneos e planície litorânea, sendo estes últimos onde se localizam os jardins estudados, o que, juntamente com a caracterização anteriormente apresentada, lhes conferem algumas particularidades, especialmente no que diz respeito às espécies vegetais ali utilizadas.

Esses dados, juntamente com o contexto de uma cidade que só desponta como centro regional a partir da segunda metade do século XX, cujo desenvolvimento é “atrelado principalmente ao setor terciário — comércio e serviços e, mais recentemente ao turismo” (MOURA; ROCHA; BEZERRA, 2009, p. 424), fazem a tessitura sobre a qual ocorre a produção de Roberto Burle Marx em Fortaleza, bastante significativa na seara do paisagismo cearense.

Sua produção local se compõe de diferentes tipos de projetos, abrangendo desde jardins residenciais, institucionais e empresariais até propostas de arborização viária e parque público. Dentre os quais os jardins privados ocorrem em maior número. Uma sistematização dessa produção, elaborada a partir de Motta (1986), Leenhardt (2000) e Bezerra *et al.* (2012), apresentada no quadro 2.0, organizada em sequência cronológica, relaciona os jardins aos arquitetos autores de projetos arquitetônicos e de arquitetura de interiores, quando for o caso.

Burle Marx atua no Ceará entre as décadas de 1960 e 1990, período no qual a metropolização de Fortaleza inicialmente ocorre de modo preventivo, posteriormente se evidenciando tal qual o sistema urbano brasileiro, com rápidas transformações urbanas resultantes de alterações de base econômica, resguardadas as peculiaridades regionais e do processo de descentralização física e diferenciação espacial hierárquica, amplamente destacados por diferentes estudos de arquitetos (ROCHA JR., 1986; RUFINO, 2005), geógrafos (SOUZA, 1978; SILVA, 2004), historiadores (RIBEIRO, 1995; JUCÁ, 2000) e sociólogos (LEMENHE, 1995; LIMA, 2004).

Pondo-se em foco o recorte específico dos jardins residenciais de Burle Marx no Estado do Ceará, busca-se contribuir para com a formação e atuação do arquiteto e urbanista, pela investigação dos valores e princípios neles implicados. Desse modo, enfatiza-se a opinião do botânico, colaborador e amigo do paisagista, Luiz Emygdio de Mello Filho, a respeito de Burle Marx, salientando que “a aceitação mundial de seu gênio e o reconhecimento da força da imaginação criadora, por todas as correntes do pensamento contemporâneo, fazem dele um descobridor a indicar rotas a serem seguidas no futuro” (CALS, 2003, p. 75).

Pretende-se, portanto, que os jardins residenciais de Burle Marx em Fortaleza (Fig. 2.1), ora organizados em função de suas especificidades em relação aos projetos arquitetônicos que lhes deram origem e respectivos autores, de seus atributos locais e/ou programáticos, oportunizem a identificação e a análise dessas premissas, iniciando-se pelos edifícios residenciais multifamiliares, os mais recentes, e finalizando-se com as residências unifamiliares, as iniciais, como um contraponto ao pensamento lógico-positivista

Quadro 2.0: Projetos de Burle Marx no Ceará

Ano	Projeto	Arquitetos
1968	Residência Luce e Benedito Dias Macedo	Acácio Gil Borsoi
1972	Avenida Aguanambi *	
	Posto de abastecimento Petrobrás	
1973	Avenidas Pres. Castelo Branco (Leste-Oeste)* e José Bastos*	
	Anteprojeto Sede da Prefeitura Municipal de Fortaleza	
	Theatro José de Alencar (1ª versão)	
1975	Ministério da Fazenda (Receita Federal)	Acácio Gil Borsoi
	Hotel Colonial	José Liberal de Castro
1978	Sede do Grupo J. Macedo (antiga Residência Luce e Benedito Dias Macedo)	Acácio Gil Borsoi e Janete Costa**
1980	Residência Denise e José Carlos Pontes	Delberg Ponce de Leon e Fausto Nilo
1983	Vicunha do Nordeste S.A. Indústria Têxtil	Acácio Gil Borsoi
1984	Sede Administrativa do Banco do Nordeste do Brasil/BNB	Marcos Thé Mota e Wesson Nóbrega
1985	Edifício Portal da Enseada	Francisco e José Nasser Hissa
1987	Thiffany's Sea Flat Hotel*	Francisco e José Nasser Hissa
1988	Centro Empresarial Clóvis Rolim	Francisco e José Nasser Hissa
	Residência Stela Rolim e Pio Rodrigues Neto	Luiz Fiuza e Janete Costa**
1990	Theatro José de Alencar (2ª versão)	
	Caesar Park Hotel	Francisco e José Nasser Hissa e Denise Pontes**
1992	Anteprojeto Jardim Botânico de Fortaleza*	
	Anteprojeto Hotel Beira-Mar	
1993	Anteprojeto Av. Beira-Mar – trecho Caesar Park*	
1993	Edifícios Residenciais Coast e Sea Tower	Francisco e José Nasser Hissa
	Jardim Botânico de Fortaleza*	

* Projeto não executado. ** Arquitetura de interiores.

Fonte: Organizado pela autora, 2014

explicitado pelo geógrafo Eliseu Sposito (2004) e reforçado pelas palavras de Calvino (*apud* VILLAC, 1996, p. 20), ao indicar que *"el misterio... no está en su final, sino en su principio"*.

Segundo revela o próprio paisagista em entrevista a Sérgio Cardoso, os princípios são sempre os mesmos: "contraste, harmonia, síntese, valorização de certos momentos desses espaços" (1993, p. 10). Também destaca o imperativo de se compreender os jardins como uma forma de arte sujeita a leis estéticas, à relação de volumes, às dinâmicas de clima, tempo e diferentes formas de viver. Defende a importância de se conhecer a estrutura fitogeográfica brasileira e de se compreender as associações de plantas para o aprimoramento de seu uso em paisagismo, recorrendo à interdisciplinaridade desse conhecimento a partir da colaboração de botânicos, geógrafos e outros profissionais.

A perspectiva que Rossana Vaccarino¹⁵ apresenta em sua análise dos jardins privados das fazendas Marambaia e Vargem Grande, do Sítio Santo Antônio da Bica, do parque do Flamengo (estes no Rio de Janeiro) e do Parque Del Este, em Caracas, na Venezuela¹⁶, embora abordando situações diferenciadas na obra de Burle Marx, indica sete princípios que considera importantes para aprofundar o olhar sobre o trabalho do paisagista, pelos quais também se orienta este estudo. São eles:

a complexidade dos planos de plantio, a estruturação física dos espaços por massas de plantas, a necessidade de conhecer, e portanto, explorar a vegetação das áreas nas quais novos projetos eram feitos, a necessidade de um viveiro como base de apoio, o treinamento de jardineiros dedicados ao projeto, o uso de espécies jovens e o esclarecimento de um processo de manutenção ativo (VACCARINO, 2002, p. 10).

A conduta de Burle Marx em seu processo de projeto se pautava pela definição de "ambientes e relações espaciais construídas", ordenadas a partir das circulações e se relacionando às edificações, conforme análises feitas por Guilherme Mazza na "fase mineira" do paisagista, entre 1942 e 1945. Nelas, a paisagem, em suas diversas escalas, vai sendo desenhada a partir de seu vocabulário vegetal, continuamente em construção, a partir de suas expedições, viagens e demais vivências. Esse processo equivale ao da construção mental que o arquiteto elabora na concepção do espaço edificado, como demonstram alguns autores brasileiros (ABBUD, 2007; MALAMUT, 2011).

Outro relevante aspecto, relativo à conexão de Burle Marx com os arquitetos, faz-se na parceria estabelecida desde cedo dele com esses profissionais, que passam a ser incorporados ao corpo técnico do escritório ao longo dos anos, com diferentes nomes. Essa parceria estabelece influências recíprocas,



Figura 2.1: Imagem da porção nordeste de Fortaleza com localização dos jardins estudados.

Fonte: Google Earth, 2020, com edição da autora, 2023.

conforme relatos de arquitetos e do próprio paisagista, sendo comprovada nos projetos desde a concepção até a elaboração e, também, nos resultados obtidos, conforme se verifica nos projetos apresentados, nos quais o detalhamento inclui, além da definição das espécies vegetais, materiais e soluções de acabamento e infraestrutura, mobiliário, iluminação etc.

O aumento e a diversificação das incumbências de projeto, em conjunto com a personalidade generosa e agregadora de Roberto, implicaram na socialização do processo de projeto desde sua concepção, na medida do comprometimento dos profissionais colaboradores do escritório, que, ao assumirem encargos maiores, tornam-se sócios da empresa, como é o caso de Haruyoshi Ono e José Tabacow, e, também, de Ricardo Marinho, seu representante local e responsável pela implantação e manutenção de alguns de seus jardins no Ceará. Ainda sobre a concepção desses jardins, vale salientar que isso ocorria em um ambiente colaborativo, sob a orientação de Roberto, que aproveitava a interatividade para compartilhar conhecimentos de botânica, de composição etc., referenciando-se principalmente nas vivências e observações conjuntas das expedições. Tal contexto, além de não reduzir a importância de qualquer de seus jardins, favorecia a atuação multifacetada de Roberto Burle Marx, referenciada por Lúcio Costa (1995), na *Renascença*, e reiterada por Lauro Cavalcanti (2009), em uma postura “humanista poliédrica”, frente à escassez em tempos de especialização, transformando sua vida em “um permanente processo de pesquisa e criação” (COSTA, 1995, p. 429).

Retomando-se os jardins residenciais de Burle Marx em Fortaleza, enfocam-se, inicialmente, aqueles dos edifícios multifamiliares, o conjunto Coast e Sea Tower (1993) e o Portal da Enseada (1985), os três localizados no bairro do Mucuripe (Fig. 2.2) e voltados para o mar, ao norte. Ambos os projetos são de autoria do escritório Nasser Hissa Arquitetos Associados, coordenado pelos irmãos cearenses, formados na Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro: José e Francisco Nasser Hissa.

Esses jardins padecem igualmente dos problemas de manutenção indicados pela Professora da *Harvard University*, Dorotheé Imbert (2009), no que ela denomina “jardim suspenso modernista”, referindo-se aos jardins sobre laje do paisagista, alguns localizados em coberturas, como os da Residência Schwartz e do Ministério de Educação e Saúde (MES). Dado o descaso com que são tratados, talvez mais se aproximem do infeliz destino destacado pela autora para os jardins da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), do Instituto de Resseguros (IRB) ou mesmo da Escola de Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ressalta-se a desconexão recente desse infortúnio nos jardins do IRB, objeto de completo restauro, pelo escritório Burle Marx & Cia. Ltda.

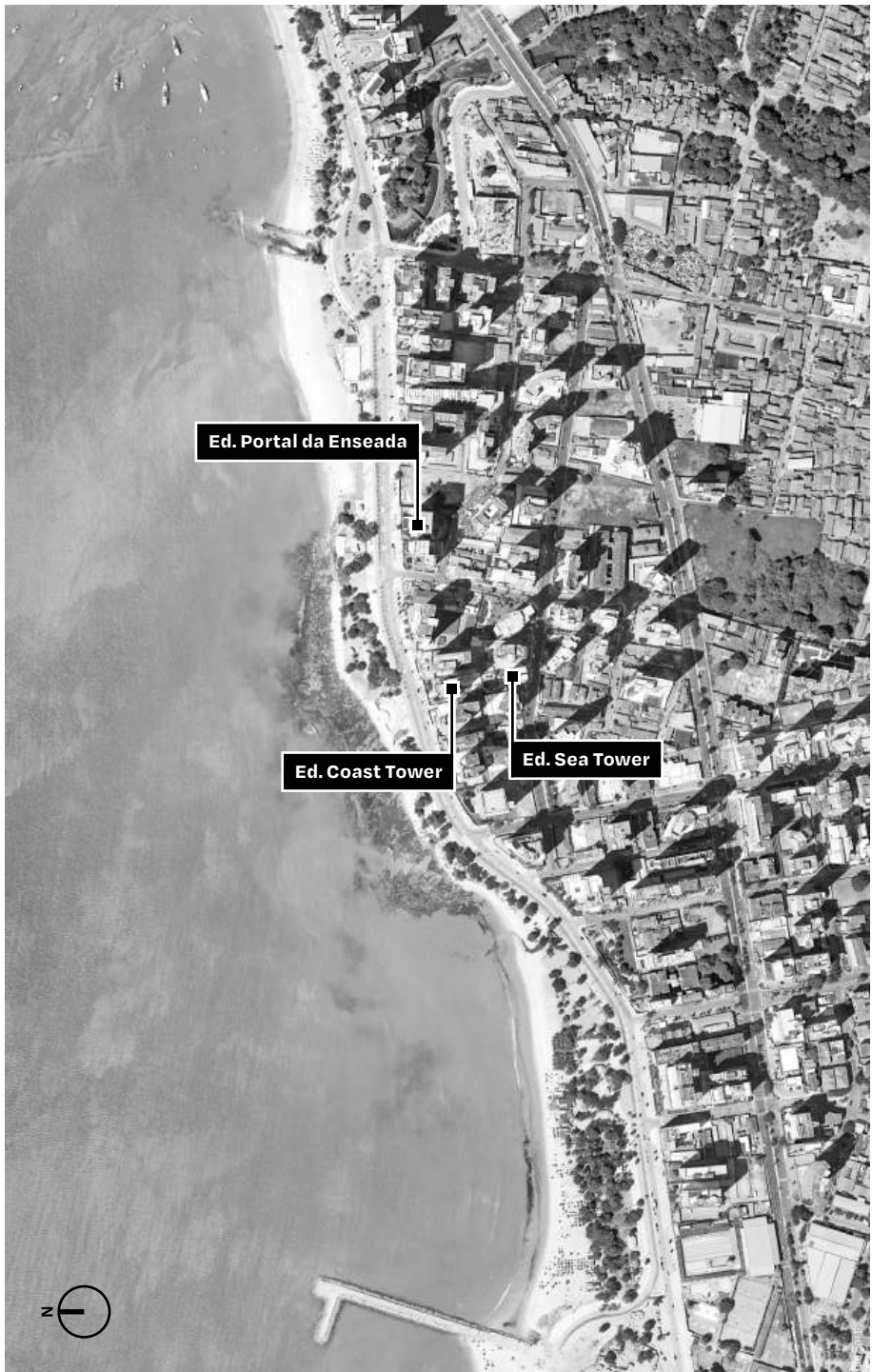


Figura 2.2: Localização dos jardins nos edifícios multifamiliares da orla do Mucuripe.
Fonte: Google Earth, 2020, com edição da autora, 2023.

É possível afirmar que essa condição é devida a alguns fatores: a) por serem jardins sobre laje, implicam a existência de pouco solo disponível para o suporte e nutrição de espécies vegetais, que, tendo menor porte, raízes pouco profundas e ciclo de vida mais curto, necessitam cuidados mais constantes; b) à dinâmica da vida urbana, cada vez mais acelerada, determinando mudanças de hábitos e costumes, sem o devido tempo para depurações; c) sendo espaços de uso comum em propriedade privada, enfrentam o abismo cultural que ronda toda e qualquer diversidade de usuários, por vezes pouco afeitos ao convívio com espaços de socialização e, para se elencar outra descontinuidade, ainda há a falta de conhecimento do valor desses jardins, seja no tocante à perspectiva ambiental, estética ou funcional, como qualidades diferenciais de uma boa intervenção paisagística, segundo Sílvio Macedo (1999), seja da perspectiva de sua autoria, que lhe confere significativo papel educativo e cultural.

As duas residências abordadas neste capítulo (Fig. 2.3), Stela Rolim e Pio Rodrigues (1988) e Denise e José Carlos Pontes (1980), localizam-se próximas ao mar em bairros contíguos, Praia do Futuro I e Bairro de Lourdes, este último em cota mais elevada com relação ao primeiro, próximas ao mar e a leste. A primeira residência foi projetada por Luiz Fiuza, e, a segunda, por Delberg Ponce de Leon e Fausto Nilo, todos arquitetos formados pela UFC.

Nesses casos, a manutenção se dá de modo mais efetivo, com as naturais adequações requeridas pela dinâmica própria do jardim e por aqueles ajustes devidos às necessidades familiares, alteradas com o passar do tempo.

Embora os jardins dos edifícios estejam sujeitos à maritimidade da orla, as residências se apresentam mais expostas aos ventos marinhos salinos, tanto pela localização quanto pela horizontalidade que ali, ainda hoje, se observa.

Destaca-se, ainda, que tais jardins foram concebidos e executados ao longo dos últimos quatorze anos de vida de Roberto Burle Marx, quando o paisagista já contava mais de 70 anos de idade, sendo alvo de grande prestígio nacional e internacional e com um destacado leque de projetos e outras realizações. Uma conexão que perpassa todos esses jardins é sua implantação, que, nesses quatro jardins, ficou sob a responsabilidade do engenheiro agrônomo Ricardo Marinho.

Reforçam o prestígio de Burle Marx as exposições de pintura iniciadas em 1941 e aquelas incluindo projetos de jardins a partir de 1952, segundo Flávio Motta (1983). Sobre essas exposições vale salientar que funcionavam como importante difusor de suas obras e ideias, dentro e fora do Brasil. Até os anos 1975, efetivaram-se cerca de 30 exposições individuais nacionais, das quais 15 exibiam jardins em fotos ou projetos, e outras 21 internacionais, dentre elas, 12 mostrando jardins.



Figura 2.3: Localização dos jardins nas residências voltadas para a orla da Praia do Futuro.

Fonte: Google Earth, 2020, com edição da autora, 2023.

Considerando-se informações colhidas no *site* da Secretaria da Fazenda, no Espírito Santo¹⁷, entre 1975 e 1992, obtém-se o número de outras 53 exposições individuais nacionais, entre elas, 19 com jardins, e 20 internacionais, nas quais, em seis delas, jardins foram mostrados. Na década de 1980, concomitantemente a três dos quatro projetos mais recentes realizados em Fortaleza, ocorreu um grande número dessas exposições (10 internacionais e 35 nacionais).

Foi igualmente neste período que três de suas exposições aconteceram na cidade, por iniciativa da Sra. Ignêz Fiuza¹⁸, responsável pela galeria de mesmo nome. A primeira, em 1984, com desenhos, pinturas, painéis de tecido, litografias e serigrafias; a segunda, em 1989, com pinturas e litografias; e, a última, em 1992, com pinturas, panôs, litogravuras e almofadas. Percebe-se, portanto, que, em Fortaleza, essas exposições objetivavam à comercialização da produção artística do paisagista, e que os jardins não compareciam.

Isso aliado ao fato de que seus projetos em espaços públicos de livre acesso não se efetivaram na cidade, restringiu, sobremodo, o alcance dos princípios adotados pelo paisagista em seus jardins. Fossem eles públicos ou privados, eram sempre vistos como possibilidades de busca de soluções específicas de propostas projetuais dos espaços livres.

Segundo as elocuições de Burle Marx, nesses espaços, o foco era a adequação às “condições climáticas, de altitude, de cultura, e mesmo de capacidade financeira” (MARX, 1976), sendo necessário conhecer seu usuário e seu público. As árvores, vistas como seres vivos, eram manejadas em determinados estágios de seu ciclo vital, em coexistência mútua entre si e com o Homem. E embora não fosse o jardim “apenas um problema estético”, a função estética era considerada “condição *sine qua non*” no plano de sua existência (MARX, 1991).

Desse modo, faz-se ainda mais relevante perscrutar as propostas dos jardins privados de Roberto Burle Marx em Fortaleza, identificando-se os princípios adotados por ele como resultados diretos de sua prática projetual em paisagismo. Passemos, portanto, a percorrê-los...

2.1 EDIFÍCIOS COAST E SEA TOWER

O último jardim para edifício residencial multifamiliar¹⁹, projetado por Roberto Burle Marx em Fortaleza, integra um conjunto (Fig. 2.1.1) de duas torres autônomas de 25 pavimentos mais dois subsolos, de apartamentos com áreas de 234,40 m² (Coast Tower) e 190,11 m² (Sea Tower), ambas voltadas para o mar ao norte: o edifício Coast Tower (Fig. 2.1.2), com acesso para a Av. Beira-Mar (Av. Presidente John Kennedy) e o Ed. Sea Tower (Fig. 2.1.3), cujo acesso principal ocorre pela Rua da Paz. Cada edifício tem um pequeno jardim frontal no térreo, vinculado à guarita da portaria, e um pavimento de uso comum sobre laje, com jardins, piscina e *playground*, funcionando como elemento de ligação ente eles e propiciando o acesso de pedestres dos moradores do Sea Tower diretamente à orla.

Esses jardins, embora de uso privado, têm caráter coletivo, visto atenderem às demandas de várias unidades habitacionais, diferindo do caráter das residências analisadas adiante e favorecendo certo distanciamento de seus usuários e, conseqüentemente, sua pouca valorização. Essa percepção se fortalece pelos relatos de Dreide Araújo, responsável pela manutenção desses jardins, no período de 2010 a 2012. Indica, sobretudo, a falta de entendimento dos condôminos a respeito e implicou na descontinuidade do trabalho que a paisagista vinha desenvolvendo, no sentido de resgatar a proposta original do projeto, tendo ela despendido esforços pessoais no acesso aos arquivos do escritório Burle Marx & Cia. e visita ao Sítio Roberto Burle Marx. Os registros fotográficos aqui apresentados são de sua autoria, realizados naquele período, visto ter sido negado o acesso a eles para fins desta pesquisa e, apesar da longa insistência para que fossem acessados, permaneceu a alegação de que estavam em manutenção.

Embora não seja objetivo desta análise a avaliação do estado atual desses jardins, julga-se que a visita *in loco* é sempre importante, para uma melhor compreensão dos aspectos a eles inerentes.

O projeto arquitetônico de autoria dos Arquitetos e Urbanistas José e Francisco Hissa foi contratado pela Construtora Colmeia, que definiu o paisagista para o projeto do pavimento de uso comum (jardins), assim como o programa de necessidades a ser implantado, tendo seu desenvolvimento ocorrido separadamente nos dois escritórios, sem discussão conjunta por parte dos profissionais envolvidos no processo.

Naquele momento, estava à frente do escritório de Burle Marx o arquiteto Haruyoshi Ono, seu sócio, que, nesse projeto, contou com a colaboração da paisagista Vera Lúcia Gavinho de Freitas, conforme consta nos carimbos de identificação (Fig. 2.1.6).

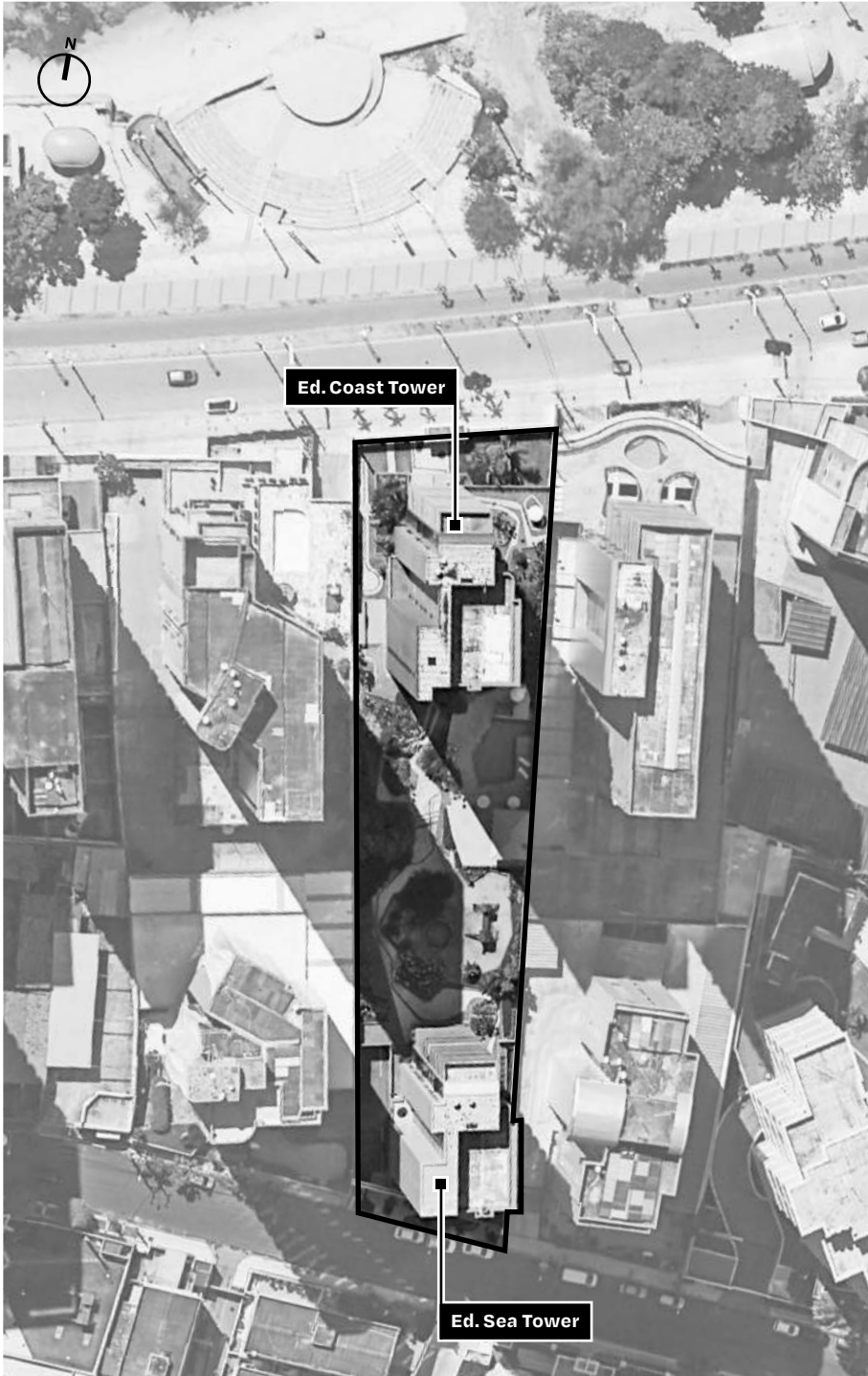


Figura 2.1.1: Situação dos edifícios Coast e Sea Tower.
Fonte: Google Earth, 2020, com edição da autora, 2023.



Figura 2.1.2: Edifícios Coast e Sea Tower, na Av. Beira-Mar.
Fonte: Adriano Bastos, 2014.

Figura 2.1.3: Edifício Sea Tower, na Rua da Paz.
Fonte: Adriano Bastos, 2014.



Figura 2.1.4: Acesso edifício Coast Tower, na Av. Beira-Mar.
Fonte: Adriano Bastos, 2014.

Figura 2.1.5: Acesso edifício Sea Tower, na Rua da Paz.
Fonte: Adriano Bastos, 2014.

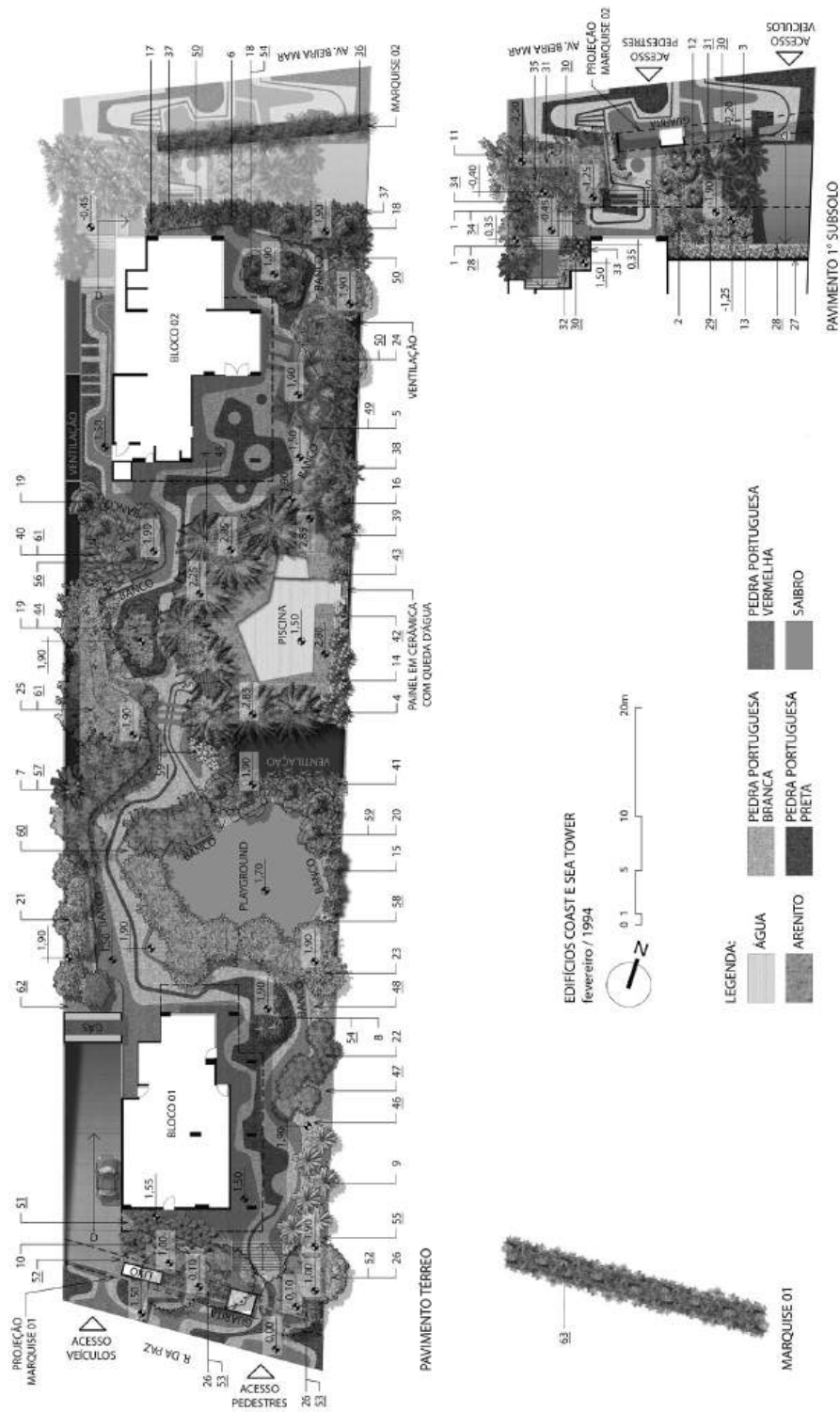


Figura 2.1.6: Proposta de Burle Marx. Jardins dos edifícios Coast e Sea Tower.
Fonte: Escritório Burle Marx & Cia. Ltda., 2014.

Partindo dos acessos, programa e macro zoneamento previamente definidos, no qual o uso comum se encontra resguardado da vista da rua, o projeto de paisagismo se restringiu a intervenções espaciais complementares, organizando volumes a partir da distribuição de espécies vegetais de arbustivas, herbáceas e arbóreas, de pequeno porte. As únicas exceções são para dois conjuntos de árvores de médio porte: o primeiro, três espécimes de *Talipariti tiliaceum*, indicados na planta denominada de 1º subsolo, que configura o acesso de pedestre pela Av. Beira-Mar, conformando um maciço de caule tortuoso, marcando as escadas com grandes flores amarelas que contrastam com a forração roxa da *Tradescantia pallida*; e o segundo, os quatro *Anacardium occidentale*, indicados quase no centro da composição, gerando um volume de maior porte à direita da piscina. Essa especificação chama a atenção por se tratar de uma espécie com raízes tabulares, que necessitariam de mais espaço para seu desenvolvimento, tendo na laje onde foi prevista um forte limitante.

Outra frutífera cuja localização ao redor da piscina poderia também causar transtornos é o coqueiro, em função da dimensão dos frutos. Em termos compositivos, essas espécies formariam os dois maiores volumes centrais, destacando a piscina (elemento água) pela verticalidade dos coqueiros, contrastando com a textura mais densa dos cajueiros, que também promoveriam isolamento visual parcial do lote vizinho.

Mais um reforço dessa centralidade está na inserção de painel mural com cascata direcionada para a piscina, princípio bastante utilizado pelo paisagista. Esse painel serve de anteparo à elevação do volume onde a piscina é escavada e consta do projeto executivo sua especificação em cerâmica. Foi implantado como uma singela composição geométrica modular com alto relevo, em granito, material abundante no Estado. Para amenizar essa elevação em nível do pedestre, jardineiras foram justapostas criando escalonamentos para a inserção do verde em diferentes estratos (Fig. 2.1.7).

Outro painel no qual se transforma o piso mineral orienta os percursos, desde os acessos externos dos dois edifícios, ritmando o caminhar com paradas em pequenos largos onde são inseridos bancos de concreto em fita sobre os desníveis dos canteiros (Fig. 2.1.8). Do traçado, emergem ilhas onde são distribuídas funções e inseridas espécies arbóreas de arquitetura significativa, como a *Plumeria rubra*, formando blocos de cores e conjuntos de palmeiras, no caso, a *Euterpe edulis*, cuja delicada verticalidade suaviza a torre próxima.

O material do piso é em pedra portuguesa, nas cores vermelha, branca e preta, material que favorece a adequação ao desenho, além de melhor se acomodar a possíveis dilatações e contrações da laje (Fig. 2.1.9).



Figura 2.1.7: Paineis e escalonamento volume da piscina.
Fonte: Dreide Araújo, 2010.

Figura 2.1.8: Canteiro de pluméias e bancos em fita.
Fonte: Dreide Araújo, 2010.

Figura 2.1.9: Centralidade e painéis mineral.
Fonte: Dreide Araújo, 2010.

Para as crianças, existe a oferta de piscina com profundidade diferenciada, ajustada ao desenho proposto, e um espaço, no trecho mais ensolarado em determinados períodos do dia e do ano, destinado ao *playground*, com pavimento de saibro, rodeado por bancos integrados à mureta. Sinalizando sua existência e conectando-se ao canteiro ao lado, sem enclausurar a circulação, a verticalidade da *Pritchardia pacifica* oferta ainda o som do farfalhar do vento em suas folhas, semelhantes às da carnaúba. Resguardando-o, dois volumes distintos de pequenas árvores, a *Plumeria rubra* com destaque de forma, cor branca e aroma, e a *Coccoloba uvifera*, com pequenos frutos em cachos, enriquecendo a percepção das crianças mediante a natureza organizada.

Uma conexão importante se percebe em nível de forração, que, em função da maior proximidade com o usuário, foi valorizada por cores e texturas, ora estabelecendo harmonias, ora criando contrastes, sempre na perspectiva de compor uma trama de elementos indispensáveis, compreendidos como seres vivos e dinâmicos, também sujeitos a instabilidades, apontadas pelo paisagista como “segredos da natureza, que nunca nos fatigam por se renovarem constantemente, pelo efeito da luz, da chuva, do vento, das sombras que modelam novas formas” (MARX, 1967, p. 89).

Alguns elementos de destaque e princípios de composição se repetem nos jardins frontais de ambas as torres: a *Plumeria rubra*, agora carmim, reforçada pela cor da *Lagerstroemia speciosa*, e contrastando em textura e forma também com a *Chamaedorea elegans* e com a trepadeira *Jasminum multiflorum*, no acesso à Av. Beira-Mar; e, pela Rua da Paz, a *Bauhinia x blakeana*, em contraste com a *Pinanga coronata* e com a trepadeira *Syngonium podophyllum*. Outras duas trepadeiras estão no centro da composição, podendo revestir parcialmente cada um dos muros laterais.

Diferenciando-se e referenciando-se mutuamente, esses jardins se deram para o exterior a partir das jardineiras de cobertura das entradas, de um lado com a *Russelia equisetiformis*, e de outro, com o *Asparagus aethiopicus*. Esse princípio de derramamento pode ser identificado igualmente no contorno com volumes à volta dos jardins que se projetam além-muros, seja protegendo da visão externa, abrindo perspectivas, seja amenizando limites, e ao mesmo tempo, conduzindo o olhar da visada superior de fora para dentro, reforçando o foco na centralidade da composição, orientado pelo desenho de piso.

Os princípios até aqui destacados foram enunciados por Burle Marx em 1962, em conferência (TABACOW, 2004, p. 131), afirmando que

não se podem criar jardins de acordo com regras ou imposições. Uma obra de arte sempre definirá sua própria estrutura. Nem sempre a regra estabelecida para um jardim

serve para outro. Podemos apenas tentar chegar a certos princípios, trabalhando por instinto e raciocínio, com imaginação e intuição.

Põe-se em destaque, a respeito das espécies vegetais especificadas (ver Quadro 2.1.2), a inexistência, nesse jardim, de espécies aquáticas, dado que o elemento água da composição tem caráter funcional (piscina). É marcante a presença de palmeiras, com 10 espécies diferenciadas, que, juntamente com a utilização de árvores de pequeno porte, são determinadas pela pouca profundidade de solo disponível em jardins sobre laje. Tem-se, ainda, a presença de uma gama de 63 espécies vegetais, das quais sete são autóctones e nove são nativas brasileiras, sendo as demais exóticas. Considerando-se os avanços da ciência e o trabalho dos botânicos, fatores constantemente ressaltados por Burle Marx, procedeu-se à atualização e complementação das nomenclaturas científicas²⁰, visando a facilitar o trabalho de outros profissionais e estudiosos do assunto, tendo-se o cuidado de ainda manter indicada a especificação e a numeração²¹ originalmente indicada no projeto.

A organização do quadro de espécies a seguir separou e quantificou as espécies por tipos, portes e hábitos, acrescentando-lhes os nomes populares e respectivos autores, indicando também a ocorrência de cada uma delas.

Cabe ainda salientar a suposição de que a espécie nativa brasileira *Turnera ulmifolia* se tratasse, na verdade, da espécie autóctone *Turnera subulata*, dados os relatos sobre observações de seu desenvolvimento local, destacado pelo paisagista, e o equívoco em sua identificação, indicado e posteriormente revisto em referências botânicas conceituadas²².

Quadro 2.1: Espécies vegetais – Edifícios Coast e Sea Tower (proposta 1993)

Nº	Nome Científico	Nome Popular	Notas
Árvores de Médio Porte (≥ 6,00 < 10,00 m; 2 unid.)			
11	Talipariti tiliaceum (L.) Fryxell [Paritium tiliaceum]	Algodão-da-praia	EXO SS
25	Anacardium occidentale L.	Cajueiro	AUT TR
Árvores de Pequeno Porte (≥ 4,00 < 6,00 m; 8 unid.)			
18	Plumeria rubra L. (carmin)	Jasmim-manga carmin	EXO TR
19	Plumeria rubra L. (tricolor)	Jasmim-manga tricolor	EXO TR
20	Plumeria rubra L. (branca)	Jasmim-manga branca	EXO TR
21	Tecoma stans (L.) Juss. ex Kunth [Stenobium stans]	Ipêzinho	EXO TR
23	Coccoloba uvifera (L.) L.	Uva-do-mar	EXO TR
24	Lagerstroemia speciosa (L.) Pers.	Extremosa	EXO TR
26	Bauhinia x blakeana Dunn	Pata de vaca	EXO TR
41	Heptapleurum arboricola Hayata [Schefflera arboricola]	Árvore guarda chuva	EXO TR
Arbustos (10 unid.)			
12	Mussaenda erythrophylla Schumach & Thonn. (rosa)	Mussaenda	EXO SS
13	Dichorisandra thyrsiflora J.C. Mikan	Gengibre azul	NAT SS
14	Pereskia grandifolia Haw.	Rosa-mole	AUT TR
15	Pittosporum tobira (Thunb.) W.T. Aiton	Pitosporo japonês	EXO TR
16	Clusia fluminensis Planch. & Triana	Clúsia	NAT TR
22	Nerium oleander L.	Espirradeira	EXO TR
38	Hibiscus rosa-sinensis L.	Papoula	EXO TR
51	Lantana camara L. (branca)	Camará	AUT TR
52	Lantana camara L. (amarela)	Camará	AUT TR
53	Lantana camara L. (tricolor)	Camará	AUT TR

Nº	Nome Científico	Nome Popular	Notas
Palmeiras (10 unid.)			
1	<i>Ptychosperma elegans</i> (R.Br.) Blume	Palma solitária	EXO SS
2	<i>Phoenix roebelenii</i> O'Brien	Tamareira-anã	EXO SS
3	<i>Dypsis decaryi</i> (Jum.) Beentje & J. Dransf.	Palmeira-triângulo	EXO SS
4	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro	EXO TR
5	<i>Veitchia joannis</i> H. Wendl.	Joannis	EXO TR
6	<i>Chamaedorea elegans</i> Mart.	Palmeira-bambu	EXO TR
7	<i>Pritchardia pacifica</i> Seem. & H. Wendl.	Palmeira-de-fiji	EXO TR
8	<i>Euterpe edulis</i> Mart.	Juçara	NAT TR
9	<i>Hyophorbe lagenicaulis</i> (L.H. Bailey) H.E. Moore	Palmeira-garrafa	EXO TR
10	<i>Pinanga coronata</i> (Blume ex Mart.) Blume [<i>Pinanga kuhlii</i>]	Pinanga	EXO TR
Trepadeiras (4 unid.)			
37	<i>Jasminum multiflorum</i> (Burm.f.) Andrews	Jasmim da china	EXO TR
39	<i>Thaumatococcus bipinnatifidum</i> (Schott ex Endl.) Sakur., Calazans & Mayo [<i>Philodendron bipinnatifidum</i> Schott]	Guaimbê	NAT TR
40	<i>Philodendron subincisum</i> Schott [<i>Philodendron willsonii</i>]	Filodendro	EXO TR
55	<i>Syngonium podophyllum</i> Schott	Singônio	EXO TR
Herbáceas (12 unid.)			
17	<i>Galphimia glauca</i> Cav. [<i>Thryallis glauca</i>]	Galpímia	EXO TR
27	<i>Dieffenbachia seguine</i> (Jacq.) Schott [<i>Dieffenbachia picta</i>]	Comigo-ninguém-pode	AUT SS
32	<i>Eranthemum pulchellum</i> Andrews [<i>Eranthemum nervosum</i>]	Salva azul	EXO SS
33	<i>Anthurium andraeanum</i> Linden ex André	Antúrio	EXO SS
35	<i>Crinum x amabile</i> Donn ex Ker Gawl. [<i>Crinum amabile</i>]	Crinum	EXO SS

Nº	Nome Científico	Nome Popular	Notas
42	<i>Hemerocallis flava</i> (L.) L.	Lírio-amarelo	EXO TR
43	<i>Hemerocallis fulva</i> (L.) L.	Hemerocale	EXO TR
54	<i>Turnera ulmifolia</i> L.	Turnera	EXO TR
56	<i>Bulbine frutescens</i> (L.) Willd. (laranja) [<i>Bulbine caulescens</i>]	Bulbine-laranja	EXO TR
57	<i>Bulbine frutescens</i> (L.) Willd. (amarela) [<i>Bulbine caulescens</i>]	Bulbine-amarela	EXO TR
58	<i>Neomarica caerulea</i> (Ker Gawl.) Sprague	Lírio-roxo-das pedras	NAT TR
59	<i>Aster amellus</i> L.	Áster-italiana	EXO TR
Forrações (17 unid.)			
28	<i>Epipremnum pinnatum</i> (L.) Engl. [<i>Scindapsus aureus</i>]	Jiboia	EXO SS
29	<i>Pilea cadierei</i> Gagnep. & Guillaumin	Alumínio	EXO SS
30	<i>Tradescantia pallida</i> (Rose) D.R. Hunt [<i>Setcreasea pupurea</i>]	Manto sagrado	EXO SS
31	<i>Chlorophytum comosum</i> (Thunb.) Jacques	Clorofito	EXO SS
34	<i>Ctenanthe setosa</i> (Roscoe) Eichler	Maranta-cinza	AUT SS
36	<i>Russelia equisetiformis</i> Schldtl. & Cham.	Russélia	EXO TR
44	<i>Tradescantia spathacea</i> Sw. [<i>Rhoeo discolor</i>]	Abacaxi-roxo	EXO TR
45	<i>Plumbago auriculata</i> Lam. [<i>Plumbago capensis</i>]	Bela-emília	EXO TR
46	<i>Portulaca grandiflora</i> Hook. (amarela)	Onze-horas	NAT TR
47	<i>Portulaca grandiflora</i> Hook. (rosa)	Onze-horas	NAT TR
48	<i>Portulaca grandiflora</i> Hook. (branca)	Onze-horas	NAT TR
49	<i>Evolvulus lithospermoides</i> var. <i>martii</i> (Meisn.) Sim.-Bianch. [<i>Evolvulus martii</i>]	Evolvus	NAT TR
50	<i>Barleria cristata</i> L.	Barléria	EXO TR
60	<i>Pilea microphylla</i> (L.) Liebm.	Brilhantina	EXO TR

Nº	Nome Científico	Nome Popular	Notas
61	<i>Asystasia gangetica</i> (L.) T. Anderson [<i>Asystasia coromandeliana</i>]	Asistásia-branca	EXO TR
62	<i>Glandularia laciniata</i> (L.) Schnack & Covas [<i>Verbena erinoides</i>]	Camaradinha	EXO TR
63	<i>Asparagus aethiopicus</i> L. [<i>Asparagus sprengeri</i>]	Aspargo	EXO TR

Fonte: Organizado pela autora, com atualização botânica de Sérgio Castro, 2014.

LEGENDA

() Indicação existente no projeto, referente ao autor, origem ou variedade.	
[] Sinonímia científica antiga constante na lista original.	
Origem:	Localização:
AUT Autóctone (Ceará)	SS Jardim 1º subsolo (frente Av. Beira-Mar)
NAT Nativa brasileira	TR Jardins do térreo (uso comum e frente R. da Paz)
EXO Exótica	

2.2 EDIFÍCIO PORTAL DA ENSEADA

O primeiro edifício residencial de Roberto Burle Marx em Fortaleza (Fig. 2.2.1), identificado no projeto com o número 13, do ano de 1985 (1.891, na contagem geral), se deu por iniciativa da Construtora Queiroz Galvão, que, à época, iniciava esse tipo de empreendimento na cidade, segundo relata um dos autores da proposta arquitetônica, Francisco Hissa.

Torre de menores proporções que as anteriormente abordadas, com 15 pavimentos, dois subsolos e apartamentos com área em torno de 420 m², volta-se para a orla do Mucuripe, onde tem acessos de pedestres, principal e de automóveis, pela Av. Beira-Mar, e também pela R. da Paz, para serviços (este, não previsto inicialmente) e para um dos subsolos (Fig. 2.2.2).

Implantado no momento de consolidação do processo de verticalização da orla da Av. Beira-Mar, em Fortaleza, quando questões de segurança eram consideradas de modo menos enfático e a relação dos espaços públicos e privados ocorriam de modo mais ameno que nos dias de hoje, adotou-se a solução de acesso por meio de acesso abrigado para automóveis e pedestres, em plataforma elevada, conectando o jardim frontal do edifício diretamente à calçada à sua frente (Fig. 2.2.3). Essa solução ia ao encontro das ideias de Burle Marx, cuja postura era de crítica referente ao padrão de implantação e programático dos edifícios de moradia vertical, pela pouca oferta de espaços de convívio social e com o verde, em algumas situações. Todavia, isso não o impediu de propor soluções para o que julgava ser a incompreensão do nosso povo em conviver com o espaço livre (CARDOSO, 1993).

Em que pese à definição de programa pela construtora, implicando no zoneamento e na compartimentação dos espaços de uso comum, a desconexão dos usuários aqui também se verifica e se reflete em sua conservação, implicando na manutenção apenas de poucos elementos desses jardins, reforçando a incompreensão anteriormente indicada pelo paisagista. Além disso, naquele momento, a disponibilidade de espaços livres privativos ainda não havia atingido o patamar atual como argumento de venda do mercado imobiliário na cidade.

Novamente a conceituação do empreendimento e a escolha dos profissionais envolvidos foram definidas pela empresa, em conexão com suas práticas e referências no contexto de Recife. A proposta arquitetônica surge como diferencial do modo de morar destinado a um público de alta renda, somado ao apelo de nomes referenciais das artes plásticas, como o artista cearense Sérvulo Esmeraldo, do paisagismo de Roberto Burle Marx e da arquitetura de interiores de Janete Costa, segundo consta no *folder* de divulgação, em arquivo do escritório do paisagista (Figs. 2.2.4 a 2.2.6).



Figura 2.2.1: Situação do edifício Portal da Enseada.
Fonte: Google Earth, 2020, com edição da autora, 2023.



Figura 2.2.2: Edifício Portal da Enseada na Av. Beira-Mar.
Fonte: Adriano Bastos, 2014.



Figura 2.2.3: Acesso frontal conforme proposta.

Fonte: Nelson F. Bezerra, 2003.



Figura 2.2.4: Divulgação escultura.

Fonte: Acervo Instituto Sérvulo Esmeraldo, 2022.



Figura 2.2.5: Divulgação paisagismo.

Fonte: Acervo Instituto Sêrvulo Esmeraldo, 2022.



Janete Borsoi e a Ambientação no Portal da Enseada.

Janete Borsoi: este nome é sinónimo de bom gosto, sofisticação e bem-estar.

Sua assinatura rara constrói ambientes fascinantes.

A Construtora Queiroz Galvão convidou Janete Borsoi para dar ao Portal da Enseada uma ambientação muito especial.

E por estes e outros detalhes fundamentais que o Portal da Enseada é um empreendimento único, que oferece todo o conforto e sofisticação dos melhores edifícios já construídos, mas com uma pitada a mais de luxo, inteligência e classe.

Além de ser um investimento altamente lucrativo, ao contrário dos condomínios fechados que você nunca sabe quanto vão lhe custar, já tem um preço definitivo.

Figura 2.2.6: Divulgação arquitetura de interiores.

Fonte: Acervo Instituto Sérvulo Esmeraldo, 2022.

Assim, do mesmo modo que nos edifícios anteriores, a proposta de paisagismo de Burle Marx (Figs. 2.2.8 e 2.2.9) e a de arquitetura do Escritório Nasser Hissa se desenvolvem sem diálogo direto entre os profissionais, durante o processo projetual. O paisagismo também se restringe ao tratamento complementar dos jardins: do acesso principal, onde se localiza a escultura em aço de 10 metros de altura, seguindo a prática da construtora no mercado de Recife, em que a implantação de obras de arte é determinada por legislação urbana específica; do jardim posterior onde o uso é apenas para pequeno *playground* e contemplação; e, de pequenas jardineiras corridas, de acabamento do térreo e da piscina.

Naquela época, Haruyoshi Ono já integrava o escritório como arquiteto associado, sendo de sua autoria o desenho dos jardins posteriores, em padrão gráfico à moda de Burle Marx, claramente identificável (Fig. 2.2.7). Esse painel, entretanto, não se conecta do mesmo modo com a arquitetura, como nos edifícios anteriores, a partir dos acessos externos. Apesar da conexão interior e exterior do lote daquele momento, o desenho se interrompe na calçada, com a implantação de outro padrão, como é possível verificar na imagem do acesso ainda com a proposta inicial, mostrada na Fig. 2.2.3, e em detalhe de sua condição atual (Fig. 2.2.10).

A grande projeção do edifício com relação ao lote e à distribuição interna do apartamento, onde os ambientes que se voltam para esse jardim são em maior número e extensão, para fins de serviços, reduzem a conexão visual com o interior da moradia. Tal percepção é sustentada pelo estado atual desses jardins, praticamente inexistentes, à exceção dessa parte do piso, da estrutura mais simples de suporte das esculturas vegetais e poucos remanescentes das espécies vegetais da proposta, além da função atual do espaço como local de guarda de objetos em desuso, dos moradores, que denominam o lugar de "quintal". Enfocando-se os princípios projetuais presentes na proposta de Burle Marx, verifica-se a existência de alguns pontos já elencados anteriormente, quais sejam: o desenho que orienta percursos e disposições de canteiros e elementos focais; o escalonamento de volumes nos canteiros periféricos para distribuição de espécies de maior porte, conduzindo o olhar para o centro e amenizando a rigidez dos limites do lote, nesse caso mais altos; a incorporação ao desenho, junto aos canteiros dos bancos de concreto em fita, favorecendo o convívio pela disposição convergente, seja o voltado para os brinquedos, seja o voltado para as esculturas verticais de plantas.

Os materiais utilizados são semelhantes aos dos edifícios anteriores: piso em pedra portuguesa, nas cores preta, branca e vermelha, com detalhes em arenito modulado nas dimensões 90x90/40x90/40x40 cm. Os separadores de canteiro são executados em concreto *in loco*, e para reduzir a sobrecarga

na laje, foi previsto o uso de vermiculita expandida e a adoção de morrotes, para ampliar a área de desenvolvimento das raízes.

Brinquedos e esculturas vegetais verticais compartilham e reforçam a centralidade do espaço livre, orientando-a para o alto, foram detalhados pelo escritório, conforme prancha (Fig. 2.2.11) mostrada em sequência.

Duas árvores de médio porte, a *Talipariti tiliaceum* e a *Thespesia populnea*, com folhagens de texturas mais rígidas e, portanto, mais resistentes aos ventos, sombreiam as proximidades dos brinquedos nos horários de maior insolação e se projetam para fora do lote. Chama a atenção a utilização do *Talipariti* sobreposto ao *Pandanus tectorius*, o que poderia comprometer a visualização das características escultóricas desta última, principalmente de suas raízes aéreas, justificando-se, talvez, pela diferença no tempo de crescimento de ambas, explicitando o pensamento do paisagista de que o jardim é sempre uma obra inacabada que necessita dessa quarta dimensão: "o tempo necessário para se observar esse espaço" (MARX, 1991, p. 60).

Novamente um conjunto de *Coccoloba uvifera* reforça a volumetria do conjunto e estimula a curiosidade da criançada. Ali, em proximidade, a *Eugenia uniflora* e a *Carissa macrocarpa* oferecem seus pequenos frutos vermelhos e o perfume de suas flores brancas. Sobre a questão do uso de plantas perfumadas, aponta Guilherme Mazza mais alguns de seus princípios: a importância da ênfase na percepção olfativa dos ambientes, por intermédio do perfume das plantas, que, na natureza, cumpre o papel de atrair pássaros e insetos, fazendo uso do "lado imponderável da natureza", e desenvolvendo "o prazer de perscrutar e querer saber a razão pela qual as coisas vão acontecendo" (MARX, 1991, p. 61).

A escultura cilíndrica, com cinco metros de altura, equilibra o volume dos brinquedos. Tem na base o *Crinum x amabile* e se transforma em um totem de epífitas, recoberto de *Neoregelia compacta*. A outra escultura, variando a altura entre cinco e seis metros e meio, dá suporte à *Thunbergia grandiflora*, com sua floração azul pálido, contrastando com as cores das forrações vermelha e branca, respectivamente da *Ixora coccinea* e da *Turnera ulmifolia*, harmonizando-se à textura das grandes folhas recortadas do *Thaumatococcus danianum*.

Nas jardineiras ao longo dos muros, nas duas ilhas que balizam o percurso sob o mezanino e naquelas incorporadas à edificação, adotaram-se os mesmos princípios de escalonamento volumétrico, dessa feita com espécies arbustivas, herbáceas e de forração. Verifica-se, aqui, um jogo compositivo mais diversificado, em nível da maior proximidade com o observador, tanto pelo maior número de herbáceas (15/12), quanto pela maior presença de flores em diferentes cores, nos três estratos vegetais, se comparado aos edifícios Coast e Sea Tower, considerando o espaço mais amplo e o maior número de espécies ali utilizadas (44/63).

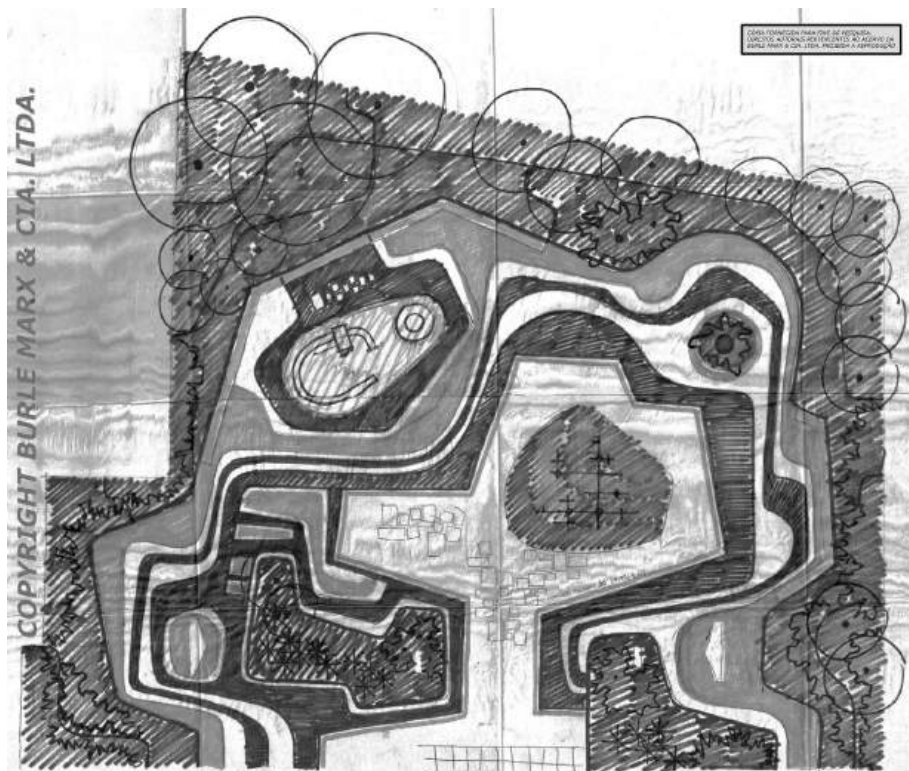


Figura 2.2.7: Desenho de Haruyoshi para jardins posteriores.

Fonte: Acervo Instituto Burle Marx.

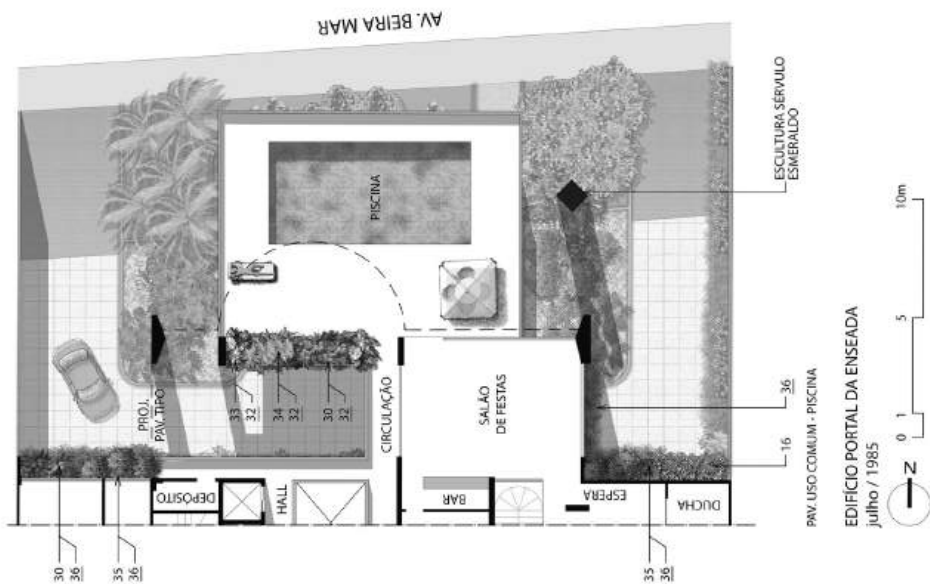
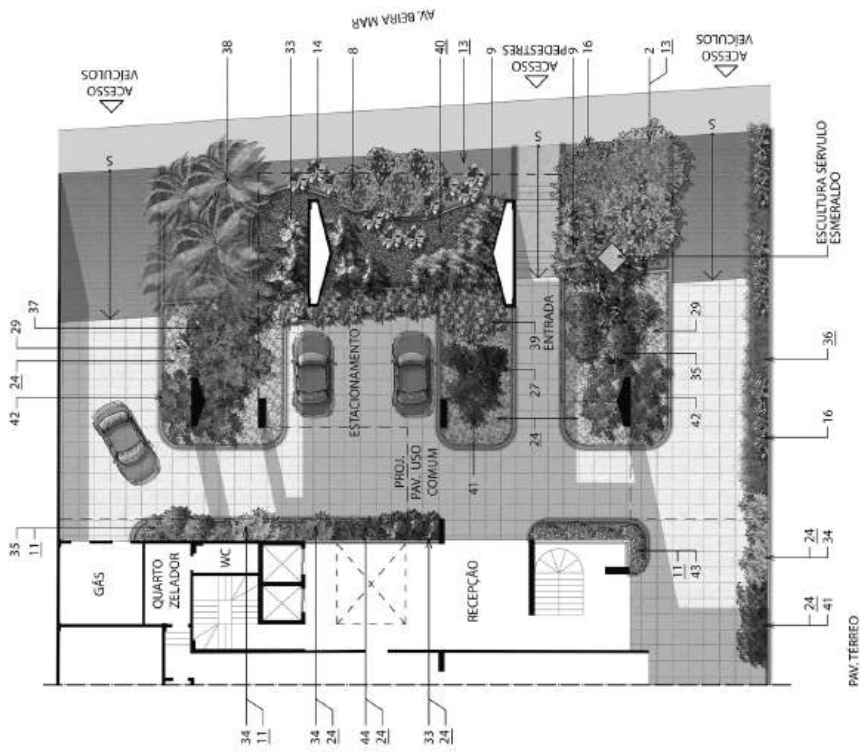
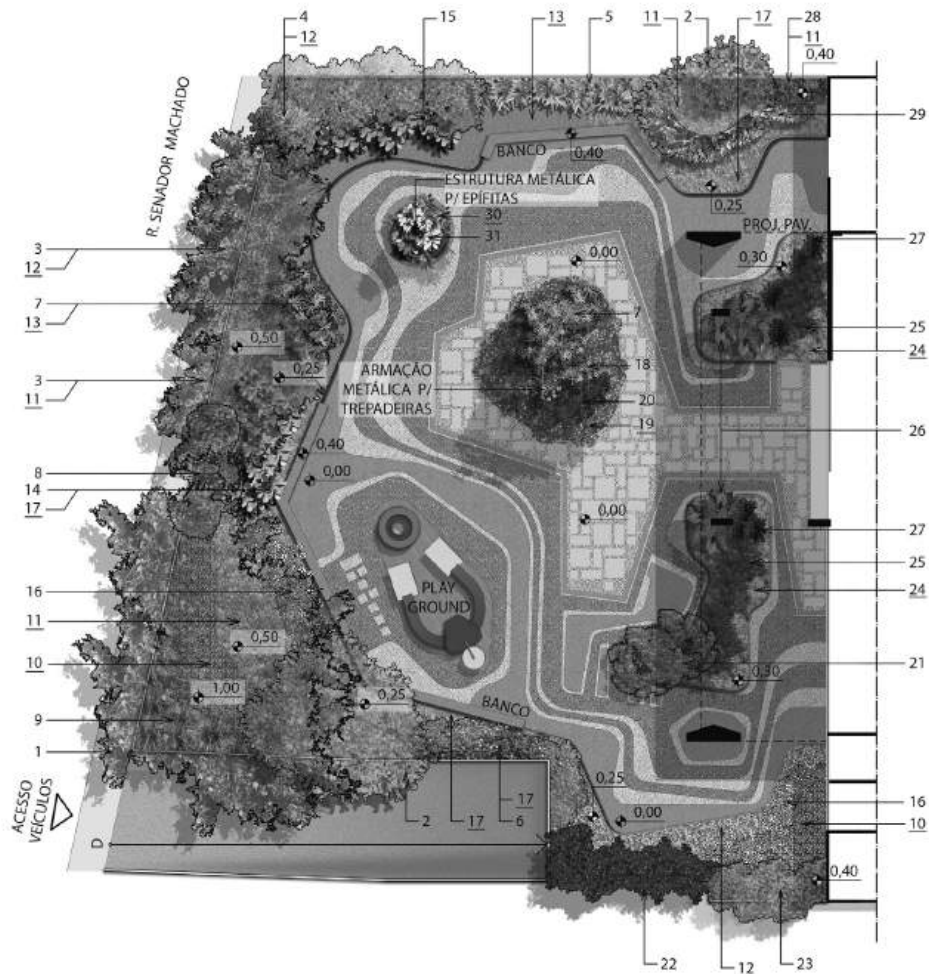


Figura 2.2.8: Proposta de Burle Marx jardins do edifício Portal da Enseada (piscina e térreo).
 Fonte: Acervo da autora, produzido a partir do projeto original, 2022.



EDIFÍCIO PORTAL DA ENSEADA
pav. uso comum posterior - julho / 1985



LEGENDA:



Figura 2.2.9: Proposta de Burle Marx jardins do edifício Portal da Enseada (posterior).

Fonte: Acervo da autora, produzido a partir do projeto original, 2022.



Figura 2.2.10: Calçada Portal da Enseada na Av. Beira-Mar.
Fonte: Adriano Bastos, 2014.

Nessa diversificação, está presente outro princípio compositivo utilizado pelo paisagista com referência ao uso da cor, fosse este inspirado em Braque, Picasso, Van Gogh ou Gauguin, e mesmo na tapeçaria de diferentes procedências, ou ainda na porcelana chinesa, importa perceber a relação entre as cores, suas dominâncias e conexões, dado que “uma cor jamais existirá isolada” (MARX, 1962, p. 62).

Aqui também não foram indicadas espécies aquáticas e reduziu-se a quantidade de palmeiras, ficando seu uso restrito apenas ao conjunto de *Cocos nucifera*, que serve de marco vertical, no acesso principal, conectados à paisagem do calçadão da Av. Beira-Mar, à frente, e à *Chamaedorea tepejilote*, delicada palmeira indicada como contraponto vertical e de textura ao *Philodendron subincisum*, nos canteiros sob o mezanino. Nela, a disposição dos pequenos e destacados frutos remetem à forma da floração da *Heliconia psittacorum*, indicada em maciço no canteiro ao lado.

Nas jardineiras do térreo e do mezanino, algumas espécies são dispostas na intenção de que conquistem mais espaço: a *Allamanda cathartica*, o *Asparagus aethiopicus*, a *Monstera deliciosa*, o *Philodendron martianum*, a *Russelia equisetiformis* e a *Thunbergia erecta* se derramam e contrastam em cor, forma e textura com a *Clusia fluminensis*, a *Dracaena reflexa* e o *Heterocentron elegans*. Este último, juntamente com o *Epipremnum pinnatum*, fazem as conexões de forração no acesso, nas jardineiras e nos canteiros do jardim posterior.

Ressalta-se que, apesar da previsão inicial da escultura no acesso principal, ela não foi contemplada no projeto de paisagismo, que previa, em seu lugar, outro conjunto, dessa vez de árvores de pequeno porte, como a *Coccoloba uvifera*, que, contrastando com a textura dos coqueiros, também ecoaria a maritimidade do local, assim revelando outro princípio do paisagista:

um jardim deve pertencer, em espírito, ao lugar onde está situado, pois, por mais cuidadoso que tenha sido seu planejamento, nunca se apresentará perfeitamente bem se as plantas que o constituem não forem ecologicamente compatíveis (MARX, 1962, p. 51).

Em seu lugar uma escultura foi, de fato, implantada, compondo inicialmente com os coqueiros a verticalidade do acesso.

Sobre as espécies vegetais organizadas no quadro 2.2, mostrado adiante, salienta-se que, entre as 44 espécies listadas, apenas as herbáceas *Allamanda cathartica* e *Heliconia psittacorum*, são autóctones; as outras sete são nativas brasileiras, e as demais são exóticas. Comparando-se as listagens dos projetos para os edifícios abordados, verifica-se a repetição de 15 espécies,

entre os diferentes tipos, exceto entre as trepadeiras, apontando para outro dos princípios do paisagista, qual seja a experimentação como processo de descoberta e a curiosidade constante, implicando em reinvenção cotidiana.

Deste modo, nada melhor que a própria afirmação de Burle Marx para explicitar que

fazer jardins, projetar parque ou praças públicas não se resume apenas a solucionar problemas de composição, mas também em fazer a natureza acessível ao homem e, por que não dizer, tornar o homem acessível à natureza, pois, o dia em que este a compreender melhor, a vida nesses aglomerados de neuroses e depressões a que os homens chamam cidades tornar-se-á mais amena, mais agradável, mais humana (MARX, 1971, s/p.).

Após os percursos pelas propostas projetuais de dois jardins de Roberto Burle Marx, em edifícios residenciais multifamiliares de Fortaleza, mais que buscar inseri-los nesta ou naquela classificação formal e/ou de periodização da obra do paisagista²³, buscou-se neles identificar alguns princípios aplicados, como rebatimento às elocuições de diversos estudiosos e do próprio autor a respeito da inestimável contribuição ao exercício projetual dos espaços livres.

Entre essas falas, ressaltam-se as palavras de Jacques Leenhardt sobre os jardins do Banco Safra, cuja semelhança com os jardins estudados é visível, sendo, portanto, sua análise pertinente aos casos estudados:

O que mais surpreende na concepção desse[s] jardim[ns] é que o visitante, aparentemente guiado pelas linhas do desenho, numa espécie de passeio imposto, na verdade passa seu tempo transpondo os caminhos desenhados pelos materiais. Duas lógicas, portanto, solicitam alternativamente ou contraditoriamente o passeante. Uma que desejaria obrigá-lo a seguir o percurso desenhado pelos materiais, a outra que quer que o corpo estabeleça seu próprio itinerário dentro do espaço, em função não dos traçados no solo, mas dos elementos que atraem o olhar conforme o jogo das cores ou das sombras. Na verdade, esse[s] espaço[s] propõe[m] uma experiência bastante singular no tocante à liberdade de sentir e mover-se, experiência que, sem dúvida, constitui um dos encantos mais característicos do jardim (2006, p. 17).

Quadro 2.2: Espécies vegetais – Edifício Portal da Enseada (proposta 1985)

Nº	Nome Científico	Nome Popular	Notas
Árvores de Médio Porte (≥ 6,00 < 10,00 m; 2 unid.)			
1	Talipariti tiliaceum (L.) Fryxell [Paritium tiliaceum A. St. Hil.]	Algodão-da-praia	EXO
3	Thespesia populnea (L.) Sol. ex Corrêa	Algodão-da-praia	EXO PT
Árvores de Pequeno Porte (≥ 4,00 < 6,00 m; 8 unid.)			
2	Coccoloba uvifera (L.) L.	Uva-do-mar	EXO PT FR
9	Pandanus tectorius Parkinson ex Du Roi [Pandanus veitchii Hort.]	Língua-de-sogra	EXO PT FR
21	Plumeria rubra L. (branca)	Jasmim-manga	EXO PT
22	Eugenia uniflora L.	Pitanga	NAT PT
23	Tecoma stans (L.) Juss. ex Kunth [Stenolobium stans Seem.]	Ipêzinho	EXO PT
34	Dracaena reflexa Lam. [Pleomele reflexa N.E. Brown.]	Pleomele	EXO FR
37	Pandanus utilis Bory	Pândanus	EXO FR
41	Heptapleurum arborícola Hayata [Schefflera arboricola Hayata]	Árvore guarda-chuva	EXO FR
Arbustos (8 unid.)			
4	Clusia sp. (Brasília)	Clúsia	NAT PT
6	Carissa macrocarpa (Eckl.) A.DC. [Carissa grandiflora D.C.]	Carissa	EXO PT
8	Senna bicapsularis (L.) Roxb. [Cassia bicapsularis L.]	Canudo-de-pito	EXO PT
20	Ixora coccinea L.	Lacre	EXO
28	Hibiscus rosa-sinensis L. var. cooperi	Papoula	EXO PT
35	Clusia fluminensis Planch. & Triana	Clúsia	NAT FR
36	Russelia equisetiformis Schtdl. & Cham.	Russélia	EXO FR
43	Thunbergia erecta (Benth.) T. Anderson	Tumbergia-azul-arbustiva	EXO FR

Nº	Nome Científico	Nome Popular	Notas
Palmeiras (2 unid.)			
25	<i>Chamaedorea tepejilote</i> Liebm.	Chamaedórea	EXO PT
38	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro	EXO FR
Trepadeiras (3 unid.)			
16	<i>Allamanda cathartica</i> L.	Alamanda	AUT PT FR
18	<i>Thunbergia grandiflora</i> Roxb.	Azulzinha	EXO PT
33	<i>Monstera deliciosa</i> Liebm.	Costela-de-adão	EXO FR
Herbáceas (15 unid.)			
5	<i>Alpinia purpurata</i> (Vieill.) K. Schum.	Panamá	EXO PT
7	<i>Thaumatococcus mello-barretoanum</i> (Burle-Marx ex G.M. Barroso) Sakur, Calazans & Mayo [<i>Philodendron mello-barretoanum</i> Burle-Marx ex G.M.Barroso]	Filodendro	NAT PT
11	<i>Heterocentron elegans</i> (Schltdl.) Kuntze [<i>Schizocentron elegans</i> Meissn.]	Quaresmeira-rasteira	EXO PT FR
14	<i>Alcantarea imperialis</i> (Carriere) Harms [<i>Vriesia imperialis</i> Carriere]	Bromélia-imperial	NAT PT FR
15	<i>Aechmea blanchetiana</i> (Baker) L.B.Sm.	Bromélia	NAT PT
19	<i>Turnera ulmifolia</i> L.	Turnera	EXO PT
26	<i>Philodendron subincisum</i> Schott [<i>Philodendron wilsonii</i>]	Filodendro	EXO PT
27	<i>Anthurium</i> sp. (da Amazônia)	Anturium	NAT PT FR
29	<i>Heliconia psittacorum</i> L.f.	Pacavira	AUT PT FR
30	<i>Crinum x amabile</i> Donn ex Ker Gawl. [<i>Crinum amabile</i> Donn.]	Crinum	EXO
31	<i>Neoregelia compacta</i> (Mez) L.B.Sm.	Bromélia-de-ninho	NAT PT
32	<i>Asparagus aethiopicus</i> L. [<i>Asparagus sprengeri</i> Regel]	Aspargo	EXO FR
39	<i>Crinum asiaticum</i> L.	Crino-branco	EXO FR

Nº	Nome Científico	Nome Popular	Notas
42	<i>Thaumatococcus bipinnatifidum</i> (Schott ex Endl.) Sakur., Calazans & Mayo [<i>Philodendron bipinnatifidum</i> Schott]	Guaimbê	NAT FR
44	<i>Philodendron martianum</i> Engl.b	Babosa-de-pau	NAT FR
Forrações (6 unid.)			
10	<i>Plumbago auriculata</i> Lam. [<i>Plumbago capensis</i> Thunb.]	Bela-emília	EXO PT
12	<i>Asystasia gangetica</i> (L.) T. Anderson [<i>Asystasia coromandeliana</i> Nees]	Asistásia-branca	EXO PT
13	<i>Zoysia matrella</i> (L.) Merr.	Gramma-manila	EXO PT FR
17	<i>Bulbine frutescens</i> (L.) Willd. (amarela) [<i>Bulbine caulescens</i>]	Bulbine	EXO PT
24	<i>Epipremnum pinnatum</i> (L.) Engl. [<i>Scindapsus aureus</i> Engl.]	Jiboia	EXO PT FR
40	<i>Ficus sinuata</i> Thunb. [<i>Ficus quercifolia</i> Blume]	Ficus	EXO FR

Fonte: Organizado pela autora, 2014.

LEGENDA

() Indicação existente no projeto, referente ao autor, origem ou variedade.	
[] Sinonímia científica antiga constante na lista original.	
Origem:	Localização:
AUT Autóctone (Ceará)	PT Jardim posterior
NAT Nativa brasileira	FR Jardins frontais (térreo e mezanino)
EXO Exótica	

2.3 RESIDÊNCIA STELA ROLIM E PIO RODRIGUES NETO

Esta residência (Fig. 2.3.1) foi construída no loteamento denominado Vereda Atlântica, datado de 1975, desmembrado da gleba 6M de outro loteamento, no ano de 1964. Tratava-se, então, de nova tentativa de consolidação da ocupação na Praia do Futuro, desta feita em região de dunas, com cotas mais elevadas e relevo acidentado, em local de vista privilegiada e, conseqüentemente, mais exposto aos ventos salinos.

A vista do mar e a tranquilidade do local, ainda no início de sua ocupação, foram atrativos para famílias jovens de classes abastadas da cidade, conforme relata um desses proprietários: Pio Rodrigues.

Conexões familiares e sociais orientam a escolha do arquiteto Luiz Fiuza, com quem o empresário mantinha amizade desde a juventude, além de afinidades culturais (música e artes, em geral), para elaborar o projeto arquitetônico da residência. A conexão com Acácio e Janete Costa, padrinhos de casamento do casal, responsáveis pelo projeto da residência de seus pais, somada ao interesse pessoal para o cultivo de plantas e jardins, conduziu naturalmente à escolha de Roberto Burle Marx para o projeto de paisagismo (numeração geral 2055, e 08 de 1988), que, à época, projetava os jardins do edifício empresarial pertencente ao grupo familiar, o Centro Empresarial Clóvis Rolim²⁴, localizado no centro de Fortaleza.

Deste modo, após elaboração e discussão do projeto com o arquiteto, que sugeriu a incorporação de mais um lote à residência, favorecendo sua implantação e a relação desta com o espaço livre, Burle Marx é chamado a desenvolver uma proposta (Fig. 2.3.2), sem conexão com o arquiteto e a concepção da obra. Neste caso, o proprietário foi o elo mediador na discussão das soluções, da concepção à implantação e conservação, conforme relato dos proprietários. Naquele momento, Tabacow já não mais fazia parte da equipe de escritório e Haruyoshi Ono era arquiteto associado, tendo visitado o local com o paisagista. Outra conexão importante é a presença do agrônomo Ricardo Marinho, responsável pela implantação destes jardins, e por sua manutenção, tendo implantado posteriormente o projeto de irrigação de sua autoria, dado possuir especialização na área. Esta parceria entre os paisagistas se estabeleceu a partir do momento inicial da formação de Marinho, transformando-se em forte laço de amizade e admiração mútuas. Tanto que Burle Marx ao ser questionado por Guilherme Mazza (1991) sobre caminhos apontados por outros profissionais da época no Brasil, cita-o como referência de bom trabalho, junto a nomes como José Tabacow, Koiti Mori, Rosa Kliass e Suely Suchodolsky.

A participação de Burle Marx incorporou o projeto arquitetônico da piscina e do anexo, com pérgula a emoldurar a paisagem ao redor, aplicando ali outro de seus princípios: o de “interpretar corretamente a paisagem natural, para pensar harmonicamente em conceber e executar a paisagem construída” (MARX, 2004, p 48).

A residência, com área estimada de 1.100,00 m², para família de cinco pessoas (pais e três filhos, o quarto nasceu quando já moravam no local), ocupa porção considerável do terreno, e se volta para os jardins (Fig. 2.3.2), conectando-se diretamente a eles através de ampla varanda em 'L', que faz a transição entre o espaço livre e o espaço construído, ampliando e amenizando este contato. Outros recursos que também fazem a conexão direta entre o verde e a edificação são os canteiros dos acessos e as jardineiras de acabamento, utilizadas inclusive externamente (Figs. 2.3.3 e 2.3.4), na tentativa de suavizar a altura do muro limite do lote, que por conta do desnível e da definição de cotas internas do terreno, apresenta-se de modo incisivo na paisagem urbana. Mostram-se igualmente importantes neste caso: a solução de drenagem que a decisão projetual da criação de platô para implantação da residência determinou, para que o arrimo não se transformasse em uma barragem para as águas das chuvas, lançadas pelos grandes panos de telhado, conforme destaca o engenheiro Xisto Medeiros, comentando a solução adotada pelo arquiteto Emílio Hinko, no clube Náutico Atlético Cearense, em 1929: “a calha escondida”. E, o ligeiro afastamento do anexo do muro limite para inserção de vegetação de espécies arbóreas de médio porte, a *Cassia javanica* e arbustivas, a *Bougainvillea spectabilis*, ambas em fortes tons de rosa.

Analisando-se o zoneamento, o programa, a estruturação e o ordenamento dos jardins, verifica-se:

- a) a adequação aos limites do terreno e à topografia, enquanto dispõe o anexo da piscina próximo e conectado diretamente à varanda e ao acesso principal, centralizando-a como elemento água ao pequeno desnível ainda existente, que recebeu o reforço de desenho (Fig. 2.3.2) no revestimento;
- b) a incorporação da paisagem do entorno, quando emoldura as vistas do mar e da paisagem urbana através da pérgula à direita, recoberta por *Antigonon leptopus*, trepadeira de flores cor rosa intenso e pelo conjunto de *Handroanthus impetiginosus*, à esquerda, árvore nativa de médio porte, com importante floração arroxeadada, realçadas pelo contraste com o amarelo da *Allamanda cathartica*, colocada sobre a cobertura do anexo, pela justaposição do azul do céu e pela intensidade da luz solar (Fig. 2.3.5);

- c) a distribuição das circulações, em que o desenho retilíneo se adequa ao desenho da residência, em suas proximidades e, à medida em que dela se afasta, ligeiramente, torna-se mais fluido, promovendo a possibilidade da fruição de diferentes destaques ao longo do percurso, que conecta os setores sociais e de lazer da piscina aos jogos e serviços. Neste encontro surge outra centralidade, adequada à topografia, como opção de recolhimento e apreciação em bancos de madeira abrigados à sombra farta da frutífera nativa *Anacardium occidentale*. Seus dois extremos periféricos são pontuados de um lado pelo *Pseudobombax ellipticum*, com flores de aspecto diferenciado, lembrando um pincel em tons magenta e do outro por um agrupamento de *Plumeria rubra*, com flores brancas. Em contraste de cor e textura com as plumérias, tem-se o alinhamento da frutífera *Eugenia uniflora*. Conectando-as, um mosaico multicolorido de forrações (*Asystasia gangetica*, *Heliconia psittacorum* e *Lantana camara*) é marcado por volumes de herbáceas mais altas (*Ixora coccinea*) e arbustivas (*Pachystachys lutea* e *Thunbergia erecta*) adicionando outras cores. Nesta composição identificam-se princípios de analogias de formas sinuosas e texturas graúdas, havendo o contraste de cores e texturas das flores, em arranjo *sui generis* de espécies resistentes às condições de ventos do local, cujos resultados desta interação traduzem o lado imponderável das plantas, tão apreciado pelo paisagista.

Como plano dominante da composição tem-se a forração de *Zoysia japonica*, que se prolonga até o limite norte, conectando todo o conjunto.

As palmeiras, nesse caso, em função da disponibilidade de solos profundos, foram menos exploradas em diversidade, comparando-se esses jardins àqueles dos edifícios multifamiliares, exceto quando foi necessário utilizar sua verticalidade para pontuar, com um conjunto de *Cocos nucifera*, a proximidade da piscina ou ainda para criar contraponto à esquerda do maciço central antes referido, com a reunião de espécimes de *Copernicia prunifera* (Fig. 2.3.6). Essa palmeira nativa está organizada em um conjunto maior, em que a textura dos caules oferece um atrativo extra ao caminhante, volumetricamente pontuando o limite oeste do lote, por meio de um ritmo de diferentes portes de árvores, que delas desce para os cajueiros e volta a subir para o *Handroanthus impetiginosus*, fazendo transbordar o jardim além de seu limite oeste, ombreando, em altura, com a edificação. Em plano inferior, esse transbordamento é garantido pelas massas de arbustivas escandentes (*Allamanda cathartica*) e trepadeiras (*Bougainvillea spectabilis*) plantadas em bloco ao longo desse limite. O som do vento nas folhas fornece um atrativo extra ao local.



Figura 2.3.1: Situação da residência Stela Rolim e Pio Rodrigues Neto.
Fonte: Google Earth, 2020, com edição da autora, 2023.

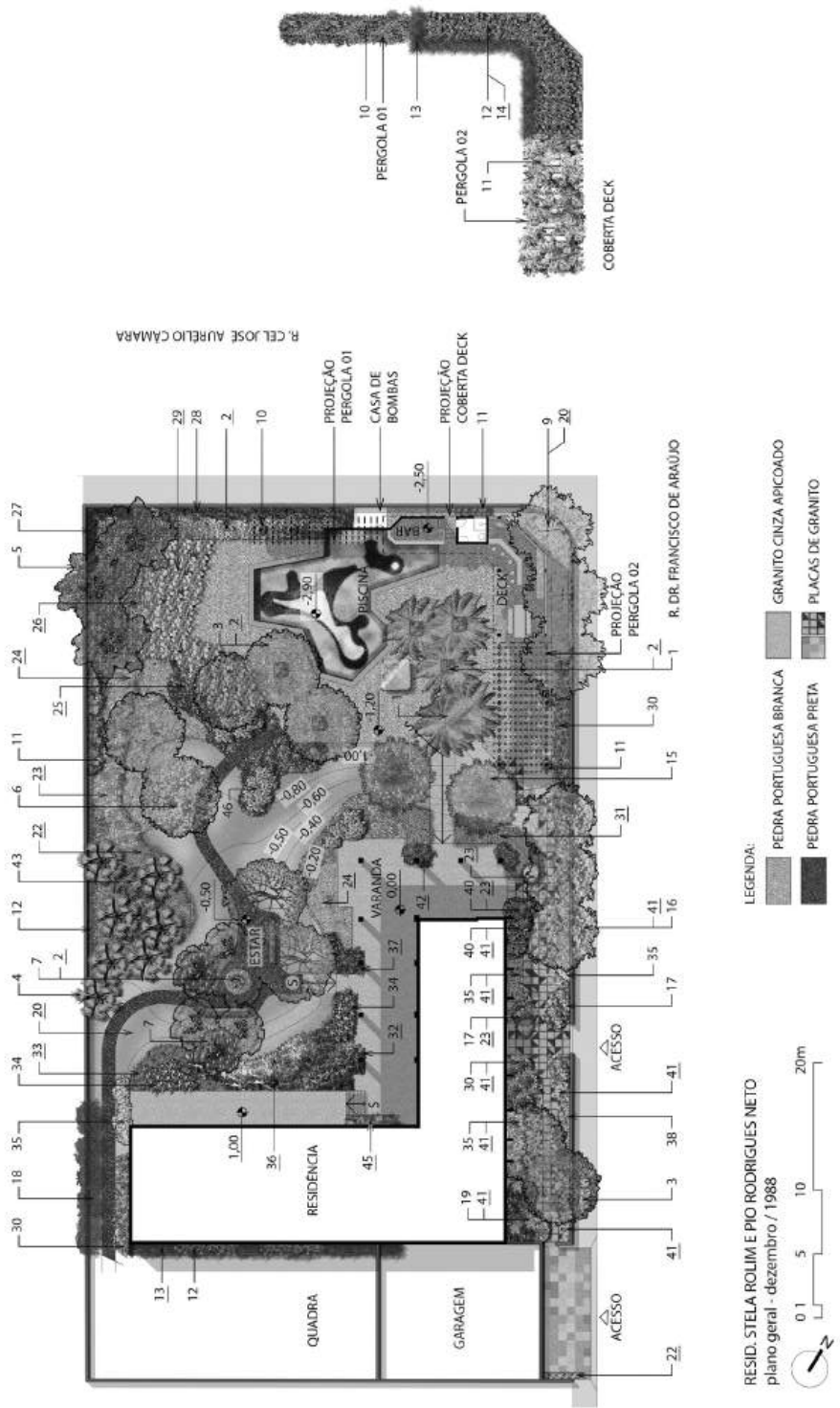


Figura 2.3.2: Proposta de Burle Marx Jardins da residência Stela Rolim e Pio Rodrigues.
Fonte: Acervo da autora, produzido a partir do proj. original, cedido pelos proprietários, 2022.



Figura 2.3.3: Muro com jardineiras e espécies escandentes.

Fonte: Fernanda Rocha, 2014.

Figura 2.3.4: Relação calçada e muro com jardineiras.

Fonte: Adriano Bastos, 2014.

Figura 2.3.5: Paisagem do entorno emoldurada por pérgula.

Fonte: Fernanda Rocha, 2014



Figura 2.3.6: Textura dos caules das copernícias.
Fonte: Fernanda Rocha, 2014.

A sinalização da principal conexão entre a varanda e a piscina ocorre nos dois lados, com a *Vachellia seyal*, arbusto de forma igualmente movimentada, textura de copa fina, notável coloração de caule (avermelhado) e floração amarela diferenciada, floração esta elevada um nível acima, com a disposição, junto ao limite leste de três espécimes de *Handroanthus serratifolius*, uma das duas árvores de grande porte especificadas na listagem.

Nessa proposta, o grande número de espécies de forração oferece uma diversidade compositiva em que as espécies herbáceas de menor porte são utilizadas como planos de superfície, a diferentes alturas, adaptados à topografia e ao desenho, combinando trechos de retas a arcos de círculo, definindo limites, suavizando a presença da edificação principal, integrando-se aos avanços e recuos no piso da varanda.

Percebe-se, na descrição desse ordenamento, seu estabelecimento “através de uma multidão de mecanismos de índole diversa: ritmo, repetição, dualidade, uso de planos predominantes, analogias”, conforme sustenta Ana Rosa Oliveira (2000, p. 2).

A pedra portuguesa continua a ser valorizada, dessa feita em padrão monocromático, no qual a maior área junto à piscina recebe a cor branca, contrastando com a circulação secundária, definindo a centralidade do cajueiro, que, por sua vez, recebe a cor preta. A circulação do acesso principal é composta por quadros de pedra portuguesa na cor branca, entremeados de grama e ligeiramente salpicados com quadros de cor preta, conectando sutilmente os dois padrões de cor. A transição em altura no acesso principal de pedestre da rua e na conexão varanda/piscina, fazem-se com degraus de granito apicoado, dando continuidade ao piso da varanda. O tratamento da calçada não consta dessa proposta, o que não impede de haver sido definido posteriormente pelo paisagista, ou por seu sócio local, Ricardo Marinho.

A proximidade de Burle Marx com os proprietários determinou alterações e adequações em diferentes momentos sem que isso fosse registrado no projeto, o que era comum acontecer em sua prática de paisagismo, especialmente até os anos de 1930, dado que, em sua atuação no Recife, Guilherme Mazza afirma ter o paisagista buscado “pôr em prática algumas substanciais alterações na metodologia de trabalho paisagístico, então consolidadas no país” (2009, p. 280).

Nesse enfoque, é possível identificar duas situações, grosso modo, antagônicas na prática paisagística de Burle Marx, não fossem, na verdade, princípios e, como tal, adaptáveis à circunstância enfrentada. No primeiro, reconhece a importância do projeto no processo de trabalho, afirmando que é no projeto que se domina o espaço; na segunda, sustenta que prefere modi-

ficar e corrigir algo a aceitar seus erros (MARX, 1991). Verifica-se, nos dois casos, simplesmente a mesma disposição não excludente, no tocante a descobertas e desafios.

No quadro de espécies, constam os seguintes tipos: duas árvores de grande porte, três de médio porte, cinco de pequeno porte, nove arbustos, duas palmeiras, cinco trepadeiras, cinco herbáceas e quinze forrações. Dentre elas, nove espécies são autóctones e seis são nativas brasileiras.

Comparando-se essa listagem com as anteriormente apresentadas para os edifícios multifamiliares, sobressai-se um maior número de espécies nativas e autóctones, resultado do contato direto com o usuário, favorecendo a aceitação de outras possibilidades de paleta vegetal, como se verifica no relato do proprietário, além da preocupação de Burle Marx com a manutenção, geralmente mais deficiente em edifícios, necessitando o uso de espécies já testadas e aclimatadas.

Quadro 2.3: Espécies vegetais – Residência Stela Rolim e Pio Rodrigues (proposta 1988)

Nº	Nome Científico	Nome Popular	Notas
Árvores de Grande Porte (≥ 10,00 m; 2 unid.)			
9	<i>Cassia javanica</i> L.	Acácia-rosa	EXO
16	<i>Handroanthus serratifolius</i> (Vahl) S. Grose [<i>Tabebuia serratifolia</i> Nichols.]	Pau-d'arco-amarelo	AUT
Árvores de Médio Porte (≥ 6,00 < 10,00 m; 3 unid.)			
5	<i>Handroanthus impetiginosus</i> (Mart. ex DC.) Mattos [<i>Tabebuia avellanedae</i> Lor.]	Pau-d'arco-roxo	AUT
6	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Cajueiro	AUT
8	<i>Pseudobombax ellipticum</i> (Kunth) Dugand	Escova-de-barbear	EXO
Árvores de Pequeno Porte (≥ 4,00 < 6,00 m; 5 unid.)			
3	<i>Bauhinia x blakeana</i> Dunn	Pata de vaca	EXO
7	<i>Plumeria rubra</i> L.	Jasmim-manga	EXO
15	<i>Vachellia seyal</i> (Delile) P.J.H. Hurter [<i>Acacia seyal</i> Delile]	Esponjinha-amarela	EXO
18	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga	NAT
19	<i>Annona squamosa</i> L.	Ata	EXO
Arbustos (9 unid.)			
12	<i>Allamanda cathartica</i> L.	Alamanda	AUT LJ
17	<i>Brunfelsia uniflora</i> (Pohl) D. Don	Manacá	AUT
32	<i>Ixora coccinea</i> L. (laranja)	Lacre	EXO
34	<i>Pachystachys coccinea</i> (Aubl.) Nees		NAT
35	<i>Thunbergia erecta</i> (Benth.) T. Anderson	Tumbergia-azul-arbustiva	EXO
38	<i>Eranthemum pulchellum</i> Andrews	Salva azul	EXO
39	<i>Aphelandra sinclairiana</i> Nees	Afelandra-coral	EXO
40	<i>Megaskepasma erythrochlamys</i> Lindau	Justicia-vermelha	EXO
46	<i>Pachystachys lutea</i> Nees	Camarão-amarelo	NAT

Nº	Nome Científico	Nome Popular	Notas
Palmeiras (2 unid.)			
1	Cocos nucifera L.	Coqueiro	EXO
4	Copernicia prunifera (Mill.) H.E. Moore [<i>Copernicia cerifera</i> Mart.]	Carnaúba	AUT
Trepadeiras (5 unid.)			
10	Antigonon leptopus Hook. & Arn.	Amor-agarradinho	EXO
11	Bougainvillea spectabilis Willd. (magenta)	Buganville	NAT
27	Bougainvillea spectabilis Willd. var. Lanteritia	Buganville	NAT
28	Bougainvillea aurantiaca Hort	Buganville	EXO
42	Clerodendrum splendens G. Don	Clerodendro	EXO
Herbáceas (5 unid.)			
14	Tradescantia zebrina Heynh. ex Bosse [<i>Zebrina purpusii</i> Brueckner]	Trapoeiraba	EXO LJ
23	Bulbine frutescens (L.) Willd. (amarela) [<i>Bulbine caulescens</i> L.]	Bulbine	EXO
25	Turnera ulmifolia L.	Turnera	EXO
30	Alpinia purpurata (Vieill.) K. Schum.	Panamá	EXO
43	Thaumatococcus bipinnatifidum (Schott ex Endl.) Sakur., Calazans & Mayo [<i>Philodendron bipinnatifidum</i> Schott]	Guaimbê	NAT
Forrações (15 unid.)			
2	Catharanthus roseus (L.) G. Don	Boa-noite	AUT
13	Russelia equisetiformis Schlttdl. & Cham.	Russélia	EXO LJ
20	Zoysia japonica Steud.	Grama-esmeralda	EXO
21	Liriope muscari (Decne.) L.H. Bailey	Barba de serpente	EXO
22	Bulbine frutescens (L.) Willd. (laranja) [<i>Bulbine caulescens</i> L.]	Bulbine	EXO
24	Heterocentron elegans (Schlttdl.) Kuntze [<i>Schizocentron elegans</i> Meisn.]	Quaresmeira-rasteira	EXO
26	Plumbago auriculata Lam.	Bela-emília	EXO

Nº	Nome Científico	Nome Popular	Notas
29	<i>Crinum asiaticum</i> L.	Crino-branco	EXO
31	<i>Tradescantia pallida</i> (Rose) D.R. Hunt [<i>Setcreasea purpurea</i> B. k. Boom]	Manto sagrado	EXO
33	<i>Lantana camara</i> L. (laranja)	Camará	AUT
36	<i>Heliconia psittacorum</i> L.f.	Pacavira	AUT
37	<i>Asystasia gangetica</i> (L.) T. Anderson (rosa) [<i>Asystasia coromandeliana</i> Nees]	Asistásia	EXO
41	<i>Syngonium podophyllum</i> Schott	Singônio	EXO
44	<i>Asystasia gangetica</i> (L.) T. Anderson (amarela) [<i>Asystasia coromandeliana</i> Nees]	Asistásia-amarela	EXO
45	<i>Asparagus aethiopicus</i> L. [<i>Asparagus sprengeri</i> Regel]	Aspargo	EXO

Fonte: Organizado pela autora, 2014.

LEGENDA

() Indicação existente no projeto, referente ao autor, origem ou variedade.	
[] Sinonímia científica antiga constante na lista original.	
Origem:	Localização:
AUT Autóctone (Ceará)	LJ Presente também na laje de cobertura do deck da piscina
NAT Nativa brasileira	
EXO Exótica	

2.4 RESIDÊNCIA DENISE E JOSÉ CARLOS PONTES

A residência Denise e José Carlos Pontes (Fig. 2.4.1), igualmente construída na Praia do Futuro, designação na época de quase todo esse trecho de orla²⁵, em loteamento de 1964, apresenta parcelamento datado de 1949. O local onde se implantou constituiu-se, a partir dos anos 1970, opção de moradia para famílias de mais alta renda, repetindo-se, aqui, o tradicional processo de direcionamento no sentido leste da cidade.

Nesse caso, a vista marinha, na época desimpedida, a tranquilidade e a proximidade do mar foram igualmente definidores na escolha do local, para um casal jovem com apenas um filho, e cuja segunda filha nasceria pouco depois da mudança.

A escolha dos arquitetos autores do projeto arquitetônico também se fez por conexões de amizade e afinidades geracionais e de linguagem arquitetônica da proprietária, estudante de arquitetura na UFC, havendo um convívio mais próximo com Delberg Ponce de Leon e Fausto Nilo, oriundos daquela universidade e, do marido, um engenheiro empreendedor.

A situação em terreno de dunas, portanto exposto a ventos salinos, de relevo movimentado, embora em cota inferior à residência Stela Rolim e Pio Rodrigues, foram determinantes de importantes decisões projetuais arquitetônicas, paisagísticas, urbanísticas e de infraestrutura, como se detalha adiante.

O projeto (Fig. 2.4.2), identificado pelo número 1.659 no escritório de Roberto Burle Marx, sendo o 19º no ano de 1980, foi contratado pelos proprietários por orientação de Janete Costa, chamada para elaborar o projeto de arquitetura de interiores. A amizade de Denise com uma das filhas de Benedito Macedo possibilitou-lhe o convívio com aquela residência ícone, que Denise admirava, favorecendo seu contato com Janete e, por desdobramento, com o paisagista.

Estando a proprietária ainda em processo de formação profissional, assumiu seus limites e optou por se cercar de profissionais experientes, com trabalhos reconhecidos. Realizou, então, um aprendizado experimentado na prática, inclusive na parte infraestrutural, por meio da convivência com o meticuloso Engenheiro Xisto Medeiros, incumbido da construção da residência, questionador da compatibilização das soluções propostas. Desse modo, a proprietária foi a conexão cuja formação propiciou o intercâmbio constante entre diferentes profissionais e a interface dos diferentes projetos, tanto que, nos arquivos do paisagista, existem várias plantas evidenciando questionamentos e sugestões de soluções projetuais.



Figura 2.4.1: Situação da residência Denise e José Carlos Pontes.

Fonte: Google Earth, 2020, com edição da autora, 2023.

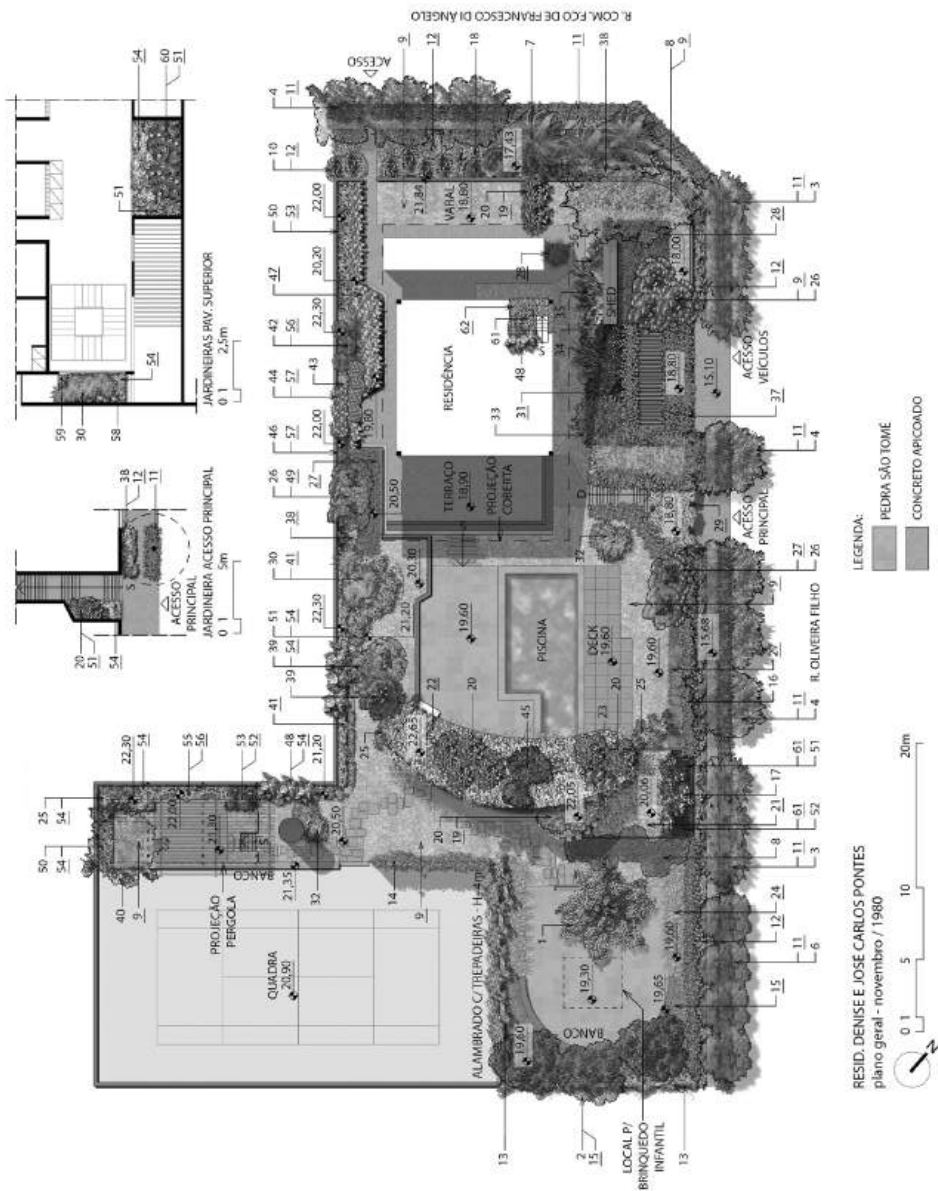


Figura 2.4.2: Proposta de Burre Marx Jardins da residência Denise e José Carlos Pontes.

Fonte: Acervo da autora, produzido a partir do projeto original, 2022.

A disposição em 'L' do terreno, reforçada pelo relevo acidentado e pelas exigências programáticas, foram os limitantes iniciais da proposta dos jardins, que se desenvolveu de modo complementar à arquitetura, solucionando questões de desníveis por meio de jardineiras escalonadas e proporcionando a amenização dos elementos construídos, nos quais o concreto é a linguagem predominante e uma forte presença, juntamente com as contenções.

Essa residência, implantada em cota elevada em relação ao acesso principal de pedestres, tem os jardins subdivididos por funções, adequando-se aos desníveis (Fig. 2.4.3).

Um trecho faz a recepção do acesso principal e se volta para o mar, ficando mais exposto à brisa marinha e contando com limitações parciais de profundidade de solo, por se localizar parcialmente sobre a laje de cobertura das garagens. Conecta-se visualmente ao setor íntimo, no piso superior, por meio de aberturas filtradas pelo plano de telhas verticais, a nordeste.

A porção maior, em cota ligeiramente elevada com relação à varanda, conecta-se fisicamente a ela e ao setor social e, por intermédio de visuais filtradas por pano de telhas, inclinado a sudeste. Ali se distribui parte do lazer, com piscina e *deck*. Este último, voltado para piscina, reforça a descontinuidade espacial entre ela, o local do parque infantil e a quadra de tênis, embora se configure como um elemento de transição nos acessos a esses espaços, que, no caso do parquinho, está em igual nível, e, da quadra de tênis, em cota mais elevada, agora com relação à piscina.

Uma elevação final, na parte posterior oeste da quadra, depois da torre da caixa d'água, oferece um espaço abrigado por pérgula e pequena árvore.

Um extenso programa, resolvido com cerca de 1.100 m² de área construída, aproxima a casa da residência de Stela e Pio Rodrigues e a distancia nos resultados arquitetônicos, paisagísticos e urbanísticos obtidos, a partir dos condicionantes de relevo e conformação do terreno que se constituíram um desafio extra às diversas soluções propostas.

No caso dos materiais, verifica-se a preferência pela pedra São Tomé, ao redor da piscina e parquinho, e, pelo granito apicoado, dando continuidade ao acabamento da varanda em locais mais próximos dela. Na calçada externa, não consta especificação de material de acabamento, e, na pérgula próxima à quadra, está indicado o piso de concreto apicoado. A maior presença de áreas pavimentadas implica a adoção de solução de calhas de drenagem, embutidas nos pisos.

Por se tratar de princípios, o que se busca nas diferentes abordagens projetuais de Roberto Burle Marx, e à medida em que se avança na quantidade de estudos efetuados, verifica-se que muitos deles se repetem, variando nos resultados obtidos, a partir do contexto dos elementos utilizados e da complexidade de cada caso.

Neste caso, houve um vínculo entre Burle Marx e a proprietária, que chegou a visitar o Sítio e a trazer consigo, por via aérea, grande volume de plantas fornecidas pelo paisagista, em função da não disponibilidade dessas plantas no mercado local. Porém, não houve diálogo projetual entre Marx e os arquitetos responsáveis pelo projeto da residência. E depois de implantado o jardim, o paisagista e seu sócio Haruyoshi Ono visitaram e, por algum tempo, deram suporte técnico às substituições e à manutenção, assumida pelo paisagista Ricardo Marinho.

Circunstâncias familiares acabaram por determinar a descontinuidade de sua conservação, que, atualmente, passa por ajustes para fins de adaptação a novas necessidades dos proprietários.

Nessa residência, outro diferencial é o tratamento da ampla calçada externa, resultado do traçado do loteamento que previa a implantação de vias de maior caixa, que não foram implantadas como tal, ficando o espaço restante incorporado às calçadas. Essa situação favoreceu a implantação de diversas árvores, com diferentes portes e generosos canteiros para forrações não pisoteáveis, favorecendo a drenagem e propiciando sombra aos pedestres, refletindo o pensamento do paisagista, anteriormente citado, no qual o jardim privado seria decorrente “de problemas urbanísticos bem solucionados”.

Ali, os destaques ficam por conta da marcação dos acessos de pedestre social e de serviços, com a presença de *Talipariti tiliaceus*, árvore de médio porte, tronco tortuoso e grandes flores amarelas (Fig. 2.4.4). Outra espécie de médio porte sinaliza o final da propriedade a nordeste, o *Schinus terebinthifolius*, de caule também retorcido e que produz pequenos frutos marcantes e apreciados pelas aves. Levando-se em conta que sua produção de pólen poderia causar alergias a pessoas sensíveis, foi proposta outra frutífera de pequeno porte, a *Mimusops coriacea*, conectando todo o conjunto, apenas interrompido pela verticalidade dos três únicos espécimes de palmeira da proposta: o *Cocos nucifera*.

O plano dominante no canteiro junto ao muro é de *Catharanthus roseus*, de flores singelas, pontuado pelo reforço de destaque, no acesso principal e na base dos coqueiros, pela *Heliconia psittacorum*, herbácea nativa de floração amarelo-avermelhada. Outra pontuação é feita, agora no limite sudoeste pela *Senna bicapsularis*, arbusto de intensa floração amarela. O acabamento de forração em toda a borda do passeio é feito com a *Ipomoea pes-caprae*, nativa de grandes flores roxas. Todas essas espécies são bastante rústicas e resistentes aos ventos salinos do local, seja por sua ocorrência em condição natural, seja porque já haviam sido testadas em situação de semelhante maritimidade, como é o caso do *Schinus terebinthifolius*, utilizado pelo paisagista no Parque do Flamengo (MAZZA, 2009).

Evidencia-se, nesta solução de arborização de calçadas externas, o que Ivete Farah aponta como sendo uma “composição característica da obra de



Figura 2.4.3. Articulação acessos principal e piscina.

Fonte: Fernanda Rocha, 2014.

Figura 2.4.4: Calçada com *Talipariti tiliaceus* no canteiro.

Fonte: Fernanda Rocha, 2014.

Burle Marx de grupos de espécies homogêneas”, agrupamento esse que isola as árvores “na paisagem, atingindo, assim, o seu realce como árvore integrante, de destaque” (2008, p. 132), ainda que, aqui, isto ocorra em escala reduzida e agrupamento linear.

Com relação aos princípios utilizados pelo paisagista, observa-se em cada um dos trechos nos quais se distribuem os jardins, os seguintes procedimentos:

- 1** a utilização de árvores de pequeno porte e espécies rupícolas, como a *Alcantarea imperialis*, o *Cyrtopodium andersonii* e o *Anthurium coriaceum*, onde o solo tem pouca profundidade, proporcionando contraste de cor e textura. O antúrio é também de larga ocorrência na costa brasileira;
- 2** no trecho central, a preocupação é a suavização dos limites, em que, na porção sudoeste, entre a casa e o muro, o escalonamento se mostrou fundamental como infraestrutura de arrimo, transformando-se quase em jardim vertical, cuja visualização é prejudicada pelo espaço exíguo do afastamento. Mas, onde ele se torna mais generoso, aflora o desenho característico do paisagista nos canteiros, destacando-se plumérias de cor e formas marcantes, em contraste com um mosaico de herbáceas e forrações. Na porção nordeste, à entrada, tem-se como plano dominante a grama *Stenotaphrum secundatum*, salpicada por conjuntos de interesse em pontos distintos, com a herbácea *Liriope muscari* e o arbusto *Thaumatococcus bipinnatifidum*;
- 3** o amplo local do parquinho possibilitou a implantação de árvores de grande porte, como a *Peltophorum dubium*, com destacada floração amarela, e a frutífera *Artocarpus altilis*, que, além de fornecer a sombra necessária ao uso, equilibra a volumetria com a edificação. O banco em fita, voltado para o brinquedo especificado, de empresa de mobiliário de São Paulo, faz o acabamento da composição, complementada por forrações de porte de cores contrastantes, as bulbines laranja e amarela, em substituição, respectivamente ao *Hymenocallis speciosa* e ao *Hemerocallis flava*;
- 4** as trepadeiras (*Antigonon leptopus* e *Thunbergia grandiflora*) são utilizadas ali e na quadra como revestimento de muros e alambrados.

Finalizando as observações do repertório vegetal utilizado nessa residência, verifica-se, assim como na residência de Stela e Pio Rodrigues, maior presença de espécies nativas brasileiras (15 unid.) e autóctones (13 unid.), comparando-se às especificações para edifícios multifamiliares.

Quadro 2.4: Espécies vegetais – residência Denise e José Carlos Pontes (proposta 1980)

Nº	Nome Científico	Nome Popular	Notas
Árvores de Grande Porte (≥ 10,00 m; 2 unid.)			
1	<i>Peltophorum dubium</i> (Spreng.) Taub.	Guarucuia	AUT
2	<i>Artocarpus altilis</i> (Parkinson) Fosberg [<i>Artocarpus incisa</i> L.]	Fruta-pão	EXO
Árvores de Médio Porte (≥ 6,00 < 10,00 m; 4 unid.)			
3	<i>Mimusops coriacea</i> (A.DC.) Miq.	Abriçó-da-praia	EXO
4	<i>Talipariti tiliaceum</i> (L.) Fryxell [<i>Hibiscus tiliaceus</i> L.]	Algodão-da-praia	EXO
8	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Cajueiro	AUT
40	<i>Thespesia populnea</i> (L.) Sol. ex Corrêa	Algodão-da-praia	EXO
Árvores de Pequeno Porte (≥ 4,00 < 6,00 m; 6 unid.)			
5	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga	NAT
6	<i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi [<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi]	Aroeira-da-praia	AUT
26	<i>Plumeria rubra</i> L. [<i>Plumeria alba</i> L.]	Jasmim-manga	EXO
39	<i>Plumeria rubra</i> L.	Jasmim-manga	EXO
33	<i>Coccoloba uvifera</i> (L.) L.	Uva-do-mar	EXO
60	<i>Ceiba erianthos</i> (Cav.) K. Schum.	Paineira-das-pedras	AUT
Arbustos (13 unid.)			
10	<i>Senna bicapsularis</i> (L.) Roxb. [<i>Cassia bicapsularis</i> L.]	Canudo-de-pito	EXO
18	<i>Sophora tomentosa</i> L.	Comandaíba	AUT
20	<i>Clusia fluminensis</i> Planch. & Triana	Clúsia	NAT
27	<i>Lantana camara</i> L. (laranja)	Camará	AUT
29	<i>Portulacaria afra</i> Jacq.	Pata-de-elefante	EXO
30	<i>Dracaena reflexa</i> var. <i>angustifolia</i> Baker [<i>Dracaena marginata</i> Lam.]	Dracena	EXO

Nº	Nome Científico	Nome Popular	Notas
42	<i>Hibiscus rosa-sinensis</i> L. (vermelha)	Papoula	EXO
43	<i>Hibiscus rosa-sinensis</i> L. (amarela)	Papoula	EXO
44	<i>Hibiscus rosa-sinensis</i> L. (rosa)	Papoula	EXO
49	<i>Lantana camara</i> L.	Camará	AUT
51	<i>Pachystachys lutea</i> Nees	Camarão-amarelo	NAT
55	<i>Sanchezia oblonga</i> Ruiz & Pav. [<i>Sanchezia nobilis</i> Hook.]	Sanquésia	NAT
61	<i>Justicia scheidweileri</i> V.A.W. Graham [<i>Porphyrocoma pohliana</i> Bogner]	Justicia	NAT
Palmeiras (1 unid.)			
7	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro	EXO
Trepadeiras (5 unid.)			
13	<i>Antigonon leptopus</i> Hook. & Arn.	Amor-agarradinho	EXO
14	<i>Thunbergia grandiflora</i> Roxb.	Azulzinha	EXO
16	<i>Allamanda cathartica</i> L.	Alamanda	AUT
17	<i>Podranea ricasoliana</i> (Tanfani) Sprague [<i>Tecomaria ricasoliana</i> Kranzl.]	Sete-léguas	EXO
45	<i>Bougainvillea glabra</i> Choisy	Buganville	NAT
Herbáceas (20 unid.)			
12	<i>Catharanthus roseus</i> (L.) G.Don	Boa-noite	NAT
15	<i>Hymenocallis speciosa</i> (L.f.) Salisb.	Lírio	EXO SB
15	<i>Bulbine</i> sp. (laranja)	Bulbine	EXO
19	<i>Kalanchoe crenata</i> (Andrews) Haw. [<i>Kalanchoe brasiliensis</i>]	Calanchoe	EXO SB
19	<i>Kalanchoe gastonis</i> Bonieiri	Calanchoe	EXO
22	<i>Catharanthus roseus</i> (L.) G.Don (alba)	Boa-noite	NAT
23	<i>Sansevieria zeylanica</i> Willd.	Espada-de-são-Jorge	EXO
24	<i>Hemerocallis flava</i> (L.) L.	Lírio-amarelo	EXO SB

Nº	Nome Científico	Nome Popular	Notas
24	Bulbine sp. (amarela)	Bulbine	EXO
25	Thaumatococcus bipinnatifidus (Schott ex Endl.) Sakur., Calazans & Mayo [<i>Philodendron bipinnatifidum</i> Schott]	Guaimbê	NAT
28	Aloe arborescens Mill.	Babosa	EXO
31	Euphorbia milii var. splendens (Bojer ex Hook.) Ursch & Leandri [<i>Euphorbia splendens</i> Boj.]	Eu-e-tu	EXO
32	Liriope muscari (Decne.) L.H. Bailey	Barba-de-serpente	EXO
34	Alcantarea imperialis (Carriere) Harms [<i>Vriesea imperialis</i>]	Bromélia-imperial	NAT
35	Cyrtopodium andersonii (Lamb. ex Andrews) R.Br.		NAT
36	Anthurium coriaceum (Graham) G. Don		NAT
38	Heliconia psittacorum L.f.	Pacavira	AUT
47	Crinum asiaticum L.	Crino branco	EXO
48	Monstera deliciosa Liebm.	Costela-de-adão	EXO
50	Alpinia purpurata (Vieill.) K. Schum.	Panamá	EXO
52	Justicia brandegeana Wassh. & L.B.Sm. [<i>Beloperone guttata</i> T.S. Brandegee]	Camarão-vermelho	EXO
58	Dieffenbachia seguine (Jacq.) Schott [<i>Dieffenbachia picta</i> var. Rud. Roehrs]	Comigo-ninguém-pode	AUT
59	Goepertia makoyana (E. Morren) Borchs. & S. Suárez [<i>Calathea makoyana</i> E. Morr.]	Maranta	NAT
Forrações (11 unid.)			
9	Stenotaphrum secundatum (Walter) Kuntze	Gramma-Santo-Agostinho	EXO
11	Ipomoea pes-caprae (L.) R.Br.	Salsa-da-praia	AUT
21	Portulaca grandiflora Hook.	Onze-horas	NAT
37	Ipomoea asarifolia (Desr.) Roem. & Schult.	Salsa	AUT

Nº	Nome Científico	Nome Popular	Notas
41	Plumbago auriculata Lam. [<i>Plumbago capensis</i> Thumb.]	Bela-emília	EXO
46	Russelia equisetiformis Schlttdl. & Cham.	Russélia	EXO
53	Tradescantia zebrina Heynh. ex Bosse [<i>Zebrina purpusii</i> Brueckner]	Trapoeiraba	EXO
54	Epipremnum pinnatum (L.) Engl. [<i>Scindapsus aureus</i> Engl.]	Jiboia	EXO
56	Maranta leuconeura E. Morren [<i>Maranta kerchoveana</i> E. Morr.]	Maranta-pena-de-pavão	AUT
57	Pilea microphylla (L.) Liebm.	Brilhantina	EXO
62	Fittonia albivenis (Lindl. ex Veitch) Brummitt [<i>Fittonia argynoneura</i> E. Coem.]	Planta mosaico	NAT

Fonte: Organizado pela autora, 2014.

LEGENDA

() Indicação existente no projeto, referente ao autor, origem ou variedade.	
[] Sinonímia científica antiga constante na lista original.	
Origem:	Observação:
AUT Autóctone (Ceará)	SB Espécie substituída na lista pela indicação subsequente (sobrescrita à mão)
NAT Nativa brasileira	
EXO Exótica	

Capítulo 3

**O marco inaugural do
paisagismo de Burle Marx
em Fortaleza**

A terra do mangue é preta e morna

Mas a terra do mangue tem olhos e vê.

Vê as nuvens, o céu

Vê quando sobe a maré

Vê o progresso também

Olha os automóveis que correm no asfalto

Sente a poesia dos caminhões que passam para a aventura das estradas incertas e longas.

As ondas do mar que vieram seguindo a noite

Desde lá detrás dos horizontes

Estendem-se agora cansadas na areia

As sombras das árvores subiram do chão e agasalharam-se nos ramos.

Não há motivos, Margarida, para teres receios.

Olha atrás da porta do teu mocambo a sombra da noite imóvel:

Sob a perpétua luz das estrelas frias e impassíveis

A terra do mangue está dormindo.

(CARDOZO, 2008, p. 171)

O poema "Terra do Mangue" em epígrafe, que Joaquim Cardozo dedicou a Roberto Burle Marx, publicado em 1947, além de comprovar a íntima relação entre esses pioneiros da arquitetura moderna brasileira, desde remotos tempos, ressalta componentes tais como o mar e o mangue, igualmente comuns e importantes nas paisagens de Fortaleza, com suas dinâmicas, sob o crescente impacto da urbanização, na qual o automóvel e a construção de vias e estradas e a verticalização e impermeabilização do solo vão sendo priorizados, no transcurso do tempo.

Essas dinâmicas foram vislumbradas de relance, a partir dos jardins residenciais até aqui estudados, considerando-se sua localização, modos e formas de morar, e outras circunstâncias que orientaram Roberto Burle Marx na utilização de princípios aplicados à sua prática projetual, dos quais se destacaram alguns, visando a enriquecer a atuação de arquitetos e urbanistas.

Esse percurso do paisagista por meio dos jardins residenciais em Fortaleza, entretanto, deve sua inauguração à conexão com a atuação do arquiteto carioca Acácio Gil Borsóí²⁶ na cidade. Seu percurso, assim como o de Burle Marx, conecta-se à cidade do Recife, onde, além de se estabelecer como arquiteto, vai lecionar, entre 1951 e 1974, no curso de Arquitetura da Escola de Belas Artes de Pernambuco²⁷, sendo titular da cadeira de "Grandes Composições de Arquitetura", na qual Delfim Amorim tornou-se seu assistente, segundo atesta Guilah Naslavsky (2004).

Em Fortaleza, os arquitetos e professores do DAU-UFC, Beatriz Diógenes e Ricardo Paiva (2008), destacam o início da atuação de Borsói na cidade com as residências de Maria e José Macedo (B), em 1957; Edir e Clóvis Rolim (C), em 1958²⁸; e Helena e Fernando Macedo (D), em 1962; hoje todas demolidas em função da dinâmica de transformações da Aldeota, bairro residencial de famílias abastadas por volta dos anos 1950, que foi se verticalizando e se convertendo em centro de comércio e serviços, a partir dos anos 1980 (Figs. 3.1 e 3.2).

Em entrevista gravada por telefone com Isa Macedo, em agosto de 2009, pouco antes do falecimento, em novembro do mesmo ano, de Acácio Borsói, o arquiteto relatava essa trajetória. Segundo ele, sua atuação em Fortaleza se deveu a José Macedo, que, tendo ido a Recife fazer compras, pediu a Luciano Costa, proprietário de residência que ele havia projetado em 1954, a indicação de um arquiteto para fazer a “fachada” de sua casa, que ele e a esposa, D. Maria, haviam desenhado. Borsói, contrariando a solicitação, retornou com um projeto completo, posteriormente aceito pelo novo cliente.

Diógenes e Paiva (2008) põem em relevo o provincianismo da cidade à época, pouco afeita à contratação de arquitetos para a realização de projetos, constituindo-se esse o contexto enfrentado pela primeira geração de arquitetos formados no Rio de Janeiro e em Recife, realizando prioritariamente residências encomendadas por amigos e familiares.

Somando-se essa constatação à deficiência na formação dos arquitetos com relação ao paisagismo, discutida no capítulo inicial, é possível, por desdobramento, depreender-se que o tratamento dos espaços livres se configurava a partir da prática de leigos, afeitos especificamente à horticultura ou à jardinagem, a exemplo do que ocorria com os espaços construídos da Fortaleza de então e mesmo posteriormente, como se verifica nos depoimentos dos arquitetos Delberg Ponce de Leon e Fausto Nilo, reforçados na entrevista com Denise Pontes.

Isso justificava a atuação de Burle Marx na cidade. Uma atuação inicialmente restrita às classes mais abastadas e, posteriormente, ampliada pelas encomendas oficiais para espaços públicos, das quais infelizmente poucas foram implantadas, conforme mostrado no quadro 1.2, no capítulo inicial.

Nesse contexto, quando Borsói projetou a residência de Luce e Benedito Macedo, nos anos 1960, estabeleceu-se a conexão de Roberto Burle Marx com Fortaleza, inaugurando-se a possibilidade de se pensar a paisagem, ou em termos de atuação profissional do arquiteto e urbanista, de se fazer paisagismo, por meio da elaboração de jardins, de modo efetivamente integrado à arquitetura e ao urbano.

Reafirma-se, portanto, a compreensão dos arquitetos Beatriz Diógenes e Ricardo Paiva de que “a inserção do paisagismo moderno em Fortaleza se deu em condições bastante específicas, [como] fruto da parceria já consolidada em outros projetos no Nordeste, entre o arquiteto Acácio Gil Bórsói e Roberto Burle Marx” (2007, p. 4).

Salienta-se, entretanto, que o moderno pressupõe “um modo específico de conceber a forma, gerando, ao longo do tempo, uma prática de projeto relativamente ampla e consolidada. Em suma, uma noção de forma que compreendia tudo que o olhar alcança, própria do olhar moderno”, como aponta Ana Rosa Oliveira (2003), nas atitudes de Burle Marx e Oscar Niemeyer.

Essa prática é analisada a seguir, a partir da feliz junção Roberto Burle Marx e Acácio Gil Borsói, no icônico projeto da residência de Luce e Benedito Macedo, apresentada em sequência.



LEGENDA

- A Luce e Benedito Macedo
- B Maria e José Macedo
- C Edir e Clóvis Rolim
- D Helena e Fernando Macedo

Figura 3.1: Localização das residências projetadas por Borsóí, na Fortaleza dos anos 1970.
Fonte: Prefeitura Municipal de Fortaleza, com edição da autora, 2014.



LEGENDA

A Luce e Benedito Macedo

B Maria e José Macedo

C Edir e Clóvis Rolim

D Helena e Fernando Macedo

Figura 3.2: Localização das residências projetadas por Borsóí, na Fortaleza dos anos 2010.

Fonte: Prefeitura Municipal de Fortaleza, com edição da autora, 2014.

3.1 A RESIDÊNCIA LUCE E BENEDITO DIAS MACEDO

Situada no bairro da Aldeota²⁹, que, nos anos 1950, era a localização preferencial de moradia para as famílias abastadas, a residência se constituiu em um conjunto arquitetônico composto pela casa propriamente dita, jardins e viveiro de produção de mudas (ou ripado, conforme consta na proposta), ocupando toda a quadra de um hectare.

A residência, com 1.900 m², é organizada funcionalmente em três blocos (serviços a oeste, social ao centro, posicionado longitudinalmente na direção norte sul, e íntimo a leste³⁰), com pequeno anexo para guarita e casa de morador. Tem aproximadamente 8.700 m² de jardins, ora agenciando os blocos funcionais, ora como pátios internos a propiciarem aberturas para iluminação e ventilação, organizarem percursos e articularem ambientes, ora como local destinado à produção de mudas para a própria manutenção.

Sobre o projeto arquitetônico de Acácio Borsóí, é necessário dizer que ele é significativo não apenas no contexto de Fortaleza, mas de toda a produção residencial do arquiteto, como ele próprio relata em entrevista, destacando-a sem paralelo entre seus trabalhos nas décadas de 1960 e 1970, referindo-se a ela como “a melhor de todas”.

A completa integração do edifício com seus jardins ocorre desde a concepção, quando a definição programática, incluindo auditório, adega e escritório em nível inferior, determina a modelagem do terreno, gerando uma topografia ondulada, diversa da original, sobre a qual se distribuem os jardins e pátios internos, articulados entre si em promenades que proporcionam percepções variadas.

A indicação por Borsóí do paisagista Roberto Burle Marx para desenvolver o projeto dos jardins (Fig. 3.1.1) garantiu a conexão e a indissociabilidade entre arquitetura e paisagismo, na referida proposta, identificada como o projeto de número 1.116 do escritório, e o de número 22 no ano de 1968.

O relato de José Tabacow revela o diferencial do processo de trabalho nas parcerias de Burle Marx com os arquitetos Acácio Borsóí, Ary Garcia Roza e Rino Levi, diferenciando-as das demais, que, “em geral eram uma relação de mão única, na qual os arquitetos elaboravam seus trabalhos e davam os jardins para serem feitos depois”, assim como ocorreu nos jardins anteriormente apresentados.

No caso específico de Borsóí, Tabacow destaca que o arquiteto lhes detalhava minuciosamente suas intenções, para que fossem entendidas e incorporadas ao projeto de paisagismo.

Sobre a concepção arquitetônica do conjunto, Isa Macedo, filha de Benedito e antiga moradora da casa, relata que o arquiteto teria se referido a ela como uma embarcação nos verdes mares do Ceará, o que é corroborado pela

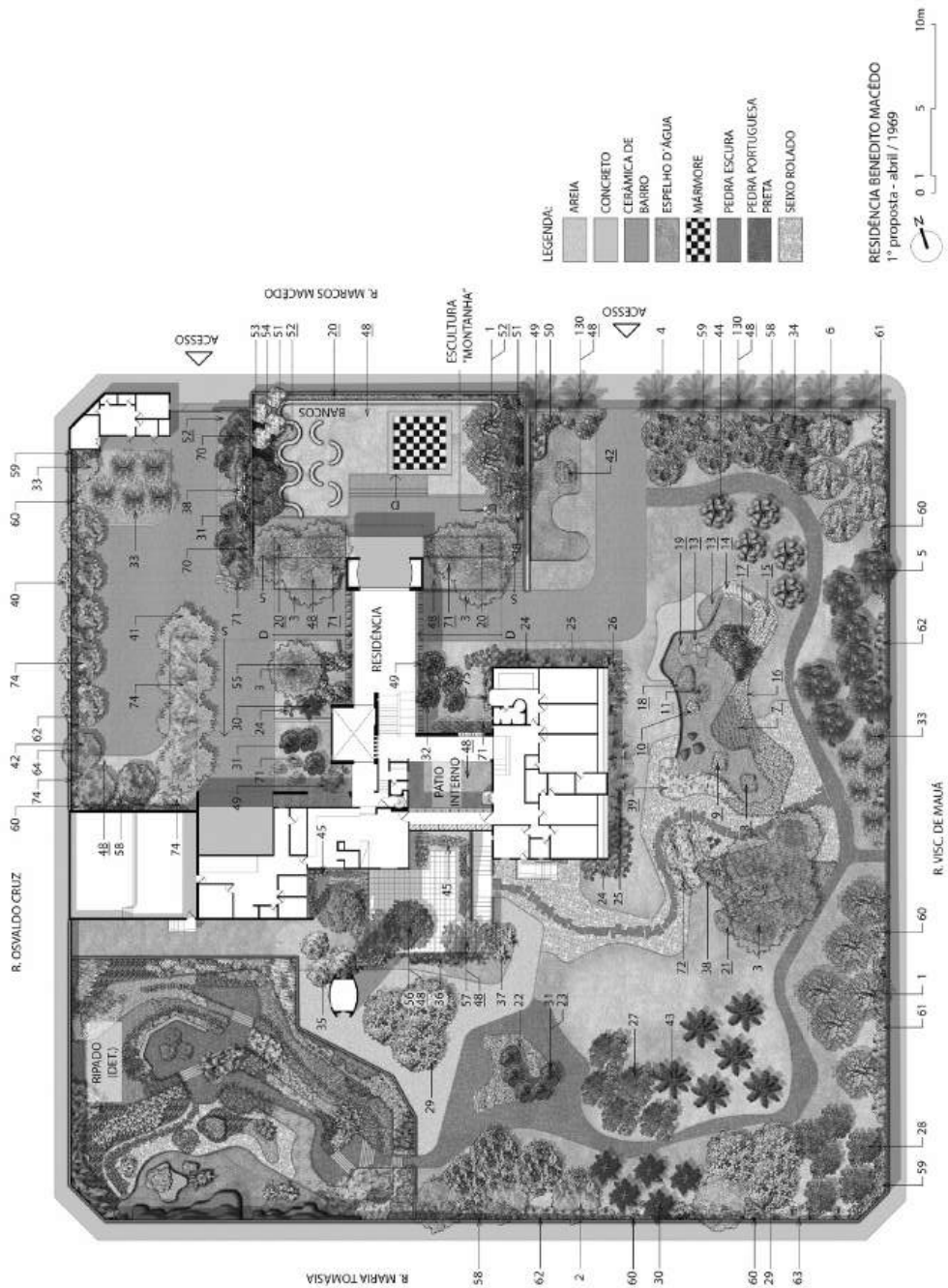


Figura 3.1.1: Proposta inicial para os jardins da residência Luce e Benedito Macedo.

Fonte: Acervo da autora, produzido a partir do projeto original, 2022.

denominação de “canao” (Fig. 3.1.2), que Borsóí dá ao bloco íntimo. Entretanto, Tabacow afirma não se constituir uma prática no processo de trabalho do paisagista, como artista abstrato, o uso de metáforas como referências de projeto, sendo o movimento de terra ali existente importante na medida das necessidades de composição funcionais e estéticas do jardim. Entretanto, não se pode descartar a possibilidade de que esse conceito tenha orientado as proposições, tanto do arquiteto quanto do paisagista.

Enfocando-se os princípios utilizados por Burle Marx nessa residência, constata-se que ali se reproduzem aqueles adotados na solução identificada por Ana Rosa Oliveira (2003) para a residência Francisco Pignatari³¹, projeto de Oscar Niemeyer (1954-56) em parceria com o paisagista.

A autora, fundamentada no relato de Fernando Tábor³², indica que a distribuição de funções e organização de percurso obedece àquele anteriormente utilizado por Burle Marx em seu próprio jardim, no Sítio Santo Antonio da Bica, hoje Sítio Roberto Burle Marx, em Barra de Guaratiba, RJ. Qual seja: um trajeto obrigatório vinculando casa, jardim e viveiro, nessa ordem.

Sendo o viveiro um importante lugar de aclimação e reprodução de plantas de diferentes procedências, recebe tratamento específico (Fig. 3.1.3). A exemplo do sítio, é denominado “ripado”, estando em consonância com o espírito de pesquisador do proprietário, destacado por Borsóí, e com os interesses e habilidades de sua sogra, que também residia no local. Configura-se, desse modo, o mesmo princípio que orientou o paisagista na aquisição do seu sítio: a necessidade de multiplicação e compreensão da dinâmica das plantas, por meio da observação e do trato de seu desenvolvimento (MAZZA, 2009). Essa princípio é expresso pelo próprio paisagista, ao afirmar, sobre a manutenção dos jardins, que

trata-se de um problema muito sério, porque o jardim é cultura intensiva. Ora, é preciso adubar, combater as pragas. Dependendo da adubação, as plantas melhoram ou pioram. Se coloco certas plantas num terreno exaurido, elas não vão para frente. É preciso ter bons jardineiros para manter os jardins em equilíbrio. Não é apenas plantar e deixar ao deus-dará, precisa haver continuidade (MARX, 1991).

Com área aproximada de 1.170 m², o ripado não foi implantado de acordo com o projeto, que previa desníveis criados por subtração e adição de terra, pisos em mosaico português preto, painel em concreto, lago para aquáticas e espaços de estar com longos bancos de concreto, em uma movimentada composição de canteiros sinuosos para plantas, indicadas em listagem adiante (quadro 3.1), e seixos rolados.



Figura 3.1.2: Bloco íntimo em forma de “canoa”.
Fonte: Acervo da família Benedito Macedo, anos 1970.

Entre as 57 espécies listadas para o local, apenas oito constavam do jardim principal, e se constituíam de arbustos, herbáceas, forrações e aquáticas.

Sua delimitação por muro interno ficou restrita ao local do canteiro de obras da residência, onde, após a mudança de uso, em 1979, edificou-se o bloco de escritórios do grupo J. Macedo. Entretanto, as moradoras atestam que a função do local foi mantida, comentando sobre a existência de tela de sombreamento e do sistema de irrigação aéreo e terrestre, o que lhe garantia o funcionamento e conferia um diferencial, mesmo para os padrões atuais de jardins públicos.

À semelhança da residência Pignatari, antes citada, o pátio interno (Fig. 3.1.4) articula os blocos íntimo, social e de serviços, criando uma “paisagem intramuros”, propiciando “uma sucessão de lugares percebidos em movimento e pausa...[que] cria tensão e diversidade na percepção espacial”, no dizer de Ana Rosa Oliveira (2003). Aproxima-se do pátio de Pignatari na composição de seixos, pedras e poucas plantas, mas distancia-se de sua *secura*, visto que incluía espelho d’água com esguichos, certamente na intenção de amenizar os rigores do clima de Fortaleza. No local, foram especificados três espécimes de *Crescentia cujete*, sobre plano dominante de composição geométrica elaborada com recortes de *Zoysia japonica*, seixos rolados e areia, onde se inseriu o espelho d’água, pontuações de cor com a *Neomarica caerulea* e de formas com placas de granito cortado.

Outra conexão entre essas residências é a plataforma gerada no prolongamento do bloco social, definindo varanda e “lugar de contemplação e articulação visual e física” (OLIVEIRA, 2003) com o exterior da quadra, meio nível abaixo, e com o jardim principal, onde se dispõem:

- a) o grande lago ao centro, povoado de plantas aquáticas e circundado por arbustos e herbáceas coloridos, entremeados na borda de seixos rolados;
- b) o trajeto até o viveiro, orientado por conjuntos de árvores e arbustos, em composição dinâmica e diversificada, e complexo jogo de planos horizontais e verticais, cheios e vazios, claros e escuros, definidos pelas espécies arbóreas de grande porte, dispostas no limite interno da quadra.

Essa disposição de contorno é uma estratégia presente desde os primeiros jardins que o paisagista Burle Marx executou na década de 1930, em Recife, com distintos resultados definidos por “uma hierarquia de elementos de interesse, que conduzissem à atenção dos observadores da periferia ao centro dos ambientes”, conforme indicado por Guilherme Mazza (2009, p. 276). Esse autor, enfatizando os atributos da arborização relacionados a aspectos funcionais, ainda aponta que,

manipulando contrastes acentuados de luz e sombra e de escalas das massas vegetais, Burle Marx dispunha aleias de árvores no perímetro, criando zonas sombreadas para descanso e permanência, e iluminava as áreas centrais para ressaltar conjuntos vegetais com herbáceas e arbustos.

Sob essa plataforma, mergulhada meio nível com relação à entrada, uma circulação de automóveis propicia acesso protegido ao escritório do proprietário e à adega, no mesmo pavimento, ou ainda por meio de escadas que levam ao pavimento acima, do bloco social (Fig. 3.1.5). Essa circulação, inicialmente circundando a plataforma, foi alterada ainda durante a obra para a implantação de mais um lago, com a função de arrefecimento do sistema de climatização artificial da residência, em uma composição contínua com o espelho d'água central (Fig. 3.1.6).

Ali o lago se insere, em pequeno desnível ocupado por banco arquibancada e uma composição de tabuleiro de xadrez, em pedras preta e branca, gerando espécie de anfiteatro e espaço lúdico, para jogo de xadrez com peças gigantes, cujo destaque é reforçado pelo plantio de dois exemplares de *Pseudobombax ellipticum* a leste, para onde se volta a "Montanha" de Bruno Giorgi (Fig. 3.1.7).

Tabacow e Haruyoshi acreditam ter sido esse equipamento uma solicitação do proprietário, dado que essa solução era contemplada em projetos públicos, tendo sido usada apenas como um jogo de forrações, mas não para a realização de partidas, nas residências Francisco Pignatari e Edmundo Cavnellas (1954), esta última igualmente projetada por Oscar Niemeyer, em Pedro do Rio, RJ, atualmente pertencente a Gilberto Strunk.

Destacam-se, ainda, como importantes aspectos paisagísticos nessa plataforma:

- a inserção de escultura em granito sobre pedestal, tendo fundo colorido de herbácea nativa, a *Heliconia psittacorum*;
- a presença de bancos de desenho ondulado em concreto (Fig. 3.1.8), existentes em diversos de seus projetos, a exemplo da capela da Jaqueira, em Recife (1951) e do Centro Cívico de Santo André (1967);
- a relação amigável com o entorno externo, donde se pode vislumbrá-lo através de muro de pedra à altura de banco pelo lado interno;
- a utilização de pontos focais com espécies arbóreas de pequeno porte, aspecto formal e floração marcantes, dispostas em conjunto, tais como

a *Plumeria rubra*, sinalizando a base do acesso, e a *Vachellia seyal*, pontuando, dos dois lados, a conexão da varanda, que faz a transição do bloco social, e a *Lagerstroemia indica*, nas cores branca e rosa, protegendo os bancos a oeste;

- o destaque a leste se faz com dois espécimes de árvore de grande porte, a *Pseudobombax ellipticum*, de características formal e de floração diferenciada.

Todas essas espécies foram utilizadas nos projetos anteriormente estudados, em composições e soluções diferenciadas, na comprovação de que sua atuação não se pautava por fórmulas, mas por princípios, que Burle Marx articulava em função de cada circunstância.

Sobre a escultura referida, deve-se ressaltar que se tratava de importante trabalho em granito de Bruno Giorgi, premiado na II Bienal de São Paulo (Fig. 3.1.9), em 1952. Essa escultura havia sido presenteada por Luciano Costa, por ocasião do casamento de Acácio e Yvonne de Azevedo Bastos Borsó, sua primeira esposa e, segundo Marco Antônio, filho do casal, encontrava-se nos jardins de sua residência em Boa Viagem (Recife-PE), fato também indicado na entrevista do arquiteto.

A existência dessa e de outras obras arte, como no caso dos painéis cerâmicos de Francisco Brennand (um no interior da casa, e outro na parede externa da sala de jantar), voltado para os jardins e servindo de fundo para as plumérias (Fig. 3.1.9); e para o vitral que oferece iluminação colorida à articulação de circulações internas da residência (Fig. 3.1.11), de autoria de Marianne Peretti³³, confirmada em visita posterior à artista, no cruzamento de relatos da proprietária, Luce Macedo, são itens que enfatizam o espírito moderno ali presente, sob os mais diversos aspectos.

O princípio empregado na residência de Stela e Pio Rodrigues, em que a proximidade da edificação define desenhos mais retilíneos e, à medida em que se afastam vão se tornando mais orgânicos, já estava presente nessa residência. Desse modo, jardins e circulações de acesso, na porção oeste da casa, articulam-se ortogonalmente, definem um amplo pátio de acesso à garagem e estacionamentos para visitantes, emoldurados ao longo do limite do lote por um alinhamento de *Cassia ferruginea*, em contraponto de altura e cor com a *Brownea grandiceps* e pela *Cassia javanica*. Ali o acesso é marcado por outro agrupamento de *Handroanthus chrysotrichus*, nativa de floração amarela, assim como a *Cassia ferruginea*, com hábito de folhas decíduas, o que confere um diferencial extra ao local.

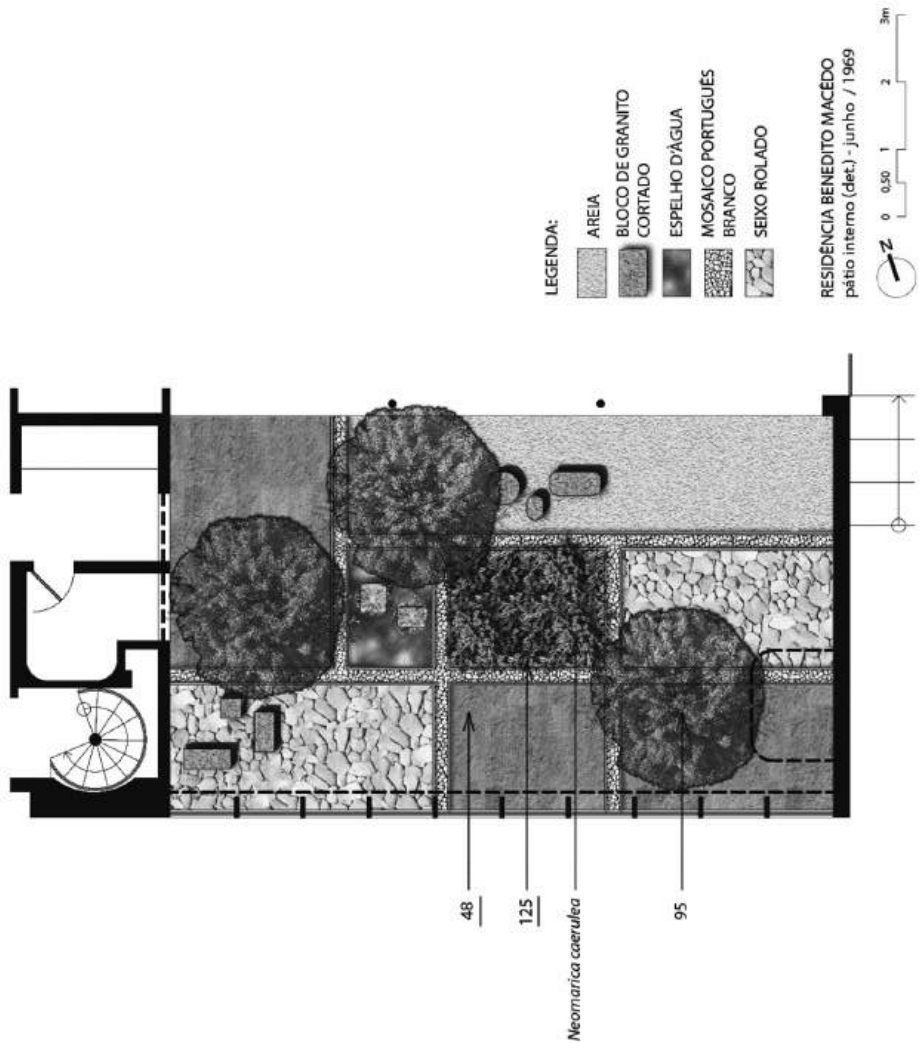


Figura 3.1.4: Projeto do pátio interno da residência Luce e Benedito Macedo.

Fonte: Acervo da autora, produzido a partir do projeto original, 2022.



Figura 3.1.5: Articulação bloco social e plataforma.
Fonte: Raul Carneiro, 2007.

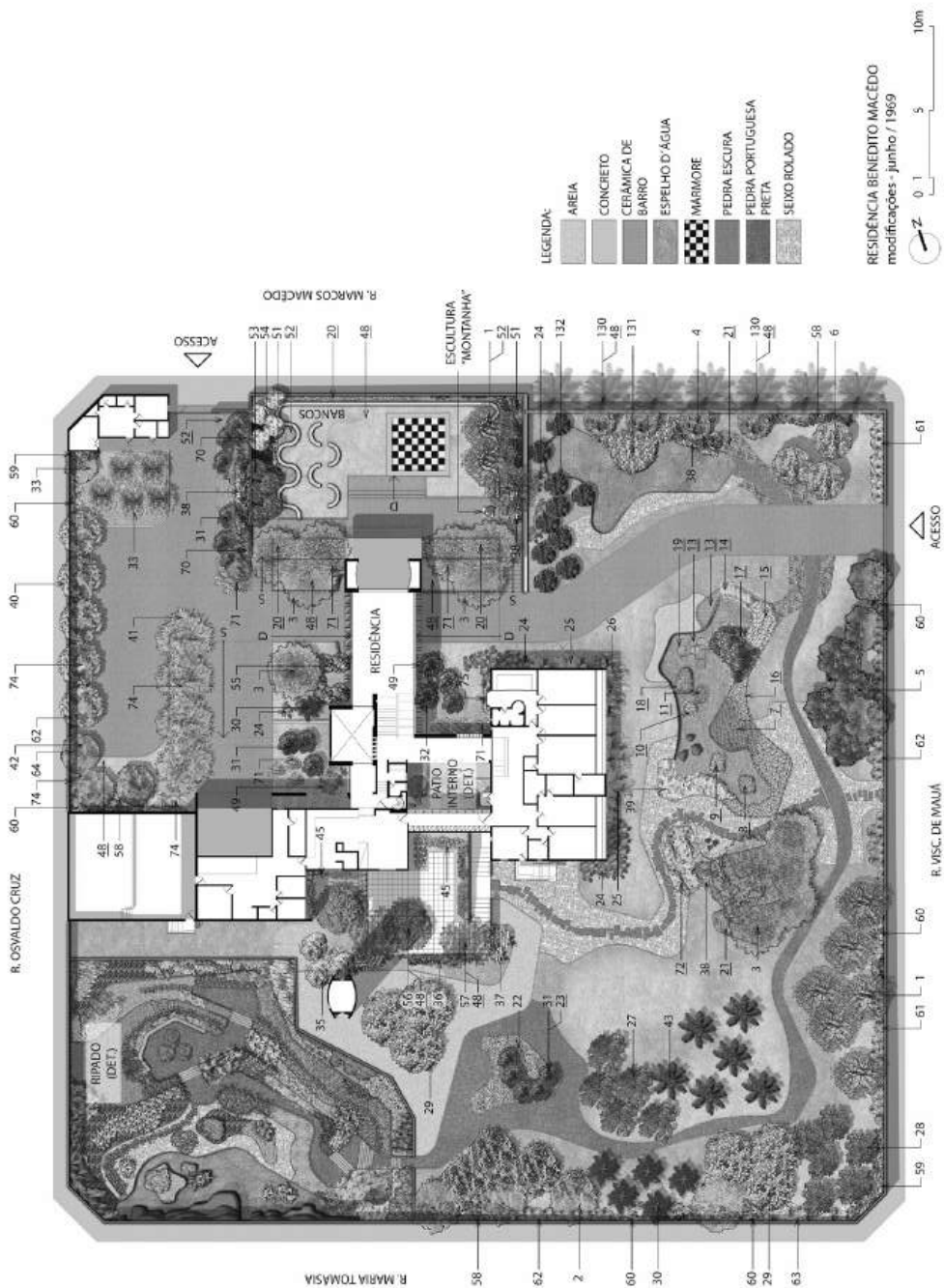


Figura 3.1.6: Alteração do acesso de veículos para inserção de mais um lago.
 Fonte: Acervo da autora, produzido a partir do projeto original, 2022.

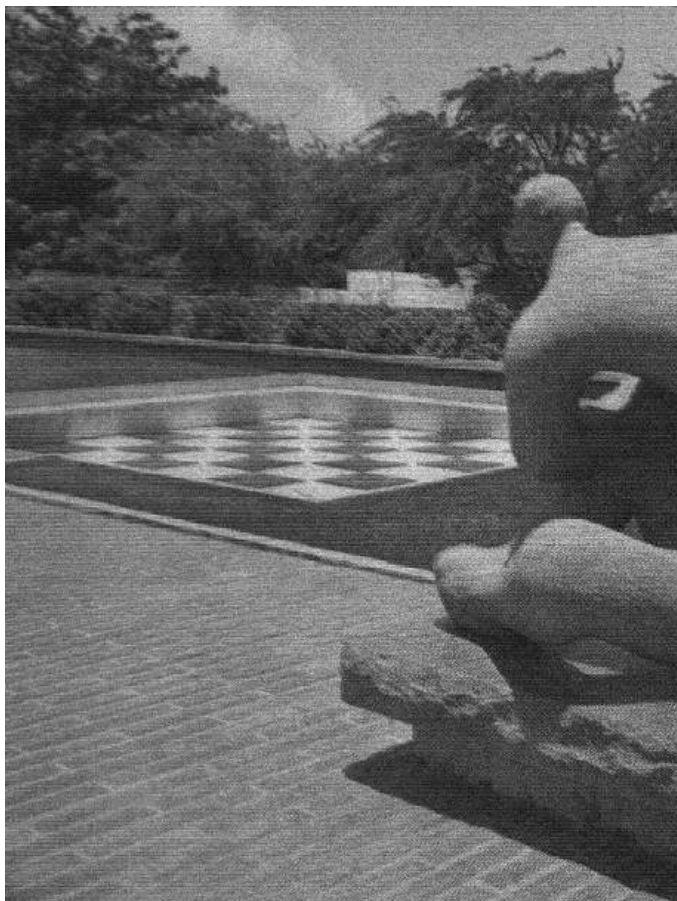


Figura 3.1.7: "Montanha" de Bruno Giorgi, junto ao xadrez.
Fonte: Acervo Maria Isa Craveiro de Macedo.



Figura 3.1.8: Bancos ondulados ao lado do xadrez.
Fonte: Raul Carneiro, 2007.



Figura 3.1.9: Exposição da “Montanha” na II Bienal de SP.
Fonte: Fundação Bienal de São Paulo/Arquivo Histórico Wanda Svevo.



Figura 3.1.10: Paineis cerâmicos de Francisco Brennand.
Fonte: Raul Carneiro, 2007.

Figura 3.1.11: Vitral na casa habitada pela família.
Fonte: Acervo Maria Isa Craveiro de Macedo.

Em canteiro isolado, à esquerda da entrada da garagem, um exemplar de *Crescentia cujete* se destaca pela forma e frutificação.

Aqui, identificam-se os princípios de composição em grupos de espécies homogêneas, que segundo Ivete Farah, se transformam pelo gesto projetual do paisagista, em “acordes mais profundos, revelando nuances de sons irmanados, que [se] sobressaem a notas esparsas” (2008, p. 164). Isso somado ao que a autora também denomina de “disposição geminada” da espécie autóctone *Handroanthus chrysotrichus* no acesso, compreendendo sua “característica e personalidade”, e revelando a essência do lugar por meio de sua dinâmica.

Ali, os materiais de acabamento seguem o princípio da ortogonalidade referido, compostos por lajotas cerâmicas no padrão quadrado, de maior dimensão no pátio, e retangular, de menor dimensão na plataforma, ambos em continuidade à linguagem de revestimento da edificação em tijolinhos.

Caminhando-se pelo percurso que conduz ao jardim principal com os lagos e, ao cabo dele, ao viveiro, tem-se:

- 1** no limite norte, o fechamento se dá parcialmente por pré-moldados de concreto, dispostos verticalmente, em alinhamento recuado, oferecendo pequenos vislumbres dos jardins internos a quem se desloca pela calçada e também do plantio da imponente *Roystonea regia*. Essa palmeira estabelece o contraste vertical à horizontalidade da edificação (Fig. 3.1.12), só rompida pela torre da caixa d’água, um marco na horizontal paisagem da cidade naquele momento.
- 2** à direita do início do percurso, outro conjunto de palmeiras, dessa vez autóctones. A *Copernicia prunifera* mantém a linearidade vertical, promovendo a percepção movimentada da textura de seu caule e dos sons do vento em suas folhas (Fig. 3.1.13).
- 3** no limite leste da quadra, a verticalidade se mantém por intermédio da *Couroupita guianensis*, na porção média, e do *Basilloxylon brasiliensis*, na porção final. Essa configuração representa o mesmo princípio adotado no Museu de Arte Moderna no Rio de Janeiro, onde Ivete Farah identifica que árvores semelhantes “são responsáveis por uma aura de elevação e grandiosidade condizentes com a importância [do] local” (2008, p. 136), traduzindo o aspecto senhorial da residência, fato comentado por Borsó em seu relato.
- 4** o coroamento da centralidade com os lagos contíguos atrai o olhar a partir de diversos ângulos, tanto mais do interior do bloco dos quartos, a



Figura 3.1.12: Verticalidade contrastante da *Roystonea regia*.

Fonte: Raul Caneyro, 2007.

Figura 3.1.13: Detalhe caule da Copernícia.

Fonte: Fernanda Rocha, 2007.

“canoa”, cujas varandas se voltam para essa paisagem líquida povoada de espécies aquáticas, com 14 espécies diferentes.

- 5** conectando-se ao plano dominante de relevo movimentado, um mosaico de texturas com pedras em padrões distintos referencia a possibilidade de condução ao auditório e a uma opção externa de acesso ao bloco íntimo.
- 6** a singeleza de outro agrupamento da palmeira autóctone, *Syagrus ceciliansis*, sinaliza o caráter diferenciado da proximidade do conjunto de *Calycophyllum spruceanum*, posicionado em pequeno monte e transformado em ponto de observação abrigado.

No quadro de espécies (3.1) constante no projeto paisagístico da residência, apresentado em sequência, tem-se a contagem de 11 espécies de árvores de grande porte, quatro de médio porte, nove de pequeno porte, 15 espécies de arbustos, cinco de palmeiras, 36 herbáceas, 14 aquáticas e 34 forrações. Dentre essas plantas, 21 espécies são autóctones e 33 nativas brasileiras.

Quadro 3.1: Espécies vegetais – residência Luce e Benedito Macedo (proposta 1968)

Nº	Nome Científico	Nome Popular	Notas
Árvores de Grande Porte (≥ 10,00 m; 11 unid.)			
2	<i>Sterculia apetala</i> (Jacq.) H. Karst. [<i>Sterculia chicha</i> St. Hil.]	Xixá	NAT PC
5	<i>Couropita guianensis</i> Aubl.	Abricó-de-macaco	NAT PC
6	<i>Ceiba speciosa</i> (A.St.-Hil.) Ravenna [<i>Chorisia speciosa</i> St. Hil.]	Paineira-rosa	AUT PC
27	<i>Calycophyllum spruceanum</i> (Benth.) K. Schum.	Pau-mulato	NAT PC
28	<i>Parkia pendula</i> (Willd.) Benth. ex Walp.	Visgueiro	AUT PC
30	<i>Pterygota brasiliensis</i> Allemão [<i>Basiloxylon brasiliensis</i> (Fr. All) K. Schum.]	Piroá	NAT PC
33	<i>Handroanthus chrysotrichus</i> (Mart. ex DC.) Mattos [<i>Tecoma chrysotricha</i> Mart.]	Ipê-amarelo	NAT PC
34	<i>Lophanthera lactescens</i> Ducke	Lofantera	NAT PC
40	<i>Cassia ferruginea</i> (Schrad.) Schrad. ex DC.	Canafístula	AUT PC
57	<i>Spondias dulcis</i> Parkinson	Cajarana	EXO PC
132	<i>Triplaris americana</i> L.	Pau-formiga	NAT PC PM
Árvores de Médio Porte (≥ 6,00 < 10,00 m; 4 unid.)			
1	<i>Pseudobombax ellipticum</i> (Kunth) Dugand	Escova-de-barbear	EXO PC
29	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Cajueiro	AUT PC
41	<i>Cassia javanica</i> L.	Acácia-rosa	EXO PC
56	<i>Syzygium malaccense</i> (L.) Merr. & L.M. Perry [<i>Eugenia malaccensis</i> L.]	Jambo	EXO PC
Árvores de Pequeno Porte (≥ 4,00 < 6,00 m; 9 unid.)			
3	<i>Vachellia seyal</i> (Delile) P.J.H. Hurter [<i>Acacia seyal</i> Delile]	Esponjinha-amarela	EXO PC
4	<i>Bauhinia x blakeana</i> Dunn	Pata-de-vaca	EXO PC

Nº	Nome Científico	Nome Popular	Notas
31	<i>Plumeria rubra</i> L.	Jasmim-manga	EXO PC
32	<i>Plumeria rubra</i> L. (amarela)	Jasmim-manga-amarelo	EXO PC
42	<i>Brownea grandiceps</i> Jacq.	Rosa-da-mata	NAT PC
50	<i>Lagerstroemia indica</i> L. (lilás)	Extremosa	EXO PC
53	<i>Lagerstroemia indica</i> L. (rosa)	Extremosa	EXO PC
54	<i>Lagerstroemia indica</i> L. (branca)	Extremosa	EXO PC
95	<i>Crescentia cujete</i> L.	Coité	EXO RP IN
Arbustos (15 unid.)			
20	<i>Lantana camara</i> L. (amarela)	Camará	AUT PC
35	<i>Petrea volubilis</i> L. [<i>Petrea arborescens</i> Archer]	Flor-de-são-Miguel	NAT PC
36	<i>Calliandra haematocephala</i> Hassk.	Caliandra	EXO PC
37	<i>Allamanda nobilis</i> T. Moore	Alamanda	NAT PC
45	<i>Hibiscus</i> (coleção)	Papoula	EXO PC
51	<i>Ixora coccinea</i> L.	Lacre	EXO PC
55	<i>Brunfelsia grandiflora</i> D. Don.	Manacá	NAT PC
58	<i>Polyscias guilfoylei</i> (W. Bull) L.H. Bailey	Árvore-da-felicidade	EXO PC
59	<i>Polyscias guilfoylei</i> (W. Bull) L.H. Bailey - victoriana	Árvore-da-felicidade	EXO PC
60	<i>Polyscias balfouriana</i> (André) L.H. Bailey	Árvore-da-felicidade	EXO PC
61	<i>Polyscias filicifolia</i> (C. Moore ex E. Fourn.) L.H. Bailey	Árvore-da-felicidade	EXO PC
62	<i>Polyscias fruticosa</i> (L.) Harms - elegans	Árvore-da-felicidade	EXO PC
63	<i>Polyscias scutellaria</i> (Burm.f.) Fosberg - marginata [<i>Polyscias balfouriana</i> var. marginata]	Árvore-da-felicidade	EXO PC
66	<i>Megaskepasma erythrochlamys</i> Lindau	Justicia-vermelha	EXO PC
67	<i>Aphelandra sinclairiana</i> Nees	Afelandra-coral	EXO PC

Nº	Nome Científico	Nome Popular	Notas
Palmeiras (5 unid.)			
43	<i>Syagrus cearensis</i> Noblick	Palmeira "coco babão"	AUT PC
44	<i>Copernicia prunifera</i> (Mill.) H.E. Moore [<i>Copernicia cerifera</i> Mart.]	Carnaúba	AUT PC
83	<i>Chamaedorea elegans</i> Mart.	Palmeira-bambu	EXO RP
84	<i>Chamaedorea seifrizii</i> Burret [<i>Chamaedorea erupens</i> H. E. Moore]	Palmeira-bambu	EXO RP
130	<i>Roystonea regia</i> (Kunth) O.F. Cook	Palmeira-real	EXO PC
Herbáceas (36 unid.)			
17	<i>Canna glauca</i> L.	Cana-do-brejo	AUT PC
21	<i>Hemigraphis alternata</i> (Burm.f.) T. Anderson [<i>Hemigraphis colorata</i> Halier.]	Hera-roxa	EXO PC
24	<i>Thaumatococcus bipinnatifidum</i> (Schott ex Endl.) Sakur, Calazans & Mayo [<i>Philodendron bipinnatifidum</i> Schott]	Guaimbê	NAT PC
26	<i>Thaumatococcus undulatum</i> (Engl.) Sakur, Calazans & Mayo [<i>Philodendron eichleri</i> Engl.]	Imbé	NAT PC
25	<i>Philodendron giganteum</i> Schott	Filodendro gigante	EXO PC RP
38	<i>Heliconia psittacorum</i> L.f.	Pacavira	AUT PC
46	<i>Hedychium coronarium</i> J. Koenig	Lírio-do-brejo	EXO PC RP
49	<i>Thaumatococcus mello-barretoanum</i> (Burle-Marx ex G.M. Barroso) Sakur, Calazans & Mayo [<i>Philodendron mello-barretoanum</i> Burle Marx ex G.M. Barroso]	Filodendro	NAT PC
65	<i>Rhaphidophora decursiva</i> (Roxb.) Schott	Guaimbê-sulcado	EXO PC
69	<i>Pseuderanthemum nervosum</i> R. B. [<i>Pseudoeranthemum nervosum</i> R. B.]	Erantemo	EXO PC
70	<i>Syngonium auritum</i> (L.) Schott	Singônio	EXO PC RP
71	<i>Heliconia caribaea</i> Lam.	Heliconia	EXO PC RP
72	<i>Heliconia pendula</i> Wawra.	Caetê	AUT PC RP

Nº	Nome Científico	Nome Popular	Notas
73	<i>Heliconia collinsiana</i> Griggs	Heliconia	EXO PC RP
74	<i>Philodendron maximum</i> K. Krause	Filodendro grande	NAT PC RP
75	<i>Philodendron panduriforme</i> (Kunth) Kunth [<i>Philodendron latilobium</i> Schott.]	Filodendro-folha-violino	NAT PC RP
76	<i>Alocasia macrorrhizos</i> (L.) G. Don [<i>Alocasia indica</i> Schott.]	Taioba	EXO RP
77	<i>Alocasia portei</i> Schott [<i>Schizocasia portei</i> Schott.]	Inhame	EXO RP
78	<i>Alocasia lauterbachiana</i> (Engl.) A. Hay [<i>Schizocasia lauterbacheana</i> Engl.]	Alocásia	EXO RP
79	<i>Cyrtosperma merkusii</i> Schott.	Taro	EXO RP
80	<i>Lasia spinosa</i> (L.) Thwaites	Lasia	EXO RP
85	<i>Heliconia stricta</i> Huber	Helicônia	RP
86	<i>Heliconia latispatha</i> Benth.	Helicônia	EXO RP
88	<i>Hedychium coccineum</i> Buch.-Ham. ex Sm. [<i>Hedychium coccineum</i> Buch.-Ham. var. carneum Corey]	Gengibre-vermelho	EXO RP
91	<i>Philodendron hederaceum</i> (Jacq.) Schott [<i>Philodendron pittieri</i> Engl.]	Filodendro-brasil	NAT RP
92	<i>Philodendron gloriosum</i> André	Filodendro-glorioso	EXO RP
93	<i>Philodendron squamiferum</i> Poepp.	Filodendro	NAT RP
94	<i>Philodendron melinonii</i> Brongn. ex Regel	Filodendro	NAT RP
97	<i>Cyrtosperma johnstonii</i> N.E. Br	Cirtosperma	EXO RP
99	<i>Medinilla magnifica</i> Lindl.	Uva-rosa	EXO RP
123	<i>Alocasia longiloba</i> Miq. [<i>Alocasia iowii</i> Hook. f.]	Taiá-pintado	EXO RP
126	<i>Philodendron subincisum</i> Schott [<i>Philodendron wilsonii</i>]	Filodendro	EXO RP
127	<i>Heliconia marginata</i> (Griggs) Pittier	Helicônia	NAT RP
128	<i>Philodendron fragrantissimum</i> (Hook.) G. Don	Imbé-de-cheiro	NAT RP

Nº	Nome Científico	Nome Popular	Notas
131	<i>Crinum asiaticum</i> L.	Crino Branco	EXO PC PM
	<i>Neomarica caerulea</i> (Ker Gawl.) Sprague	Lírio-roxo-das pedras	NAT IN
Aquáticas (14 unid.)			
7	<i>Pontederia cordata</i> L.	Mureré	NAT PC
8	<i>Nymphaea ampla</i> (Salisb.) DC. (branca)	Ninfeia-branca	EXO PC
9	<i>Nymphaea ampla</i> (Salisb.) DC. var. <i>rosea</i>	Ninfeia-rosa	EXO PC
10	<i>Nymphaea capensis</i> Thunb. var. <i>zanzibariensis</i> Conard	Ninfeia-azul	EXO PC
11	<i>Nymphaea rudgeana</i> G. Mey	Ninfeia	AUT PC
12	<i>Victoria amazonica</i> (Poepp.) J.E. Sowerby [<i>Victoria regia</i> Lindl.]	Vitória-régia	NAT PC
13	<i>Hydrocleys</i> sp.	Hidrocleis	NAT PC
14	<i>Thalia dealbata</i> Fraser ex Roscoe	Talia	EXO PC
15	<i>Echinodorus macrophyllus</i> (Kunth) Micheli	Chapéu-de-couro	AUT PC
16	<i>Eichhornia crassipes</i> (Mart.) Solms	Aguapé	AUT PC
18	<i>Cyperus prolifer</i> Lam.	Papiro	EXO PC
19	<i>Nymphaea caerulea</i> Savigny	Ninfeia-azul	EXO PC
39	<i>Nelumbo nucifera</i> Gaertn.	Flor-de-lótus	EXO PC
47	<i>Canna indica</i> L. (rosa)	Bananeirinha-rosa	EXO PC
Forrações (34 unid.)			
22	<i>Catharanthus roseus</i> (L.) G. Don [<i>Vinca rosea</i> L.]	Boa-noite	AUT PC
23	<i>Tradescantia pallida</i> (Rose) D.R. Hunt [<i>Setcreasea purpurea</i> B.K. Boom]	Manto-sagrado	EXO PC
48	<i>Zoysia japonica</i> Steud.	Grama-esmeralda	EXO PC IN
52	<i>Sphagneticola trilobata</i> (L.) Pruski [<i>Wedelia paludosa</i> D.C. var. <i>vialis</i> D.C.]	Agrião	AUT PC
64	<i>Epipremnum pinnatum</i> (L.) Engl. [<i>Scindapsus aureus</i> Engl.]	Jiboia	EXO PC

Nº	Nome Científico	Nome Popular	Notas
68	<i>Epipremnum pinnatum</i> (L.) Engl.	Jiboia	EXO PC
81	<i>Spathiphyllum friedrichsthalli</i> Schott	Espatifilo	EXO RP
82	<i>Spathiphyllum cannifolium</i> (Dryand. ex Sims) Schott	Lírio-da-paz	NAT RP
87	<i>Oplismenus hirtellus</i> (L.) P. Beauv. [<i>Oplismenus imbecillis</i> (Trin.) Kunth.]	Gramma-de-vaso	AUT RP
89	<i>Xanthosoma lindenii</i> (André) T. Moore	Malanga	EXO RP
90	<i>Ctenanthe kummeriana</i> (E. Morren) Eichler		NAT RP
96	<i>Dieffenbachia seguine</i> (Jacq.) Schott var. "Rud. Roehrs" [<i>Dieffenbachia picta</i> Schott. var. "Rud. Roehrs"]	Comigo-ninguém-pode	AUT RP
98	<i>Goepertia zebrina</i> (Sims) Nees var. <i>binoti</i> [<i>Calathea zebrina</i> Lindl. var. <i>binoti</i>]		NAT RP
100	<i>Goepertia makoyana</i> (E. Morren) Borchs. & S. Suárez [<i>Calathea makoyana</i>]	Maranta	NAT RP
101	<i>Pilea nummularifolia</i> (Sw.) Wedd.		NAT RP
102	<i>Fittonia albivenis</i> (Lindl. ex Veitch) Brummitt [<i>Fittonia argynoneura</i> E. Coem.]	Planta mosaico	NAT RP
103	<i>Maranta leuconeura</i> E. Morren var. <i>massangeana</i>	Maranta-pena-de-pavão	AUT RP
104	<i>Goepertia kegeljani</i> (É. Morren) Saka [<i>Calathea musaica</i>]	Maranta-zebra	NAT RP
105	<i>Goepertia lietzei</i> (É. Morren) Saka [<i>Calathea lietzei</i> E. Morr.]	Maranta	AUT RP
106	<i>Episcia cupreata</i> (Hook.) Hanst.		EXO RP
107	<i>Episcia lilacina</i> Hanst.		EXO RP
108	<i>Davallia figiensis</i>	Samambaia	EXO RP
109	<i>Kaempferia rotunda</i> L.	Cananga-do-Japão	EXO RP
110	<i>Pellionia repens</i> (Lour.) Merr. [<i>Pellionia daveanna</i> N. E. Brown]		EXO RP

Nº	Nome Científico	Nome Popular	Notas
111	<i>Ctenanthe oppenheimiana</i> (E. Morren) K. Schum.		NAT RP
112	<i>Dracaena aubryana</i> Brongn. ex E. Morren [<i>Pleomele thalioides</i> N. E. Brown]		EXO RP
113	<i>Dracaena reflexa</i> Lam. [<i>Pleomele reflexa</i> N. E. Brown]	Pleomele	EXO RP
114	<i>Begonia heracleifolia</i> Cham. & Schlecht.		EXO RP
120	<i>Lycianthes repens</i> (Spreng.) Bitter [<i>Solanum violifolium</i> Schott.]		NAT RP
121	<i>Anthurium affine</i> Schott		AUT RP
122	<i>Anthurium nymphaeifolium</i> K. Koch & C.D. Bouché		EXO RP
124	<i>Dieffenbachia seguine</i> (Jacq.) Schott <i>arvida</i> [<i>Dieffenbachia arvida</i>]	Comigo-ninguém-pode	AUT RP
125	<i>Tradescantia zebrina</i> Heynh. ex Bosse [<i>Zebrina pendula</i> Schnitzlein]	Trapoeraba	EXO RP
129	<i>Caladium sp.</i>		EXO RP

Fonte: Organizado pela autora, 2014.

LEGENDA

() Indicação existente no projeto, referente ao autor, origem ou variedade.		
[] Sinonímia científica antiga constante na lista original.		
Origem:	Localização:	Observação:
AUT Autóctone (Ceará)	PC Jardim principal	PM Planta de modificações
NAT Nativa brasileira	RP Ripado	
EXO Exótica	IN Jardim interno	

3.2 MUDANÇA DE USO: SEDE DO GRUPO J. MACEDO

Em 1978, após a saída da família Benedito Macedo da residência, o local foi incorporado pelo grupo J. Macedo, pertencente ao núcleo familiar maior. A edificação e os jardins foram novamente objeto de estudo pelo arquiteto Acácio Borsói, que, dessa vez, contaria com a colaboração de Janete Costa, na arquitetura de interiores, e do escritório de Burle Marx (Fig. 3.2.1).

Uma vez consolidadas, as espécies vegetais de maior porte são mantidas e complementadas, sendo substituídas algumas das espécies arbustivas, herbáceas e de forração, em função de sua própria dinâmica de conservação. Vale destacar que as espécies selecionadas nos dois momentos buscam valorizar a vegetação autóctone, embora, nessa proposta, em número reduzido (nove espécies), utilizando-se igualmente espécies nativas brasileiras (14 espécies) e outras exóticas, de relevante apelo estético (ROCHA; BEZERRA, 2009).

Analizando-se a seleção das espécies vegetais propostas, organizadas no quadro 3.2, percebe-se que, considerando-se a diversidade dos tipos indicados, assumem, em ambas as propostas, funções espaciais distintas, a saber:

- macro estruturação, com a criação de planos verticais e horizontais;
- justaposição de elementos em fundo-figura, seja de diferentes espécies vegetais, indicando percursos, ou para delimitação de locais de inserção de objetos artísticos;
- criação de jogos de luz e sombra;
- diversidade de oportunidades em função da dinâmica de cada espécie — floração, hábito de permanência de folhas etc. (SIQUEIRA, 2001);
- definição de pontos focais por contrastes de cor, dimensão e/ou forma.

Tendo sido já implantada a alteração no acesso de automóveis e em um menor espelho d'água, nas proximidades da plataforma, a maior alteração ficou por conta da implantação do edifício de 4 pavimentos (térreo e 3 pisos), que, seguindo a mesma linguagem da residência, ocupou o espaço antes destinado ao "ripado", que, embora não tenha seguido a orientação da proposta, abrigava essa função com soluções simplificadas, e, claro, da redistribuição dos ambientes internos da residência, segundo os novos usos, dos quais se preservou grande parte do zoneamento.

Quadro 3.2: Espécies vegetais – sede Grupo J. Macedo (Proposta 1978)

Nº	Nome Científico	Nome Popular	Notas
Árvores de Grande Porte (≥ 10,00 m; 2 unid.)			
39	<i>Ouratea castaneifolia</i> (DC.) Engl.	Farinha-seca	AUT
59	<i>Sterculia apetala</i> (Jacq.) H. Karst. [<i>Sterculia chicha</i> St. Hil.]	Xixá	NAT
Árvores de Médio Porte (≥ 6,00 < 10,00 m; 1 unid.)			
3	<i>Pseudobombax ellipticum</i> (Kunth) Dugand	Escova-de-barbear	EXO
Árvores de Pequeno Porte (≥ 4,00 < 6,00 m; 7 unid.)			
4	<i>Parmentiera cereifera</i> Seem.	Árvore-de-vela	EXO
7	<i>Lagerstroemia indica</i> L. (branca)	Extremosa	EXO
8	<i>Lagerstroemia indica</i> L. (rosa)	Extremosa	EXO
11	<i>Plumeria rubra</i> L.	Jasmim-manga	EXO
12	<i>Plumeria</i> sp.(amarela)	Jasmim-manga	EXO
13	<i>Plumeria</i> sp. (rosa)	Jasmim-manga	EXO
24	<i>Cassia fistula</i> L.	Chuva-de-ouro	EXO
Arbustos (12 unid.)			
1	<i>Allamanda cathartica</i> L.	Alamanda	AUT
9	<i>Ixora coccinea</i> L.	Lacre	EXO
14	<i>Brunfelsia uniflora</i> (Pohl) D. Don [<i>Brunfelsia hopeana</i> Benth.]	Manacá	AUT
15	<i>Dracaena reflexa</i> var. <i>angustifolia</i> Baker [<i>Dracaena marginata</i> Lam.]	Dracena	EXO IN
16	<i>Russelia equisetiformis</i> Schldl. & Cham. [<i>Russelia juncea</i> Zucc.]	Russélia	EXO
46	<i>Polyscias guilfoylei</i> (W. Bull.) L.H. Bailey	Árvore-da-felicidade	EXO
49	<i>Aphelandra sinclairiana</i> Nees	Afelandra-coral	EXO
54	<i>Pachystachys lutea</i> Nees	Camarão-amarelo	NAT
55	<i>Sanchezia oblonga</i> Ruiz & Pav. [<i>Sanchezia nobilis</i> Hook.]	Sanquésia	NAT

Nº	Nome Científico	Nome Popular	Notas
56	<i>Pseuderanthemum</i> (verde-amarelo existente)		NAT
58	<i>Ixora</i> sp. (branca)	Ixora-branca	EXO
64	<i>Pleroma radula</i> (Markgr.) P.J.F.Guim. & Michelang. [<i>Tibouchina radula</i> Magf.]		NAT
Palmeiras (7 unid.)			
18	<i>Copernicia prunifera</i> (Mill.) H.E. Moore [<i>Copernicia cerifera</i> Mart.]	Carnaúba	AUT
20	<i>Cyrtostachys renda</i> Blume	Palmeira-laca	EXO
25	<i>Syagrus cearensis</i> Noblick	Palmeira "coco babão"	AUT
38	<i>Pritchardia pacifica</i> Seem. & H. Wendl.	Palmeira-leque-de-Fiji	EXO
42	<i>Ptychosperma elegans</i> (R.Br.) Blume	Palma solitária	EXO
50	<i>Pinanga coronata</i> (Blume ex Mart.) Blume [<i>Pinanga kuhlii</i> Blume.]	Pinanga	EXO
51	<i>Chamaedorea seifrizii</i> Burret [<i>Chamaedorea erupens</i> H. E. Moore]	Palmeira-bambu	EXO
Trepadeiras (2 unid.)			
10	<i>Congea tomentosa</i> Roxb.	Congeia	EXO
57	<i>Bignonia magnifica</i> W. Bull [<i>Arrabidaea magnifica</i> Sprague]		EXO
Herbáceas (15 unid.)			
5	<i>Ananas</i> sp.	Abacaxi	NAT
6	<i>Thaumatococcus bipinnatifidum</i> (Schott ex Endl.) Sakur, Calazans & Mayo [<i>Philodendron bipinnatifidum</i> Schott.]	Guaimbê	NAT IN
17	<i>Asparagus aethiopicus</i> L. [<i>Asparagus sprengeri</i> Regel]	Aspargo	EXO
19	<i>Thysanolaena latifolia</i> (Roxb. ex Hornem.) Honda [<i>Thysanolaena máxima</i> Kuntze]	Capim-bambú	EXO
21	<i>Eragrostis curvula</i> (Schrad.) Nees	Capim-chorão	EXO
40	<i>Heliconia caribaea</i> Lam.	Heliconia	EXO

Nº	Nome Científico	Nome Popular	Notas
43	<i>Alpinia purpurata</i> (Vieill.) K. Schum.	Panamá	EXO
44	<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B.L.Burt & R.M.Sm. [<i>Alpinia nutans</i> Rosc.]	Gengibre-concha	EXO
45	<i>Etilingera elatior</i> (Jacq.) R.M. Sm. [<i>Phaemomeria magnifica</i>]	Bastão-do-imperador	EXO
47	<i>Thaumatococcus danianus</i> (Kunth) Sakur., Calazans & Mayo [<i>Philodendron corcovadense</i> Kunth.]	Filodendro	NAT
48	<i>Philodendron schottii</i> subsp. <i>talamancae</i> (Engl.) Grayum [<i>Philodendron talamancae</i> Engl.]	Filodendro	EXO
52	<i>Heliconia rostrata</i> Ruiz & Pav.	Heliconia	NAT
53	<i>Justicia brandegeana</i> Wassh. & L.B.Sm. [<i>Beloperone guttata</i> T.S. Brandegee]	Camarão-vermelho	EXO
67	<i>Monstera deliciosa</i> Liebm.	Costela-de-adão	EXO
68	Gramineae		EXO
Aquáticas (11 unid.)			
26	<i>Nymphaea ampla</i> (Salisb.) DC. (branca)	Ninfeia-branca	EXO
27	<i>Nymphaea ampla</i> (Salisb.) DC (rosa)	Ninfeia-rosa	EXO
28	<i>Nymphaea capensis</i> Thunb. var. <i>zanzibariensis</i> Conard	Ninfeia-azul	EXO
29	<i>Nymphaea rudgeana</i> G. Mey	Ninfeia	AUT
30	<i>Cyperus prolifer</i> Lam.	Papiro	EXO
31	<i>Nymphaea caerulea</i> Savigny	Ninfeia-azul	EXO
32	<i>Victoria amazonica</i> (Poepp.) J.E. Sowerby [<i>Victoria regia</i> Lindl.]	Vitória-régia	NAT
33	<i>Nelumbo nucifera</i> Gaertn.	Flor-de-lótus	EXO
34	<i>Pontederia cordata</i> L.	Mureré	NAT
35	<i>Eichhornia crassipes</i> (Mart.) Solms	Aguapé	AUT
36	<i>Hydrocleys</i> sp. (Bahia)	Hidrocleis	NAT

Nº	Nome Científico	Nome Popular	Notas
Forrações (11 unid.)			
2	<i>Acmella decumbens</i> (Sm.) R.K. Jansen [<i>Spilanthes stolonifera</i> DC.]		NAT
22	<i>Clerodendrum</i> sp. (branco)		EXO
23	<i>Tradescantia pallida</i> (Rose) D.R. Hunt [<i>Setcreasea purpurea</i> Boom]	Manto sagrado	EXO
37	<i>Catharanthus roseus</i> (L.) G. Don [<i>Vinca rosea</i> L.]	Boa-noite	AUT
41	<i>Lycianthes repens</i> (Spreng.) Bitter [<i>Solanum violifolium</i> Schott.]		NAT
60	<i>Bulbine</i> sp.	Bulbine	EXO
61	<i>Tradescantia spathacea</i> Sw. var. <i>nana</i> [<i>Rhoeo discolor</i> var. <i>nana</i>]	Abacaxi-roxo	EXO
62	<i>Epipremnum pinnatum</i> (L.) Engl. [<i>Scindapsus aureus</i> Engl.]	Jiboia	EXO
63	<i>Tradescantia zebrina</i> Heynh. ex Bosse [<i>Zebrina pendula</i> Schnizl.]	Trapoeiraba	EXO IN
65	<i>Crinum asiaticum</i> L.	Crino branco	EXO
66	<i>Sphagneticola trilobata</i> (L.) Pruski [<i>Wedelia paludosa</i> D.C. var. <i>vialis</i> D.C.]	Agrião	AUT IN

Fonte: Organizado pela autora, 2014.

LEGENDA

() Indicação existente no projeto, referente ao autor, origem ou variedade.	
[] Sinonímia científica antiga constante na lista original.	
Origem:	Localização:
AUT Autóctone (Ceará)	IN Presente também no jardim interno
NAT Nativa brasileira	
EXO Exótica	

Após mais de quarenta anos, as árvores ali plantadas³⁴ atingiram seu porte pleno, promovendo o isolamento da vizinhança, hoje bastante verticalizada (Fig. 3.2.2 e 3.2.3), além de servirem como amenização visual e climática do entorno. Essa percepção é resultante do princípio utilizado por Burle Marx e explicitado por Ivete Farah (2008), em que se considera que a árvore de grandes proporções serve para marcar um espaço intermediário entre a edificação e o espaço externo, diversificando a experiência do habitar, na qual se compartilham e se interpedem o construído e o natural. Ainda segundo essa autora, a “aura instaurada pela presença dessas espécies verticalizantes contribui para a integração de arquitetura e da paisagem” (2008, p. 137).

Essa integração, infelizmente, está atualmente sujeita ao desaparecimento, em função da saída do grupo J. Macedo do local. Desde 2006, sem uso específico, o local sediou, em 2009, uma edição da Casa Cor (Fig. 3.2.3), e, desde então, não se tem uma destinação específica para ele.

Foi exatamente esse período de desuso que, em 2007, possibilitou o acesso ao conjunto e a realização de todo o seu inventário arquitetônico paisagístico, contando com a colaboração dos alunos de graduação da Unifor, para o que, aqui, foi parcialmente exposto.

Ao se verificarem essas alterações sobre esse conjunto arquitetônico, inicialmente destinado à residência Luce e Benedito Macedo, e tomando-se como referência, novamente, as observações de Ana Rosa Oliveira, observa-se aqui, assim como na residência Pignatari, uma “riqueza de relações [dos] ambientes conformados... que não se esgotava no âmbito do artefato arquitetônico e sugeria outras possíveis relações entre edificação, jardim e paisagem” (2003, p. 6). Nesse caso, isso pouco se alterou, mesmo com a construção do edifício anexo, evidenciando-se desse modo “a profunda noção da forma moderna”, por parte dos autores dos projetos arquitetônicos e de paisagismo, viabilizando a criação de “um sistema de relações” indissociável, entre as concepções projetuais ali materializadas.

Diante da incerteza que ronda a destinação desse conjunto, tomam-se de empréstimo as palavras de Cecília Meireles:

Mutilados jardins e primaveras abolidas

Abriram seus miraculosos ramos

(...)

Recompuseram-se tempos, formas, cores, vidas...

Ah! Mundo vegetal, nós, humanos, choramos só da incerteza da ressurreição.



Figura 3.2.2: Bloco diretoria Grupo J. Macedo, já sem uso.

Fonte: Acervo Laboratório da Paisagem Unifor, 2007

Figura 3.2.3: Vista de topo dos jardins do Grupo J. Macedo, sem uso em 2007.

Fonte: Acervo Laboratório da Paisagem Unifor, 2007.



Figura 3.2.4: Conjunto arquitetônico ocupado pela Casa Cor em 2009.
Fonte: Google Earth, 2019, com edição da autora, 2023.

Considerações finais

Diante da necessidade de fechamento desse processo de estudos, mas certamente no intuito de não dar por findos os questionamentos a respeito dos jardins de Roberto Burle Marx e da miríade de desdobramentos possíveis ao se abordar material tão repleto de possibilidades, cuja exploração pode fornecer variadas perspectivas de abordagens e apontar diferentes resultados, chega-se ao ponto de um arremate, ainda que circunscrito à temporalidade desta pesquisa. Destaca-se sua ocorrência no período de 2013 a 2015, portanto, com várias mudanças desde então, especialmente com a perda de muitas dessas obras, ampliando-se assim as desconexões em nossa construção cultural.

A análise e a síntese aqui apresentadas, recortadas da vasta produção em paisagismo de uma “persona” notável da cultura brasileira, da qual se extraíram como objeto de estudo, os jardins residenciais de Roberto Burle Marx em Fortaleza, buscaram identificar aspectos essenciais da concepção desses jardins e/ou os “princípios” que regem sua criação, como explicitado pelo paisagista, conectando-os a referenciais significativos em sua trajetória no Brasil.

A busca empreendida, além de esclarecer aspectos da produção local específica de Burle Marx, pautou-se pela perspectiva de aprimoramento da prática profissional dos arquitetos e urbanistas, considerando-se o paisagismo, a partir de sua inserção nessa área, como um campo disciplinar desta formação: a arquitetura e o urbanismo tomados de modo equivalente e equilibrado.

Nesse sentido, a identificação de lacunas existentes orientou o percurso proposto pelos jardins residenciais do paisagista na cidade, seja no campo dessa formação profissional, seja no âmbito do paisagismo em Fortaleza, onde essa prática ainda necessita de aprimoramento e aplicação consistente, até mesmo no que diz respeito à abordagem efetivada nos jardins de Burle Marx, em que os jardins residenciais privados, de escala e localização urbanas, ainda não haviam recebido atenção especial em conjunto. Esta investigação possibilitou a apreciação de soluções espaciais em espaços de acesso restrito, nos quais se destacaram importantes princípios relacionados à prática projetual em paisagismo e, por desdobramento em Arquitetura e Urbanismo, compreendidos em espectro ampliado.

Considerando-se os diferentes tipos de residências abordadas, definiu-se o seguinte percurso:

- a)** iniciado pelos edifícios residenciais multifamiliares, localizados na orla da cidade, no bairro do Meireles, no caso os mais recentes trabalhos de Burle Marx em Fortaleza;

- b) passando pelo que se denominou o “futuro” dos jardins residenciais da cidade, em alusão ao bairro Praia do Futuro, onde se localizavam, à época, as duas residências unifamiliares;
- c) até chegar à residência que inaugurou a trajetória do paisagista na cidade, inserindo o paisagismo moderno em Fortaleza, em profunda conexão com a atuação de Acácio Gil Borsóí, a partir de residência ícone no bairro da Aldeota, na qual se sobressaem os princípios norteadores de sua atuação, que vão paulatinamente se adequando às novas exigências, no transcurso de tempo, entre 1968 e 1994.

E, novamente subvertendo a ordem das questões inicialmente apresentadas, obtém-se como resultado dos questionamentos:

3 No contexto da atual formação do arquiteto e urbanista, qual(is) a(s) contribuição(ões) de Roberto Burle Marx, a partir dos jardins residenciais por ele executados em Fortaleza?

→ Diante de um quadro de formação profissional de caráter generalista, verificam-se como contribuições do paisagista, a partir das propostas estudadas, que: independentemente da escala ou programa da solução demandada, sem prescindir do domínio da técnica, a incorporação de variáveis de aspectos sensíveis e abrangentes enriquecedores da ação projetual; a adoção intencional de princípios respaldados na compreensão de suas potencialidades, possibilitando a diversidade de soluções, sem que, necessariamente, tenha-se que recorrer ao uso de fórmulas ou modelos descontextualizados; estes princípios surgem da observação criteriosa do contexto que sofre intervenção, em que as condicionantes ambientais e ecológicas não podem mais ser deixadas ao largo; a consideração de que a formação profissional é contínua, e deve incorporar toda e qualquer experiência, até mesmo os erros, como forma de superação de limites e de viabilização de novas soluções. Essa formação, se alimentada por fontes diversas, é enriquecida e ampliada, favorecendo outras possibilidades de atuação; a curiosidade constante é um estímulo ao desenvolvimento profissional e pessoal, que não podem ser dissociados. Uma atuação profissional generalista deve assumir os limites de suas possibilidades e ampliá-los, a partir da colaboração de outros profissionais, incorporando visões e conhecimentos que propiciam soluções de maior complexidade. E a despeito das descontinuidades e bifurcações que o percurso dessa formação possa oferecer, outras conexões e convergências serão sempre resultantes do imponderável.

2 Que leituras se podem extrair das análises desses jardins sob a perspectiva da prática projetual do arquiteto e urbanista?

→ Considerando-se o viés estabelecido, as análises indicaram as seguintes leituras: apesar de uma atuação projetual complementar, junto aos arquitetos e urbanistas cearenses, e das restrições de meios e recursos para a implantação de suas propostas, Burle Marx mantém nas diferentes concepções, a essência dos princípios que vão se constituindo ao longo de sua trajetória, possibilitando que novos padrões de vida ocorram, em consonância com a harmonia e a beleza de formas e associações naturais, artificialmente organizadas; mantém a possibilidade do viés educacional, funcional e estético desses jardins, motivação tão cara ao paisagista e, segundo ele, fundamental às novas gerações, na perspectiva da sustentabilidade global. Quanto maior a conexão e a complexidade de abordagem nos diferentes processos de concepção, mais consistentes e duradouros são os resultados, e mais facilmente são capazes de sustentar mudanças e adequações.

1 Considerando-se o contexto sociocultural de Fortaleza, como surgem os jardins de Roberto Burle Marx na cidade?

→ Esses jardins surgem da íntima conexão entre a atuação de um paisagista internacionalmente reconhecido e uma diferenciada proposta do arquiteto carioca Acácio Borsó, igualmente digna de nota, que se constitui no campo profissional e pessoal, traduzindo a paixão e a dedicação com que ambos conduziam seus ofícios e suas vidas.

Foram potencializados pela visão moderna do empreendedor Benedito Macedo, que mais que os meios materiais para sua efetivação, detinha o arrojo e a determinação para encarar o desafio que o novo sempre proporciona. Esse homem possibilitou e encarnou a experiência a partir de uma sintonia de aspirações e de práticas, junto aos responsáveis pelas propostas projetuais e, claro, com sua família.

Isso, relacionado a um contexto sociocultural cuja dinâmica implicava alterações na estruturação urbana de Fortaleza, na constituição social pautada por novos parâmetros e, em um contexto cultural cujo processo de constituição se orientava de forma mais determinada por referências de certos centros, viabilizaram a realização dos jardins de Burle Marx.

Desse modo, dada a trama de descontinuidades e conexões aqui elencadas, que perpassam todos os jardins residenciais de Roberto Burle Marx em Fortaleza, não se pode negar a importância e a necessidade de discutir a des-

tinação desse objeto arquitetônico, paisagístico e urbanístico, em função de suas singularidades e da condição de indefinição de uso na qual se encontra até o momento, ainda que isso não componha o escopo desta proposta.

E mesmo que não se possa vislumbrar uma perspectiva clara e consistente a esse respeito, é possível agora vislumbrar um passado próximo de uma produção projetual, para, por meio dela, questionar-se sobre a construção do futuro, tendo-se em conta que a coexistência de tempos comparece como resultante dos trabalhos pretéritos de muitas gerações, a enriquecer o patrimônio material e imaterial de uma cidade.

NOTAS

- 1 Esta iniciativa foi implementada por orientação da Profa. Ana Rita Sá Carneiro, que, em visita a Fortaleza, em 2005, para conhecer os jardins de Burle Marx na cidade, sugeriu que esses jardins fossem incorporados como tema de intervenção projetual na disciplina de Paisagismo, possibilitando o inventário e a discussão sobre a manutenção e conservação deles, e oportunizando a atividade de pesquisa, concomitantemente à atividade docente.
- 2 Sobre o Laboratório da Paisagem, é necessário dizer que a intenção inicial era que se constituísse um laboratório interinstitucional entre a UFC e a Unifor, por intermédio dos seus respectivos cursos de Arquitetura e Urbanismo, o que acabou não se efetivando institucionalmente, embora se desenvolvam pesquisas em conjunto, agora entre o Laboratório da Paisagem, Unifor, e o Laboratório de Estudos em Arquitetura e Urbanismo, LEAU, UFC. Sua idealização teve como ponto de partida, a montagem de uma rede Norte e Nordeste de pesquisadores, por ocasião do Encontro Paisagem na História – Jardins e Burle Marx no Norte e Nordeste, realizado pelo Laboratório da Paisagem, da UFPE, em junho de 2007, em Recife.
- 3 Para assistir ao Seminário, acessar <<http://www.youtube.com/watch?v=HuMGKNaIj8E>>.
- 4 Os palestrantes e mediadores referidos foram: Ana Maria Tavares (USP/SP Brasil), Enrico Rocha (CE Brasil), Fabíola López-Durán (Rice University/TX USA), Fernanda Rocha (Unifor/CE Brasil), Gisele Sanglard (FIOCRUZ/RJ Brasil), Jacqueline Medeiros (CCBNB/CE Brasil), Nikki Moore (Rice University/TX USA), Paulo Herkenhoff (MAR/RJ Brasil), Renato Pequeno e Ricardo Bezerra (ambos UFC/CE Brasil).
- 5 Em 2013, no XIX EIP, o artigo “A importância dos jardins residenciais em Fortaleza, Ceará”, elaborado por Daphny Xavier Ramos da Silva, Gabriela Melo de Pinho Guedes, Italo de Macedo Pereira, Karolyne Moreira Lima e Thiago Barreira Maranhão; e, em 2014, no XX EIP, o artigo “Repertório vegetal de Roberto Burle Marx em Fortaleza” elaborado por Karolyne Moreira Lima, Henoia Luciana da Silva Sampaio, Beatriz Vasconcelos de Azevedo, Davi Callou Gomes e Marina Moreira Marques.
- 6 Essa denominação está presente nas identificações das pranchas (carimbos) dos projetos do Escritório Burle Marx e Cia. Ltda., sob a direção de Haruyoshi Ono, até sua morte, que exibem uma convenção composta por letra seguida de dois blocos de números (J . 68 . 22), significando, segundo o Arquiteto Haruyoshi, jardim (J), ano de contratação do projeto (68 = 1968) e número do projeto naquele ano (22). Segundo depoimentos de Haru e Tabacow, além dessa, existe apenas outra convenção relacionada aos painéis, indicada pela letra P, configurando um sistema de organização implementado por ambos, no escritório.
- 7 Nascido em 1876, em Trieste, inicialmente dedicado à Entomologia; foi contratado como zoólogo do Museu Paraense Emílio Goeldi, em 1899, onde, sob influência do botânico Jacques Huber, vai transformando seus interesses e atividades de pesquisa de campo por meio da coleta de material botânico e de importantes publicações científicas na área. Muda-se para o Rio de Janeiro, em 1918. Contratado pelo Jardim Botânico, continua seus trabalhos sobre a Amazônia, aposentando-se em 1945. Dedicou-se então a estudar a flora de Pernambuco. Fixa-se em Fortaleza, em 1954, para realizar seu último trabalho: o estudo botânico do Ceará, aqui falecendo em 1959.
- 8 Pintor expressionista alemão, contratado como professor da ENBA por Lúcio Costa.
- 9 A morte de Luiz Nunes, também no ano de 1937, é destacada por Guilah Naslavsky, professora da UFPE, em sua tese, no doutorado, como a descontinuidade de uma trajetória vanguardista em Pernambuco, como um centro que também difundiu o ideário da arquitetura moderna, além do Rio de Janeiro e de São Paulo, hegemonicamente abordados pela historiografia brasileira.
- 10 Nícia Bormann lecionou a disciplina de Paisagismo na UFC, entre 1977 e 1979 e, na UNB, entre 1983 e 1991, onde também defendeu o mestrado.
- 11 Ricardo Bezerra é o responsável pela disciplina desde 1987, tendo cursado mestrado nos EUA e doutorado na Inglaterra.

- 12** A respeito da SEMA, criada em 1973, em Brasília um depoimento de Fernando Chacel nos Anais do V ENEPEA, no Rio de Janeiro, em 2002, aponta seu responsável, o advogado Paulo Nogueira Neto, como “artífice da Política Ambiental Brasileira”, tendo dotado o Brasil “de uma legislação ambiental sólida e abrangente”, só consolidada no tocante ao Desenvolvimento Sustentável, em 1986 (CHACEL, 2001, p. 21), por meio da Resolução no 001 do CONAMA, que implementou a “Avaliação de Impacto Ambiental como um dos instrumentos da Política Nacional do Meio Ambiente”.
- 13** Roberto Burle Marx e Paulo Nogueira Neto estavam presentes à solenidade de fundação da ABAP, na FAU-USP.
- 14** Sobre a origem desse curso e atualização de informações sobre a implantação desse campo disciplinar, ver “A institucionalização do ensino de Arquitetura Paisagística no Rio de Janeiro”, de 2017, disponível em <https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/121562>.
- 15** A arquiteta paisagista foi professora assistente e pesquisadora associada na *Harvard University*, com produção expressiva e reconhecida por premiações. Atualmente, preside o escritório de *design* multidisciplinar, fundado por ela, Vaccarino & Associates, Inc.
- 16** A análise em pauta foi apresentada em palestra no V ENEPEA, no Rio de Janeiro, em 2000, e posteriormente publicada no periódico Paisagem e Ambiente.
- 17** O edifício Aureliano Hoffmann, onde funciona essa secretaria, dispõe de painel concebido por Burle Marx em 1954, projetado pelo arquiteto Ary Garcia Roza, amigo com quem Roberto desenvolveu outras obras no Estado. Ary é também autor do projeto do edifício administrativo do Sítio Roberto Burle Marx.
- 18** A Sra. Ignez Fiuza é mãe do arquiteto Luiz Fiuza, autor do projeto da residência Stela Rolim e Pio Rodrigues Neto.
- 19** O projeto é o de número 42, do ano de 1993, e 2.475 no geral. Burle Marx faleceu em junho de 1994.
- 20** Trabalho que contou com o apoio do especialista em botânica, Sérgio Castro.
- 21** Sobre esta convenção de projeto, cabe salientar que, atualmente, alguns paisagistas utilizam ao invés de número, um código de cinco letras, tomadas como referência nos nomes científicos das espécies vegetais, facilitando sua identificação (e.g.: *Turnera subulata* – TURSU).
- 22** Sobre o equívoco nessa identificação, consultar a publicação Plantas daninhas do Brasil, 4ª. Edição, de Harri Lorenzi, p. 619.
- 23** Sobre estas classificações, sugere-se consultar os autores: Cesar Floriano, Clarival do Prado Valladares, Mário Pedrosa e Marta Iris Montero, referenciados ao final. Assim como José Tabacow, que as nega amplamente.
- 24** Esse edifício tem projeto arquitetônico de autoria do escritório Nasser Hissa e de arquitetura de interiores de Janete Costa, também responsável pela arquitetura de interiores da residência do casal Stela e Pio. Sua construção coube à Construtora Veneza, dirigida pelo engenheiro civil Xisto de Medeiros Filho, também responsável pela construção da residência Denise e José Carlos Pontes.
- 25** Atualmente, o bairro onde essa residência se localiza é denominado Praia do Futuro I, enquanto que a residência Stela Rolim e Pio Rodrigues se localiza no Bairro de Lourdes.
- 26** Borsóí se formou em 1949 pela Faculdade Nacional de Arquitetura, tendo convivido com Oscar Niemeyer, Lúcio Costa e outros mestres cariocas. Trabalhou, ainda como estudante, com Afonso Eduardo Reidy, Alcides da Rocha Miranda e Joaquim Cardozo. Seu percurso profissional passou pelo Patrimônio Histórico, ao lado de Rodrigo de Melo Franco, e por influência do seu pai, Antônio Borsóí, que cursara desenho no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, também contemplou o desenvolvimento de pequenos projetos nos quais costumava desenhar mobiliário e luminárias (NASLAVSKY, 2004).
- 27** Posteriormente transformada em Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal de Pernambuco.

- 28** Data estimada pela proprietária Edyr Rolim, tomando como referência o ano de sua ocupação, 1961.
- 29** Esse bairro teve seus limites redefinidos, e, hoje, o conjunto se localiza no bairro do Meireles.
- 30** Essa distribuição possibilita o aproveitamento da ventilação predominante na direção sudeste/leste.
- 31** Transformada nos anos 1990 em parque público, com projeto de Rosa Kliass, é administrado pela Fundação Aron Birman e denominado Parque Burle Marx (OLIVEIRA, 2003).
- 32** Arquiteto chileno que substituiu Witt Olaf Prochnik na equipe do Escritório Técnico Roberto Burle Marx, juntamente com os arquitetos John Stoddart, Robert Clark, e Maurício Monte, respectivamente inglês, norte-americano e brasileiro (OLIVEIRA, 2003).
- 33** O trabalho dessa artista foi incorporado por Oscar Niemeyer nos vitrais da catedral e da Câmara de Deputados de Brasília.
- 34** Segundo Borsó, algumas pelo próprio Burle Marx.

REFERÊNCIAS

- ABBUD, Benedito. *Criando paisagens: guia de trabalho em arquitetura paisagística*. São Paulo: Editora Senac SP, 2007.
- ALEX, Sun. *Projeto da praça: convívio e exclusão no espaço público*. São Paulo: Ed. Senac, 2008. 291 p.
- ALVES, Henrique P.P. Roberto Burle Max. A invenção do jardim moderno. In: *Arquitetura & Urbanismo*. Documento. Ano 12, n. 75, dez./jan., 1998.
- AMARAL, Aracy. A. (Org.) *Dos murais de Portinari aos espaços de Brasília*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1981.
- AMARAL, Izabel. *Um Olhar sobre a obra de Acácio Gil Borsoi: obras e projetos residenciais, 1953-1970*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2004.
- ARAGÃO, Solange. *Ensaio sobre o jardim*. São Paulo: Global, 2008.
- BARROS, Manoel de. *O livro das ignoranças*. 14. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1993.
- BEZERRA, Ricardo F. et al. *Roberto Burle Marx e o Teatro José de Alencar: um projeto em dois tempos*. Fortaleza: Laboratório de Estudos em Arquitetura e Urbanismo, UFC; Laboratório da Paisagem, UNIFOR, 2012. 140p.
- BOLETIM ABEA. *Boletim 1/76*. São Paulo, 1976. Versão digital disponibilizada por Ana Carolina Alves.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo*. <Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces06_06.pdf>. Acesso em: 4 out. 2013.
- CALS, Soraia. *Roberto Burle Marx*. Uma fotobiografia. Rio de Janeiro: Soraia Cals, 1995.
- CALS, Soraia. *Roberto Burle Marx: pintor*. Catálogo Leilão Exposição. Rio de Janeiro: Soraia Cals, Escritório de Arte, 2003.
- CALVINO, Ítalo. *Palomar*. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CARDOSO, Sérgio N. Aos homens, o paraíso. *Ecologia e desenvolvimento*. Páginas verdes. Rio de Janeiro: Editora Terceiro Mundo, ano 2, n. 31. set, 1993.
- CARDOZO, Joaquim. Discurso aos novos arquitetos (1957). In: CARDOZO, Joaquim. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. p. 634-636.
- CARDOZO, Joaquim. Terra do Mangue. A Roberto Burle Marx (1947). In: CARDOZO, Joaquim. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. p. 171.
- CARNEIRO, Ana R. S. A produção Paisagística Brasileira entre 1930 e 1976. In: FARAH, I., SCHLEE, M. B.; TARDIN, R. (Orgs.). *Arquitetura Paisagística Contemporânea no Brasil*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010. 232p.
- CARNEIRO, Ana R. S.; SILVA, Aline de F.; SILVA, Joelmir M. da (Orgs.). *Jardins de Burle Marx no Nordeste do Brasil*. 1. ed. Recife: Editora UFPE, 2013. 251 p.
- CAVALCANTI, Lauro; EL-DAHDAH, Farès. *Roberto Burle Marx 100 anos*. A permanência do instável. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.
- CHACEL, Fernando M.; AB'SÁBER, Aziz. *Modelo de Curso de Planejamento Paisagístico*. Brasília: Departamento de Documentação e Divulgação, 1976.
- CHACEL, Fernando. *Paisagismo e ecogênese*. Rio de Janeiro: Editora Fraiha, 2001.
- COSTA, Lúcio. ENBA 1930-31. Situação do ensino na Escola de Belas Artes. In: Lúcio Costa. *Registro de uma vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.
- COSTA, Lucio. *Registro de uma vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.
- DARDEL, Eric. *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DIÓGENES, Beatriz H. N.; PAIVA, Ricardo A. Jardins de Burle Marx em Fortaleza. In: Encontro Regional Paisagem na História. Jardins de Burle Marx no Norte e Nordeste. *Anais...* Recife: Laboratório da Paisagem, UFPE, 2007. 1 CD-ROM.

- DIÓGENES, Beatriz H. N.; PAIVA, Ricardo A. Caminhos da Arquitetura Moderna em Fortaleza: a contribuição do arquiteto Acácio Gil Borsóí. In: 2º Seminário DOCOMOMO N-NE. *Anais...* Salvador: Faculdade de Arquitetura, UFBA, 2008. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/ri/bitstream/riufc/9468/1/2008_eve_caminhos.pdf> Acesso em: 21 abr. 2014.
- DOURADO, Guilherme M. *Modernidade Verde: Jardins de Burle Marx*. São Paulo: Senac, 2009.
- DUCKE, Adolpho. Explorações botânicas e entomológicas no Estado do Ceará. *Revista trimestral do Instituto do Ceará*, v. 24, p. 3-61, 1910. Disponível em: < http://portal.ceara.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=33639:1910-exploracoes-botanicas-e-entomologica-s&catid=462&Itemid=101>. Acesso em: 21 out. 2014.
- EGLER, Walter A. Adolpho Ducke - Traços biográficos, viagens e trabalhos. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Nova série. Botânica, n. 18, maio, 1963. Belém, 1963.
- FARAH, Ivete. *Poética das árvores urbanas*. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2008. 236 p.
- FARAH, Ivete; SCLHEE, Mônica; TARDIN, Raquel. Introdução. In: FARAH, Ivete; SCLHEE, Mônica; TARDIN, Raquel (Orgs.). *Arquitetura Paisagística Contemporânea no Brasil*, 2010, p. 19-31.
- FLORIANO, Cesar. Poética da criação de Roberto Burle Marx: gênese do jardim moderno no Brasil. *Manuscrita*. Revista de Crítica Genética, v. 2, n. 24, 2013.
- FLORIANO, Cesar. Passeio de Copacabana: uma referência da arte pública de Roberto Burle Marx. *8 Seminário Docomomo Brasil 2009. Cidade Moderna e Contemporânea: Síntese e Paradoxo das Artes*.
- FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mocambos*. São Paulo: Global, 2004. (1. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936).
- GONÇALVES, Lisbeth R. (Org.). *Arte e Paisagem*. A estética de Roberto Burle Marx. São Paulo: Museu de Arte Contemporânea da USP, 1997.
- GUERRA, Abílio. Lúcio Costa, Gregori Warchavchik e Roberto Burle Marx: síntese entre arquitetura e natureza tropical. *Revista USP*, São Paulo, n. 53, p. 18-31, 2002.
- GUTIERREZ, Ester J. B. A Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura e os seus primeiros tempos (1973-1985). In: MONTEIRO Ana M. R. G. et al. (Orgs.). *A Construção de um novo olhar sobre o ensino de Arquitetura e Urbanismo no Brasil*. Os 40 anos da ABEA. Brasília: ABEA, 2013.
- HAMERMAN, Conrad. Roberto Burle Marx: The last interview. In: *The Journal of Decorative and Propaganda Arts*, n. 21, Miami, 1995.
- HERKENHOFF, Paulo. Do Recife para o Mundo: o Pernambuco moderno antes do modernismo. In: INSTITUTO CULTURAL BANDEPE. *Pernambuco Moderno*. Recife, 2006, p. 26-65. Catálogo exposição.
- IMBERT, Dorothée. Parterres no ar: Roberto Burle Marx e o jardim suspenso modernista. In: CAVALCANTI, Lauro; EL-DAHDAH, Farès. *Roberto Burle Marx 100 anos*. A permanência do instável. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.
- JAKOB, Michael. *El jardín y la representación: pintura, cine y fotografía*. Madrid: Siruela, 2010. 95 p.
- JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota - *Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza (1945-1960)*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2000.
- KATHOUNY, Saide. Por uma arqueologia da paisagem. In: KATHOUNY, Saide; MAGNOLI, Miranda M.; TOMINAGA, Yasuko. (Org.). *Discutindo a Paisagem*. Coleção Paisagem Aberta, v. 1., p. 75-97. São Carlos: RiMa, 2006.
- KLIASS, Rosa G. Desenhando paisagens, moldando uma profissão. In: KLIASS, Rosa G.; ZEIN, Ruth V. *Rosa Kliass: desenhando paisagens, moldando uma profissão*. Senac, São Paulo, 2006.
- LEENHARDT, Jacques (Org.). *Nos Jardins de Burle Marx*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2000.
- LIMA, C. P. C. dos S. et al. O ensino de paisagismo no curso de graduação da FAU-USP. In: *Anais do I Encontro de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura*. Rio de Janeiro: UFRJ FAU, FUJB, 1994. 220p.
- LORENZI, Harri. *Plantas daninhas do Brasil*. 4. ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2013.
- MACEDO, Silvío S. *Quadro do paisagismo no Brasil*. São Paulo: [s/l.: s/n.], 1999.

- MACEDO, Silvio S. O paisagismo moderno brasileiro – além de Burle Marx. In: *Paisagens em Debate*. Revista eletrônica da área Paisagem e Ambiente, FAUUSP - n. 1, out. 2003. Disponível em: <<http://www.fau.usp.br/deprojeto/gdpa/paisagens/artigos/2003SilvioM-Burle.pdf>> Acesso em: 21 abr. 2014.
- MAGNOLI, Miranda M. E. M. *Espaços livres e urbanização: Uma introdução a aspectos da paisagem metropolitana*. São Paulo, Tese de livre-docência, FAU-USP, 1982.
- MAGNOLI, Miranda M. E. M. "Espaços Livres: Objeto de Trabalho". In: *Paisagem e Ambiente: Ensaios*, n. 21, p. 175-198, 2006.
- MAGRINI, Alessandra. Política e gestão ambiental: conceitos e instrumentos. *Revista Brasileira de Energia*, v. 8, n. 2, 2001. Disponível em: <www.sbpe.org.br/socios/download.php?id=156>. Acesso em 21 mar. 2013.
- MALAMUT, Marcos. *Paisagismo: projetando espaços livres*. Lauro de Freitas, BA: Livro.com, 2011.
- MARX, Roberto B. *Roberto Burle Marx*. Folheto. São Paulo: FAUUSP, 1971. 21 p.
- MARX, Roberto B. *Ecologia e Paisagismo*. Inter Facies. Escritos e Documentos. São Paulo: UNESP, 1981.
- MARX, Roberto B. O prazer de viver e trabalhar com a natureza. *Projeto*, São Paulo, n. 146, 1991. p. 58-63. Entrevista a Guilherme Mazza Dourado.
- MARX, Roberto B. Conceitos de composição em paisagismo (1954). In: TABACOW, José (Org.). *Roberto Burle Marx. Arte & Paisagem*. São Paulo: Studio Nobel, 2004. p. 23-33.
- MARX, Roberto B. Jardins residenciais (1968). In: TABACOW, José (Org.). *Roberto Burle Marx. Arte & Paisagem*. São Paulo: Studio Nobel, 2004. p. 97-103.
- MARX, Roberto B. Paisagismo e Flora brasileira (1975). In: TABACOW, José (Org.). *Roberto Burle Marx. Arte & Paisagem*. São Paulo: Studio Nobel, 2004. p. 115-125.
- MONTERO, Marta I.; WRIGHT, Ann. *Burle Marx. The Lyrical landscape*. Londres: Thames & Hudson, 2001.
- MOTTA, Flavio L. *Roberto Burle Marx e a Nova Visão da Paisagem*. 3. ed. São Paulo: Nobel, 1986.
- MOURA, N. B. de; ROCHA, F. C. L.; BEZERRA, R. F. Sistema de espaços livres públicos e seus elementos determinantes: o caso de Fortaleza/CE. In: TÂNGARI, V. R.; ANDRADE, R. de; SCHLEE, M. B. (Orgs.). *Sistema de espaços livres: o cotidiano, apropriações e ausências*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Pós-Graduação em Arquitetura, 2009. Colóquio Nacional QUAPÃ-SEL 4. p. 420-439.
- NASLAVSKY, Guilah. *Arquitetura Moderna em Pernambuco, 1951-1972*. As contribuições de Acácio Gil Borsó e Delfim Fernandes Amorim. Tese (Doutorado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. O pensamento de Heidegger sobre arquitetura. In: NESBITT, K. (Org.). *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)*. Tradução: Vera Pereira. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- OLIVEIRA, Ana R. de. Roberto Burle Marx (1992). *Entrevista*. 006.01, ano 2, abr. 2001. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/02.006/3346>>. Acesso em: 21 abr. 2014.
- OLIVEIRA, Ana R. de. Bourle Marx ou Burle Marx? *Arquitextos*. 013.01, ano 2, jun. 2001. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.013/876>>. Acesso em: 21 abr. 2014.
- OLIVEIRA, Ana R. de. Nove anos sem Burle Marx. *Arquitextos*. 037.01, ano 4, jun. 2003. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.037/675>> Acesso em: 8 out. 2014.
- OLIVEIRA, Ana R. de. Arte e Natureza: o legado de Roberto Burle Marx. In: LEAL, Aline (Org.). *Um olhar ecológico*. Rio de Janeiro: UAPÊ, 2007.
- PAIVA Ricardo A.; DIÓGENES, Beatriz H. N. Caminhos da Arquitetura Moderna em Fortaleza: a contribuição do paisagista Roberto Burle Marx. In: *8º Seminário DOCOMOMO Brasil. Anais...* Rio de Janeiro: Docomomo Brasil, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/docomomo/seminario%208%20pdfs/066.pdf>> Acesso em: 21 abr. 2014.
- PEDROSA, Mário. A arquitetura moderna no Brasil. In: AMARAL, Aracy (Org.). *Dos Murais de Portinari aos espaços de Brasília*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1981.

- PIMENTEL, Brutus Abel Fratuci. Os espaços livres residenciais na cidade de São Paulo. In: *Revista Paisagem e Ambiente: Ensaios*. n. 11. São Paulo, p. 13-40, 1998.
- QUEIROGA, E. et al. Notas gerais sobre os sistemas de espaços livres da cidade brasileira. In: SOARES, M.; QUEIROGA, E.; GALENDER, F. (Orgs.). *5º Colóquio da Pesquisa Quapá-SEL Anais...* São Paulo: FAU USP, 2010. 1-12. (CD-ROM).
- REIS FILHO, Nestor G. *Quadro da Arquitetura no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- RIZZO, Giulio G. *Roberto Burle Marx*. Il Giardino del Novecento. Cantini: [s/n.], 1992.
- ROCHA, Fernanda C. L.; BEZERRA, Ricardo F. Roberto Burle Marx em Fortaleza: Residência Benedito Macedo. Mundo UNIFOR: Evolução e Sustentabilidade. *IX Encontro de Pós-Graduação e Pesquisa*. Fortaleza, 2009. CD-ROM.
- ROCHA, Fernanda C. L. Residência Benedito Macedo - CE: duas versões de um espaço. *10º Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura e Urbanismo no Brasil*. ENEPEA. Porto Alegre: 2010.
- ROCHA, Fernanda; ALDIGUERI, Camila; AGDA, Andrea. Anatomia da situação de aprendizagem em Paisagismo, no curso de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade de Fortaleza - UNIFOR. In: *12º Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura no Brasil*. Anais... Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2014. 1 CD ROM.
- ROCHA JR. Antônio M. da. *O mar e a expansão urbana de Fortaleza*. Monografia (Curso de Aperfeiçoamento em Arquitetura/Instrumentação Crítica). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1984.
- ROGER, Alain; VEUTHEY, Maysi; MADERUELO, Javier. *Breve tratado del paisaje*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2007.
- SANDEVILE JR, Euler. Paisagem. In: *Paisagem e Ambiente: ensaios*, n. 20, p. 47-59. São Paulo FAU, 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/paam/article/view/40228/43094>> Acesso em: 1 jul. 2013.
- SANTANA, Geraldo. Presença de Joaquim Cardozo na Arquitetura Brasileira (2004). In: CARDOZO, Joaquim. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. p. 55-61.
- SEGAWA, Hugo. Marxismo verde. In: DOURADO, Guilherme M. *Modernidade Verde: Jardins de Burle Marx*. São Paulo: Senac, 2009. p. 8-13.
- SILVA, José Borzacchiello da. A cidade contemporânea no Ceará. In: SOUSA, Simone de. *Uma nova História do Ceará*. 3. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004. 448 p.
- SOUZA, Marcos N. et al. *Diagnóstico geoambiental do Município de Fortaleza: subsídios ao macrozoneamento ambiental e à revisão do Plano Diretor Participativo*. Fortaleza: Prefeitura Municipal de Fortaleza, 2009.
- SIQUEIRA, Vera B. *Espaços da Arte Brasileira/Burle Marx*. São Paulo: Cosac&Naify, 2001.
- SORAIA CALS. Escritório de Arte. *Catálogo de Leilão e Exposição, 2003*. Rio de Janeiro: [s/n.], 2003.
- SPOSITO, Eliseu S. *Geografia e Filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico*. São Paulo: Editora UNESP, 2004. 219 p.
- TABACOW, José (Org.). *Roberto Burle Marx*. Arte & Paisagem. São Paulo: Studio Nobel, 2004.
- TAVARES, Ana M. *NATURAL—NATURAL: Paisagem e Artífício*. Catálogo Exposição. Fortaleza e Juazeiro do Norte, 2013.
- VACCARINO, Rossana. Interpreting and preserving the work of Roberto Burle Marx: in search for new approaches. In: *Paisagem e ambiente: ensaios*, n. 16, p. 9-42, 2002. São Paulo: FAU, 2002.
- VALLADARES, Clarival do Prado. "Roberto Burle Marx; Pintura em forma de jardim". In: COSTA, Lúcio et al. *Burle Marx: Homenagem à natureza*, São Paulo: Vozes, 1979.
- VIANNA, Mônica P. *Da edificação ao traçado urbano*. A experiência de planejamento regional integrado na CESP. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Carlos, 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/102/102132/tde-30082012-164405/pt-br.php>> Acesso em: 1 jul. 2013.

VILLAÇA, Flávio. *Espaço intra-urbano no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 2001.

VILLAC, Maria I. O exemplar do exemplo. In: ROCHA, Paulo M. *Mendes da Rocha*. Trad. Vander Savio L. da Silva. Barcelona: Editorial Blau, 1996.

WARHAVCHIK, Gregori. Importância e diretivas da arquitetura brasileira. (1958). In MARTINS, Carlos A. F. *Arquitetura do século XX e outros escritos*. Gregori Warchavchik. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

XAVIER, Alberto; SOUZA, Abelardo de. *Arquitetura moderna brasileira: depoimento de uma geração*. [s/l.]: Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura, 1925.

COLEÇÃO ESTANTE CEARÁ

Biograficidade – A arte urbana na formação de si e do espaço

Alessandra Oliveira Araújo

Carisma e renovação da tradição católica em Fortaleza

Emanuel Freitas da Silva

Fortaleza de afetos – Imagens e narrativas de uma cidade entre muros

Lara Denise Oliveira Silva

Os jardins residenciais de Roberto Burle Marx em Fortaleza – Entre descontinuidades e conexões

Fernanda Cláudia Lacerda Rocha

Mediação de leituras na periferia de Fortaleza

Vanusa Benicio Lopes

As mulheres da Linha 304

Viviane de Araújo Menezes

Nas ondas do Titanzinho – Natureza, memória, corpo e cultura em Fortaleza

André Aguiar Nogueira

Novas centralidades urbanas – O bairro da Aldeota em Fortaleza

Beatriz Helena Nogueira Diógenes

Pajeú – Memória, espaço e tecnologia

Ana Cecília de Andrade Teixeira

Perfume Azul – Rock e transgressão em Fortaleza nos anos 70

Mona Gadelha

Do ponto do chafariz às águas da intelectualidade – As mudanças de usos da Praça Clóvis Beviláqua

José Maria Almeida Neto

Os sobreviventes do Conexões – Direito à comunicação na periferia de Fortaleza

George Torres

© Fernanda Cláudia Lacerda Rocha, 2023
© Fundação Waldemar Alcântara, 2023

FUNDAÇÃO WALDEMAR ALCÂNTARA

Presidente

Claudia Feitosa Peixoto Mota

Vice-presidente

Maria Auxiliadora Lemos Benevides

COLEÇÃO ESTANTE CEARÁ

Coordenação editorial

Silvia Furtado e Dora Freitas

Capa, projeto gráfico e composição

Alvaro Beleza

Fotografia da capa

Jarbas Oliveira

Revisão

Lucas Carneiro

Produção

Fernando Braga

Assessoria digital

Feijó Júnior

Impressão e acabamento

Expressão Gráfica

Este livro foi composto na fonte Degular,
projetada por James Edmondson.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rocha, Fernanda Cláudia Lacerda

Os jardins residenciais de Roberto Burle Marx em Fortaleza :
entre descontinuidades e conexões / Fernanda Cláudia Lacerda
Rocha. -- 1. ed. -- Fortaleza, CE : Fundação Waldemar Alcântara -
FWA, 2023. -- (Coleção Estante Ceará)

ISBN 978-65-992438-7-5

1. Jardins 2. Jardinagem paisagística 3. Marx, Roberto Burle, 1909-
1994 4. Paisagismo - Brasil I. Título. II. Série.

23-144092

CDD-712

Índices para catálogo sistemático:

1. Marx, Roberto Burle : Jardins : Projetos paisagísticos 712

Henrique Ribeiro Soares - Bibliotecário - CRB-8/9314

Fundação Waldemar Alcântara

www.fwa.org.br

Rua Júlia Vasconcelos, 100, Pio XII

Fortaleza, Ceará, 60120-320

REALIZAÇÃO



APOIO

MINISTÉRIO DA
CULTURA





Fernanda Cláudia Lacerda Rocha é Diretora do Portas Abertas – Experiências e aprendizagem cultural (@oficialportasabertas) e do escritório Fernanda Rocha Arquitetura e Urbanismo (@fernandarocha_arqurb). Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela UFC (1986). Especialista em Paisagismo pela PUC-PR (2004) e em Ensino de Arquitetura Paisagística pela FUPAM-USP/IFLA/ABAP/UNESCO (2007). Mestra em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia ProPGeo-UECE (2014) e mestra em Arquitetura e Urbanismo MINTER MACKENZIE/UNIFOR (2015). Foi, por 21 anos, professora da graduação em Arquitetura e Urbanismo, da Universidade de Fortaleza, onde implantou e desenvolveu a disciplina de Paisagismo e, em 2009, a pós-graduação *lato sensu* em Paisagismo, que coordenou até a turma 4. Ali, também fundou e coordenou por 15 anos o Laboratório da Paisagem – UNIFOR, colaborando em grupos de pesquisa na UFPE e na USP. Lecionou em pós-graduações em Pernambuco e Goiás. Tem atuação, publicações e premiações no ensino e em diferentes áreas de Arquitetura e Urbanismo.

Fale com a autora:

fernandarochaarqurb@gmail.com

REALIZAÇÃO



APOIO

MINISTÉRIO DA
CULTURA

